

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**Guilherme Henriques Gonçalves de Almeida**

**JAIR MESSIAS BOLSONARO NA MÍDIA: A representação do candidato pelo  
jornal O Globo**

**São Borja  
2023**

**Guilherme Henriques Gonçalves de Almeida**

**Jair Messias Bolsonaro na mídia: A representação do candidato  
pelo jornal O Globo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Jornalismo da Universidade Federal  
do Pampa, como requisito parcial para obtenção  
do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. M<sup>a</sup> Sandra Parzianello

**São Borja  
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A447j Almeida, Guilherme Henriques Gonçalves de Almeida  
JAIR MESSIAS BOLSONARO NA MÍDIA: A representação do  
candidato pelo jornal OGlobo / Guilherme Henriques Gonçalves  
de Almeida Almeida.  
121 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Geder Luis Parzianello".

1. representação. 2. política. 3. jornalismo. 4. Bolsonaro.  
5. Análise do Discurso. I. Título.

## **GUILHERME HENRIQUES GONÇALVES DE ALMEIDA**

**JAIR MESSIAS BOLSONARO NA MÍDIA:**

A representação do candidato pelo  
jornal O Globo

TCC apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade  
Federal do Pampa, (UNIPAMPA) como requisito parcial para obtenção  
do Título de Bacharel em Jornalismo

TCC defendido e aprovado em: 10/07/2023

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Geder Luis Parzianello  
Orientador  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Leandro Comassetto  
(UNIPAMPA)

---

Jornalista mestranda Renata Silva  
(PPGCPol UFPel)



Assinado eletronicamente por **GEDER LUIS PARZIANELLO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/07/2023, às 13:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



Assinado eletronicamente por **LEANDRO RAMIRES COMASSETTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/07/2023, às 13:48, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



Assinado eletronicamente por **Renata da Silva, Usuário Externo**, em 11/07/2023, às 12:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1173203** e o código CRC **5459EF5F**.

---

A todos que fazem parte deste sonho

“Eu sou a continuação de um  
sonho Da minha mãe do meu pai  
De todos que vieram antes de  
mim Eu sou a continuação de um  
sonho Da minha vó, do meu vô  
Quem sangrou pra gente poder sorrir”

BK

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo compreender a representação midiática do candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro durante as eleições presidenciais de 2022, utilizando da Análise do Discurso com apoio nas teorias do jornalismo, em um contexto de extrema polarização política. Foi utilizado o jornal O Globo como objeto de análise. Foram analisadas matérias publicadas em três períodos da campanha eleitoral: pré-campanha, primeiro turno e segundo turno. Ao examinar as narrativas midiáticas, o estudo busca compreender como a mídia construiu discursos em torno do candidato, considerando suas tendências antidemocráticas. O trabalho também explora as complexidades e desafios enfrentados pela democracia brasileira nesse contexto. Através dessa investigação, espero contribuir para uma reflexão crítica sobre a relação entre mídia e política no Brasil contemporâneo.

Palavras-Chave: representação, política, Bolsonaro, Análise do Discurso, O Globo, jornalismo



## **ABSTRACT**

Understanding the media representation of the candidate for re-election Jair Messias Bolsonaro during the 2022 presidential elections, in a context of extreme political polarization. Using the newspaper OGlobo as the object of analysis, articles published in three periods of the electoral campaign were examined: pre-campaign, first round, and second round. By examining the media narratives, the study seeks to comprehend how the media constructed discourses around the candidate, considering his antidemocratic tendencies. The work also explores the complexities and challenges faced by Brazilian democracy in this context. Through this investigation, it is hoped to contribute to a critical reflection on the relationship between media and politics in contemporary Brazil.

Keywords: representation, politics, Bolsonaro, Discourse Analysis, OGlobo, jornalismo

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Painel do evento do lançamento de pré-campanha de Bolsonaro (OGlobo, 28/03/2022, pág 04)	27
<b>Figura 2</b> – Gráfico da inflação nos últimos 12 meses(OGlobo, 09/04/2022, pág 15)	37
<b>Figura 3</b> – Foto do presidente com pastores acusados de pedir propina ao MEC (OGlobo, 14/04/2022, pág 04)	40
<b>Figura 4</b> – Suspeitas de corrupção no MEC são detalhadas pelo jornal OGlobo (OGlobo, 14/04/2022, pág 04)	40
<b>Figura 5</b> – Linha do tempo sobre o caso de corrupção no MEC (OGlobo, 29/03/2022, pág 04)	43
<b>Figura 6</b> – Prisão do ministro Milton Ribeiro(OGlobo, 23/06/2022, Capa)	44
<b>Figura 7</b> – Capa distância de Bolsonaro melhora no Auxílio Brasil (OGlobo, 24/06/2022, pág 04)	46
<b>Figura 8</b> – Diálogo de Milton com sua filha em que diz que foi avisado pelo presidente da ação da PF(OGlobo, 25/06/2022, pág 04)	48
<b>Figura 9</b> – Linha do tempo que mostra as mudanças no comando da Petrobras (OGlobo, 25/06/2022,, pág 23)	50
<b>Figura 10</b> – Petrobras volta a capa do jornal há menos de 100 dias das eleições (OGlobo, 2/06/2022,, pág 23)	51
<b>Figura 11</b> – Lula e Bolsonaro lado a lado no início da “Guerra Santa” (OGlobo, 17/08/2022, pág 6)	54
<b>Figura 12</b> – Desinformação é destaque nos primeiros dias da campanha (OGlobo, 18/08/2022, pág 4)	56
<b>Figura 13</b> – Capa destaca fala supostamente mentirosa de Bolsonaro (OGlobo, 23/08/2022, pág 4)	57
<b>Figura 14</b> – Eleição é guerra (OGlobo, 25/08/2022, pág 4)	58
<b>Figura 15</b> – Ações recebidas pelo TSE ilustrada (OGlobo, 01/09/2022, Pág 4)	61
<b>Figura 16</b> – Independência do Brasil é usada por Bolsonaro (OGlobo, 07/09/2022, Capa)	63

<b>Figura 17</b> – Repercussão dos atos de 7 de setembro (OGlobo, 08/09/2022, Capa)	65
<b>Figura 18</b> – Velório da rainha é usado para campanha bolsonarista (OGlobo, 19/09/2022, pág 6)	69
<b>Figura 19</b> – Discurso de Bolsonaro e enquadrado como campanha (OGlobo, 21/09/2022, pág 04)	71
<b>Figura 20</b> – Anúncio do resultado do primeiro turno das eleições (OGlobo, 03/10/2022, Capa)	74
<b>Figura 21</b> – Bolsonaro fortalecido com apoios de governadores do sudeste (OGlobo, 05/10/2022, Capa)	76
<b>Figura 22</b> – Infográfico com apoios aos candidatos no segundo turno das eleições (OGlobo, 06/10/2022, pág 6)	77
<b>Figura 23</b> – Pesquisa positiva para Bolsonaro e contraposta com descontrolado do presidente(OGlobo, 08/10/2022, Capa)	79
<b>Figura 24</b> – Gráfico de ataques aos candidatos a presidente. (OGlobo, 11/10/2022, pág 4)	81
<b>Figura 25</b> – Nova pesquisa Ipec aponta estabilidade nas eleições (OGlobo, 11/10/2022, pág 8)	82
<b>Figura 26</b> – Infográfico mostra contradições entre o discurso e os atos do candidatos (OGlobo, 13/10/2022, pág 4)	84
<b>Figura 27</b> – Lula e Jair Bolsonaro em primeiro debate do segundo turno (OGlobo, 17/10/2022, pág 4)	86
<b>Figura 28</b> – Monitoramento da Palver das mensagem de Whatsapp no segundo turno (OGlobo, 17/10/2022, pág 7)	87
<b>Figura 29</b> – Resposta de Bolsonaro as acusações de pedofilia (OGlobo, 19/10/2022, Capa)	89
<b>Figura 30</b> – Números e estratégias das campanhas nas redes. (OGlobo, 19/10/2022, pág 4)	90
<b>Figura 31</b> – Início da pré-campanha (OGlobo, 28/03/2022, p. 4)	97
<b>Figura 32</b> – Petrobras é tema central nas eleições de 2022 (OGlobo,29/03/2022, p. 13)	98
<b>Figura 33</b> – Escolha caseira para presidência da Petrobras (OGlobo,5/04/2022, p. 13)	99

<b>Figura 34</b> – Sequência Pec Eleitoral do Bolsonaro a 1 mês das eleições (OGlobo,12, 13, 14 e 15 /04/2022, CAPAS)	100
<b>Figura 35</b> – Repercussão da prisão do ex-ministro da educação (OGlobo, 23/06/2022, CAPA e p. 04)	102
<b>Figura 36</b> – Bolsonaro como ameaça à democracia (OGlobo, 22/04/2022, CAPA)	103
<b>Figura 37</b> – Presidentes da Câmara e do Senado saem em defesa das eleições (OGlobo, 29/04/2022, CAPA)	104
<b>Figura 38</b> – Desqualifica falas de Bolsonaro a embaixadores (OGlobo, 19/06/2022, CAPA)	105
<b>Figura 39</b> – Repercussão lançamento oficial da campanha reforça embate com STF (OGlobo, 19/07/2022, CAPA e p. 04)	106
<b>Figura 40</b> – OGlobo divulga posse de Alexandre com recados a Bolsonaro (OGlobo, 17/08/2022, p. 04)	107
<b>Figura 41</b> – Fake news bolsonaristas são destaque (OGlobo, 18/08/2022, p. 04)	108
<b>Figura 42</b> – Repercussão sabatina do Jornal Nacional (OGlobo, 23/08/2022, p. 04)	109
<b>Figura 43</b> – Repercussão evento de independência (OGlobo, 8/09/2022, CAPA)	110
<b>Figura 44</b> – Primeiro debate (OGlobo, 8/09/2022, CAPA e p. 04)	111
<b>Figura 45</b> – OGlobo aponta enfraquecimento eleitoral de Bolsonaro (OGlobo, 20/08/2022, p. 04)	112
<b>Figura 46</b> – Eleição acirrada(OGlobo, 3/10/2022, CAPA)	114
<b>Figura 47</b> – Consolidação de apoios a campanha bolsonarista OGlobo, 5/10/2022, CAPA)	115
<b>Figura 48</b> – Gráfico das representações do candidato Jair Bolsonaro durante os três períodos eleitorais.	116
<b>Figura 49</b> – Jornal relaciona avanço de Bolsonaro ao Auxílio Brasil (OGlobo, 9/10/2022, p. 04)	117

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>DEMOCRACIA: O CASO BRASILEIRO NO SÉCULO XXI...</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>LANÇAMENTO DA PRÉ-CANDIDATURA DO PRESIDENTE À REELEIÇÃO</b>	<b>26</b>
<b>3.1</b>	<b>Petrobras, suspeita de corrupção e “Pacote de Bondades”</b>	<b>33</b>
<b>3.2</b>	<b>A queda do ministro e sua prisão</b>	<b>43</b>
<b>3.3</b>	<b>Início da campanha eleitoral</b>	<b>53</b>
<b>3.4</b>	<b>Segundo turno da campanha</b>	<b>73</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO CANDIDATO PELO JORNAL OGLOBO</b>	<b>93</b>
<b>4.1</b>	<b>Pré-campanha</b>	<b>96</b>
<b>4.2</b>	<b>Primeiro turno</b>	<b>106</b>
<b>4.3</b>	<b>Segundo turno</b>	<b>113</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>118</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>120</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O debate e o interesse pela política estão presentes na minha vida desde as aulas do ensino médio, onde somos ensinados sobre a História do Brasil e sua formação política, passando por períodos como o Império, a Primeira República, o Estado Novo, a Ditadura Militar e a Nova República, na qual nos encontramos hoje.

Esse interesse, repleto de curiosidades e incertezas, se vê explorado com o ingresso na universidade, onde se é desafiado a desenvolver um pensamento crítico. Ao ingressar no curso de Jornalismo, na Universidade Federal do Pampa, surgem novos desafios e questões para um tema que antes era tratado com a informalidade dos debates nas rodas de conversa. Se antes o interesse estava cercado de opiniões óbvias e restrito aos debates ideológicos sobre as atitudes tomadas pelos políticos, agora esse interesse se volta para complexas discussões sobre a relação da mídia e dos meios de comunicação com a prática e as ações políticas.

Essa transformação no pensamento crítico ocorre em grande parte durante os encontros do Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa, do qual participo a convite do professor e meu orientador de TCC, Geder Parzianello, desde o início da graduação. As conversas e discussões sobre diversos temas relacionados ao discurso contribuíram para que a elaboração deste trabalho fosse direcionada por um pensamento mais crítico em relação à formação discursiva e ao papel da mídia na política.

Assim, nesta monografia, busca-se compreender como a mídia, um mecanismo pelo qual a sociedade tem como referência para entender os fatos, representa o candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro durante as eleições presidenciais de 2022 que ocorrem em um contexto de extrema polarização política apoiada pelo fenômeno de extrema direita que se espalha pelo mundo.

Portanto, para a realização da pesquisa, buscou-se analisar as matérias publicadas pelo jornal carioca O Globo durante três períodos da campanha eleitoral, que vão de março a novembro de 2022, sendo eles a pré-campanha, o primeiro e o segundo turnos propostos pela pesquisa. O jornal O Globo foi escolhido por um apego regional, como é carioca e resgata memórias afetivas do início de meu interesse por política e jornalismo. Além disso, O Globo é objeto desta pesquisa por ser um dos jornais mais lidos do país, segundo levantamento do portal Poder360<sup>1</sup> e pelo seu histórico tratamento jornalístico em temas relacionados à política.

Neste estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa com o intuito de atingir o objetivo proposto. A análise do discurso (AD), corrente francesa de estudos do discurso iniciada por

<sup>1</sup> <https://encurtador.com.br/dguzR>

Michel Pêcheux (1975) e enriquecida pelas contribuições teóricas de Eni Orlandi, nos anos 1980 no Brasil, foi a teoria escolhida para ser usada. Segundo Orlandi (2010), na análise do discurso busca-se compreender a língua fazendo sentido como trabalho simbólico, que parte do trabalho social geral, constitutivo do ser humano e de sua história. Portanto, neste trabalho, buscou-se compreender o simbólico por trás das matérias publicadas pelo jornal O Globo.

Assim, a Análise do Discurso (AD) se mostra como um dos métodos possíveis para compreender e analisar os discursos produzidos pelos jornais, tendo como objetivo "compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando os próprios gestos de interpretação que são considerados como atos no domínio simbólico" (ORLANDI, 2010, p. 26).

Além disso, foram incorporados conceitos teóricos de representação, conforme Orlandi (op.cit.), e com base também em teorias do jornalismo, de acordo com Nelson Traquina (2005), a fim de realizar a investigação utilizada.

Assim, este trabalho está dividido em três capítulos. Acompanhando o tema da democracia, no capítulo 2, temos o objetivo de fornecer um contexto mais abrangente sobre a emergência do populismo bolsonarista e analisar suas implicações para o regime democrático do Brasil. Durante o período eleitoral, o jornal O Globo apresentou aos leitores a narrativa de um candidato com tendências antidemocráticas. No entanto, surgia a questão: como é possível que um candidato que reivindica falar em nome da liberdade possa representar uma ameaça à própria democracia? Essa aparente contradição é fundamental para entendermos as complexidades e os desafios enfrentados pela democracia brasileira nesse contexto, como veremos ao longo do trabalho.

Já o terceiro capítulo apresenta uma descrição cronológica das matérias publicadas pelo jornal O Globo. Nesse momento da descrição, retomaram-se as questões discutidas durante a graduação, sendo a principal delas a relação entre a mídia e a prática política, nascidas dos encontros no grupo de pesquisa e nas aulas em diversos componentes curriculares. De acordo com o cientista político Luis Felipe Miguel (2002), é importante compreender a relação bilateral existente entre o discurso político e o midiático, uma vez que eles têm uma relação direta de interferência na construção um do outro.

É necessário, em primeiro lugar, o reconhecimento de que a mídia é um fator central da vida política contemporânea e que não é possível mudar este fato. Ou seja, é ocioso alimentar a nostalgia de "tempos áureos" da política, quando imperava o verdadeiro debate de idéias, sem a preocupação com a imagem ou a contaminação pelas técnicas da publicidade comercial (MIGUEL, 2002, p. 158)

Percebe-se, conforme Miguel (2002), a interferência dos meios de comunicação na construção do debate político, o que aproxima o jornalismo de uma visão de ator político com responsabilidade. Dessa forma, compreende-se o papel político do jornalismo, que vai além de uma instituição genérica denominada "jornalismo". Em concordância com Timothy E. Cook (2011), cientista político e professor de jornalismo, o jornalismo deve ser considerado uma instituição política, e os jornalistas, por consequência, são atores dessa produção. No entanto, Cook (2011) também aponta que a subjetividade do sujeito por trás da produção não implica necessariamente que a produção jornalística responda apenas a um interesse ideológico.

O jornalismo deve ser considerado não só como uma instituição, mas também como instituição política; em outras palavras, os jornalistas são atores políticos. Isso não significa que os repórteres tenham lâminas políticas a afiar ou sigam conscientemente agendas partidárias ou ideológicas particulares. Ao contrário, o que complica estabelecer o papel político dos jornalistas é que sua influência política pode decorrer de sua adesão a princípios de objetividade e deferência aos fatos e sua distância "custe o que custar" em relação às consequências sociais e políticas de sua cobertura, e não a despeito dessa adesão. (COOK, 2011, p. 203)

A relação entre os atores políticos e o jornalismo não se dá apenas pelo caráter subjetivo e ideológico da produção jornalística. Segundo Cook (2011), embora os políticos tenham o poder de definir as regras e condições para o acesso e produção do conteúdo jornalístico, cabe ao jornalista decidir quais fatos são verdadeiramente relevantes a ponto de serem pautados.

Assim, enquanto os políticos ditam as condições e regras de acesso e indicam certos eventos e questões como importantes criando uma arena para eles, os repórteres podem tomar esse material (e o fazem) para decidir se algo é suficientemente interessante para ser coberto e depois construído como narrativa coerente. (COOK, 2011, p. 209)

Essa relação é compreendida pela teoria da agenda-setting ou do agendamento, desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972). Em síntese, a teoria explica que, por meio da escolha do que será ou não publicado, os jornalistas selecionam o que será noticiado, tendo assim o poder de definir a agenda da informação. Ou seja, cabe ao jornalista decidir o que é relevante o suficiente para ser noticiado. Essa teoria será utilizada no capítulo 3 e é fundamental para compreender, em conjunto com outras teorias do jornalismo, a produção jornalística e a narrativa que se constitui a partir dela.

A análise das matérias encontradas é dividida, no quarto capítulo, em três períodos eleitorais, seguindo o calendário eleitoral brasileiro. Neste capítulo, analisou-se a representação da figura política de Bolsonaro no jornal O Globo, sendo que o conceito que tomamos de representação, é aquele descrito conforme Orlandi (op.cit), que compreende



representação segundo Pêcheux, por meio da relação entre o ato concreto e as representações do mesmo. É nesse vácuo entre o concreto e a representação que se constitui a significação discursiva. Representação, é portanto, um conceito das teorias do discurso que remete ao que se pode antecipar em torno do que se diz ou se enuncia quanto à construção imaginária identitária de um sujeito discursivo. Nas palavras de Orlandi:

Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro alguém também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação. Como é exposto por Pêcheux, há nos mecanismos de toda formação social regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações dessas situações no interior do discurso. É o lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, que é constitutivo da significação discursiva. [...] E finalmente, faz parte da estratégia discursiva prever, situar-se no lugar do ouvinte (antecipação das representações), a partir de seu próprio lugar de locutor, o que regula a possibilidade de respostas, o escopo do discurso (ORLANDI, 1983, p. 19)

Para compreender de forma efetiva a produção jornalística e a narrativa construída pelo O Globo, neste capítulo utilizaram-se as teorias do jornalismo de Nelson Traquina (2005), que considera o jornalista como um profissional repleto de ideologia e, portanto, um fator que interfere em sua compreensão da realidade. Além disso, Traquina (2005) aborda a teoria democrática, que está diretamente relacionada à teoria do agendamento e ao papel do jornalismo na sociedade. Segundo o autor, "a teoria democrática atribui claramente aos meios de comunicação o papel de 'mercado de ideias' em uma democracia, no qual as diversas opiniões da sociedade podem ser ouvidas e discutidas" (TRAQUINA, 2005, p. 128). Traquina discorre ainda sobre as teorias políticas, concebendo da tradição norte-americana a forma polarizada com que esquerda e direita compreendem o valor notícia no jornalismo.

Dessa forma, de acordo com Traquina (2005), é necessário observar o jornalismo além de sua função simplesmente informativa, resgatando sua função social ao apresentar questões que garantem os direitos individuais da sociedade.

A teoria democrática argumenta que o jornalismo, inicialmente identificado apenas com a imprensa, deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações - designado como a liberdade positiva do jornalismo (Christians, Ferre e Fackler, 1993). Segundo o historiador Boyce, a imprensa atuaria como um elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes (Boyce, 1978:21). A teoria democrática, na sequência da lógica "o poder põe em cheque o poder", aponta para a afirmação também de uma liberdade negativa do jornalismo - o jornalismo como guardião dos cidadãos - em que os meios de comunicação social protegem os cidadãos de eventuais abusos de poder por parte de governantes. (TRAQUINA, 2005, p. 129).

Por fim, são expostas as conclusões desta pesquisa. A pesquisa engloba um resumo do tema estudado, a resposta à pergunta central abordada neste trabalho, a relevância do estudo para a

comunidade acadêmica e uma reflexão sobre o papel desempenhado pelo jornalismo no período eleitoral. Essas considerações finais consolidam os principais achados desta pesquisa, bem como proporcionam insights para compreendermos a interseção entre o jornalismo e a situação política nacional.

Os teóricos em AD tomam como condição de análise o fato de que discursos levam sempre em conta fatos datados. Nesse sentido, recortamos o período histórico daquelas eleições de 2022. Fatos, segundo Orlandi (1986) reclamam sentidos. Nem sempre estes sentidos se constroem de forma a corresponder com a realidade uma materialidade em si mesma. Isso porque, discursos podem iludir auditórios, parecendo ser o que não são.

Curioso pensar se o jornalismo pode ou consegue mesmo fazer isso: iludir seu auditório (PERELMAN, 1958). Na arte das HQs, as histórias em quadrinhos, essa construção fica bem transparente, como quando Maurício de Sousa, o pai da Mônica dos quadrinhos, passa a criar personagens com identidades de sujeitos, isto é, com representações. Claro que estas representações não se consegue fazer de modo aleatório, elas precisam ter alguma correspondência com a realidade. Nesse sentido, trabalham os jornais: constroem identidades dos sujeitos discursivos que tenham de fato alguma relação com os acontecimentos. Quer dizer, não são produto de uma ideologia intencionada apenas. Os sentidos não têm, por assim dizer, a ver com as subjetividades envolvidas nos processos discursivos. "Um discurso forma um dizer", conforme Pêcheux (1975) e assim conforma um sentido de realidade.

Existem várias formas de discurso e por extensão, várias formas de jornalismo. O que O Globo faz é um jornalismo que discursivamente parece construir representações distintas do sujeito discursivo Bolsonaro, conforme a análise que conseguimos oferecer nesse trabalho.

O texto do O Globo é assim, uma materialidade. Algo que podemos ver e demonstrar, não apenas um significado por trás, mas uma materialidade em si mesmo. Quando olhamos os textos, as manchetes, o enquadramento (GOMES, 2001) nós não procedemos a uma interpretação. Analisar discursos não é uma interpretação, como explica Orlandi (idem), não é absolutamente nenhuma hermenêutica. Mas o que é então, analisar um discurso?

Nas aulas do curso de Jornalismo em Teorias do Jornalismo e Filosofia da Comunicação, por exemplo e também no Grupo de Pesquisa, fomos tomando conhecimento destas questões e compreendendo seu funcionamento. Analistas buscam na história e nas contingências de um acontecimento narrado, descrito, documentado, as marcas para explicar determinadas construções de sentido, determinadas angulações ou enquadramentos. É assim que acontece. Nossa sensibilidade, portanto, depende sempre de como fomos capazes de

encontrar essas contingências, saber apontá-las, cruzá-las em relação a narrativas recorrentes e significá-las a um público leitor. Todos somos interpelados por discursos, ninguém escapa. E com o jornalismo não seria diferente.

O que chamamos de enquadramento, apoiados em Gomes (ibidem) é justamente este ângulo em perspectiva pelo qual se tomam os acontecimentos jornalísticos enquanto uma realidade. Todo olhar é feito desde uma perspectiva. E claro que estas perspectivas, circunscritas na linguagem (PARZIANELLO, 2023) são marcas de ideologias. Todo discurso é ideológico. O conceito de ideologia aqui não tem a acepção clássica pejorativa desde Destutt de Tracy, no final do século XVIII e com Napoleão, na França. Ou com os marxistas, anos depois. Ideologia é neste trabalho tomada como um processo de produção de signos (e de valores sociais) que é o sentido que havia trabalhado Pêcheux, nos anos 60, de ideologia como conjunto de discursos e poder. Ter uma ideologia não é ruim, nem negativo. Mesmo em se tratando de um jornal, de um meio jornalístico. Nos Estados Unidos, por exemplo, os media assumem seus posicionamentos ideológicos com total transparência aos seus leitores. Isso parece bem mais honesto porque permite que os leitores consumam informação sabendo do comprometimento ideológico que existirá em cada material informativo que chega a suas mãos. Obviamente há uma relação de dominação em jogo sempre que um discurso tenciona a disputa por uma determinada hegemonia, uma prevalência de sentidos. O Globo quer exercer sua influência no cenário político. Outros meios também o fazem. Todos os discursos que circulam socialmente cumprem na verdade essa função e prerrogativa. Não pode haver inocência nem ingenuidade em se tratando de linguagem e comunicação social.

Por isso mesmo as representações discursivas que O Globo consegue realizar, na descrição analítica que fomos capazes de construir nessa pesquisa, são sobretudo marcas de uma ideologia do jornal para influir na realidade, mas construídas não de forma a distorcer ou deturpar os acontecimentos. Nenhum fato é narrado se ele não aconteceu. Nenhuma referência histórica é dada se não tiver correspondência com a realidade. O jornalismo tem, nesse sentido, compromisso ético. Não se inventam fatos, não se oferecem histórias fantasiosas nem interpretações forjadas. Quando identidades do sujeito discursivo são reveladas é porque histórica, linguística e psicanaliticamente há elementos para assegurá-las. Este, aliás, o tripé da Análise do Discurso (AD) desde seus primeiros fundamentos.

## 2 DEMOCRACIA: O CASO BRASILEIRO NO SÉCULO XXI

Em 2022, quase quatro décadas depois das "Diretas Já", movimento político popular que resultou no fim da ditadura militar em 1985<sup>2</sup>, o noticiário brasileiro e os acadêmicos pesquisadores voltam a discutir a ameaça à democracia no Brasil.

Desde o fim do regime militar e com a promulgação da Constituição Federal (CF) de 1988, a democracia brasileira vem se consolidando, sendo apoiada por sete em cada dez brasileiros, de acordo com dados da 20ª edição da pesquisa Panorama Político do DataSenado.<sup>3</sup> Durante a produção deste trabalho e as participações no Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa<sup>4</sup>, surgiram questionamentos que, posteriormente, percebemos serem comuns sobre o que realmente significa democracia. Será que os 70% dos brasileiros que dizem apoiar esse modelo sabem o que ele significa?

Neste contexto brasileiro, o populismo bolsonarista se consolidou na oposição ao comunismo. O objetivo deste capítulo é compreender o modelo político adotado por Bolsonaro e como ele contribuiu para um contexto antidemocrático. Durante as análises realizadas sobre a representação do candidato Bolsonaro pelo O Globo, uma das narrativas relevantes é a de um político com discurso antidemocrático.

Com este capítulo busca-se contextualizar o surgimento do populismo bolsonarista e suas consequências para o regime democrático do Brasil. Durante os períodos da campanha eleitoral, o jornal O Globo, apresentou, para o leitor, a narrativa de um candidato antidemocrático, mas como esse candidato que fala em nome da liberdade seria uma ameaça à democracia?

Conforme a historiadora, cientista política e escritora Céli Regina Jardim Pinto (2009), a democracia funcionaria como uma forma de construção de sentido no discurso. Quanto mais tempo ele existe daquela forma, menos estaria sujeito a mudanças ou instabilidades que alterem seu significado já estabelecido.

O discurso que lhe dá sentido, que lhe assujeita é mais provisório e menos exitoso em seu trabalho de fixação. E assim acontece com as democracias. Quanto mais uma

<sup>2</sup> “Diretas Já” foi um movimento político ocorrido no Brasil na década de 1980, que buscava eleições diretas para o cargo de Presidente da República. A mobilização popular e os comícios, ocuparam os espaços públicos em várias cidades, quando o povo pressionou a favor da transição democrática, resultando na eleição indireta de Tancredo Neves e na promulgação da CF de 1988. O movimento simbolizou a luta do povo por liberdade e participação política.

<sup>3</sup> <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=panorama-politico-2023>

<sup>4</sup> Projeto de ensino e pesquisa, ligado à Unipampa e registrado junto ao CNPq. É formado por professores e estudantes dentro da linha de pesquisa Linguagem, Mídia e Poder, o qual participo desde o segundo semestre de 2019.

democracia se repete, quanto mais tempo existe, menos aventuras são aceitas nessa democracia, porque menos os sujeitos estão abertos para discursos aventureiros. O discurso democrático tem atualmente mais fixidade do que jamais teve na história do ocidente (PINTO, 2009, p. 91)

Pinto (2009), observou um Brasil que, naquele período, passava por um momento político de estabilidade, durante o segundo mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2007-2011). Apesar da economia ter regredido 0,2% naquele ano, o resultado foi considerado positivo devido à crise global que afetou as principais economias. Lula contava com grande aceitação popular, encerrando seu mandato com um índice de popularidade de 87%, segundo o Ibope.

Portanto, Pinto (2009) se referia a um momento de segurança e força do sistema democrático no Brasil, quando não se abria espaço para discursos difamatórios. A esperança de uma democracia cada vez mais consolidada ao longo do tempo, na qual o discurso democrático se enraíza na sociedade, acabou sendo combatida pela força que mais crescia no mundo, do populismo autoritário. De modo superficial, a política passava a apresentar soluções simples para problemas complexos, comprometendo o sistema democrático.

Em 2018, o então Deputado Federal, Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), se candidatou ao cargo de Presidente da República, com um discurso conservador e em defesa de temas como combate à corrupção, segurança pública e renovação política. Bolsonaro se apresenta como o representante do antipetismo e da nova política.

O bolsonarismo se consolidou na política brasileira, por meio de um discurso e uma base de apoio entre os militares. Bolsonaro defendeu ideias conservadoras em relação à segurança pública, economia, família, educação e meio ambiente. Suas declarações polêmicas e posições controversas lhe renderam uma base de apoio fiel.

Os ideais populistas de extrema direita, representados pelo sujeito político Bolsonaro, ganharam espaço a partir da metade da década de 2010, em meio a escândalos de corrupção que desestruturaram o sistema político brasileiro, que até então era considerado estável. A partir do clima de instabilidade e desconfiança política, a sociedade passou a clamar por uma representação que falasse em nome do povo.

Segundo o cientista político e escritor Yascha Mounk (2019), os populistas se utilizam do modelo democrático, que permite o sujeito político falar em nome do povo, para impor suas ideias que, de certo modo, podem ir contra a democracia e limitar o direito de liberdade. "Para entender a natureza do populismo, devemos admitir que ele é tanto democrático como

iliberal, que busca expressar a frustração do povo ao mesmo tempo em que mina as instituições liberais" (MOUNK, 2019, p. 48).

Portanto, em diferentes momentos políticos e em diferentes democracias, surgem soluções simples para problemas extremamente complexos, apelando para a vontade de um povo revoltado com a situação política e econômica em que se encontra. No Brasil, esse modo de fazer política, enquanto modelo simplista e cativante, é representado pelas características de Bolsonaro. Dessa forma, os problemas políticos, sociais e econômicos poderiam ser resolvidos facilmente. A segurança pública é tratada com o lema "bandido bom é bandido morto", a corrupção é eliminada porque, segundo Bolsonaro, em seu governo não existe corrupção, e os problemas econômicos serão todos resolvidos por Paulo Guedes, Ministro da Economia. Contudo, como aponta Mounk (2019), o político que apresenta soluções complexas para esses problemas se torna o mentiroso ou aquele que estaria tentando enganar o povo.

Em março de 2022, cercado de apoiadores, Bolsonaro lança sua candidatura se autodeclarando "Capitão do Povo", o que reforça o discurso de que o populista representa e fala em nome de um povo, que não se sente representado. Conforme Mounk (2019), esse apelo populista em nome do povo se caracteriza como um desvio da democracia liberal, pois é feito em detrimento de outro grupo.

Quando os populistas invocam o povo, estão postulando um grupo interno — unido em torno de etnicidade, religião, classe social ou convicção política compartilhada — contra um grupo externo cujos interesses podem ser justificadamente negligenciados. Em outras palavras, estão demarcando as fronteiras do demos, defendendo, de modo implícito, que a consideração política é devida a alguns cidadãos, mas não a outros. (MOUNK, 2019, p. 56)

Sobre a democracia liberal brasileira e a possível ameaça que ela enfrenta, após quase 40 anos do processo de redemocratização iniciado com o movimento "Diretas Já", é relevante mencionar um experimento proposto por Frank Cunningham (2002) em "Teorias da Democracia: uma introdução crítica". Nesse experimento, estudantes de Ciência Política, Filosofia e posteriormente os leitores da obra são desafiados a explicar um modelo mais democrático ou antidemocrático.

Esse ponto pode ser ilustrado pela referência a um experimento feito em cursos sobre teoria democrática na qual os estudantes são demandados a escrever um exemplo — histórico ou atual, ficcional ou real — da situação, instituição ou prática que eles possam pensar mais democrática ou antidemocrática. (CUNNINGHAM, 2009, p. 11)

No experimento, o autor percebeu que, embora os alunos não tenham mencionado exemplos específicos, eles apresentaram características básicas das teorias democráticas com as quais estavam mais familiarizados.

- i. pequena comunidade participativa/totalitarismo; ii. um Estado no qual cada cidadão desempenha um papel na tomada de decisão política/um Estado que não preenche essa condição; iii. garantias constitucionais dos direitos individuais/governo de um indivíduo ou de opinião de massa; iv. decisões são tomadas por todos os membros da sociedade, sendo todos racionais e bem informados/uma tirania na qual mesmo aqueles encarregados são vítimas de falsa consciência; v. uma comunidade na qual o bem comum é decidido por consenso depois de debate completo/uma sociedade na qual os governantes decidem o que conta como bem público.(CUNNINGHAM, 2009, p. 12)

Definições e características diferentes, sem consenso, provenientes de um grupo de pesquisadores, ao responder o questionário feito pelo DataSenado, mostra como esse conceito de democracia pode ser claro no pensamento da maioria, mas ao mesmo tempo abstrato e sem um significado objetivo e consensual.

A obra escrita pelo cientista político americano Yascha Mounk (2019) traz algumas hipóteses que levam ao desenvolvimento deste capítulo sobre a Democracia Liberal. Compreende-se que a Democracia Liberal é um modelo utópico no qual a vontade do povo é simplesmente exercida. Em termos jornalísticos, pode-se comparar com a teoria do espelho, que propõe uma representação dos fatos exatamente como ocorreram, sem qualquer interpretação ou interferência dos meios que permeiam a produção jornalística.

No entanto, como já foi superado por alguns paradigmas e teorias do jornalismo, percebe-se que a utopia do fazer jornalismo um jornalismo isento não é possível devido à participação das pessoas na produção, assim como no modelo de democracia liberal, onde sua base está em um modelo em que as pessoas são eleitas para representar a vontade popular por meio das políticas públicas.

Nota-se que a Democracia Liberal, assim como o jornalismo, está cercada de certezas e mitos intrínsecos aos estudos que, de alguma forma, buscam reconhecer suas falhas e questões para que o povo possa contribuir e fortalecer esse modelo, que mais se adequa às necessidades e preferências atuais. Levando em consideração o ideal de democracia liberal, em que a vontade de um povo é representada com clareza e sem interesses obscuros, define-se, portanto, a democracia como um regime que tem como objetivo garantir a legitimidade dos representantes, que devem atender àqueles que os colocaram lá.

Mounk (2019) resgata outras interpretações, como a do cientista político norte-americano Robert Dahl, que define democracia como qualquer regime que apresente

quatro pontos fundamentais: "• Eleições livres, justas e competitivas; • Sufrágio adulto pleno; • Proteção ampla das liberdades civis, incluindo liberdade de expressão, de imprensa e de associação; e • Ausência de autoridades 'tutelares' não eleitas (por exemplo, militares, monarquias, grupos religiosos) que restrinjam a capacidade de governar dos representantes eleitos" (DAHL apud MOUNK, 2019, p. 38).

Para uma categoria tão ampla como democracia, na eleição de 2022, a ideia de um candidato que ameace esse conceito pode variar muito entre a extrema direita, representada pelo bolsonarismo, e a esquerda, representada pelo petismo. A definição de Dahl está diretamente ligada a um ponto presente no discurso político: a defesa da liberdade. Dessa forma, os conceitos de liberdade e democracia estão interligados como fundamentais para a existência de ambos.

Para Yascha Mounk (2019), a democracia promete permitir que o povo governe, o que ele representa como a ideia de que as vontades do povo sejam exercidas.

A democracia é um conjunto de instituições eleitorais com poder de lei que traduz as opiniões do povo em políticas públicas. • As instituições liberais efetivamente protegem o Estado de direito e garantem os direitos individuais — como a liberdade de expressão, de religião, de imprensa e de associação — para todos os seus cidadãos (incluindo as minorias étnicas e religiosas). • A democracia liberal é simplesmente um sistema político ao mesmo tempo liberal e democrático — um sistema que tanto protege os direitos individuais como traduz a opinião popular em políticas públicas. (MOUNK, 2019, p. 39)

As características que definem a democracia são importantes para compreender como ela pode estar sendo ameaçada na realidade brasileira. Devemos observar questões como a capacidade das instituições de traduzir as opiniões em políticas públicas e a garantia dos direitos individuais. Esses são alguns temas que surgiram no discurso antidemocrático bolsonarista abordado no capítulo quatro e que serão retomados aqui.

Mounk (2019), ao abordar o conceito de democracia liberal, reforça a proposta de que as democracias podem se desvirtuar, principalmente em dois pontos: quando se permite o controle das instituições independentes pelo poder executivo, restringindo os direitos das minorias; e quando se acredita em eleições regulares e competitivas, que, na verdade, podem favorecer uma elite.

Conforme Mounk (2019), a ascensão de um líder político populista pode ter como um dos desfechos possíveis, a necessidade de contrariar os mecanismos das instituições liberais, de forma que elas não possam atrapalhar sua forma de representar a vontade do povo.

Segundo o autor, essa é uma estratégia que os populistas utilizam para mudar o jogo quando a vontade popular entra em conflito com os seus próprios interesses.



Para compreender seu efeito provável, devemos ter em mente que essas instituições liberais são, a longo prazo, necessárias para a sobrevivência da democracia: depois que os líderes populistas se livrarem dos obstáculos liberais que impedem a expressão da vontade popular, fica muito fácil para eles dar as costas ao povo, quando as prioridades deste começarem a entrar em conflito com as suas. (MOUNK, 2019, p. 48)

Em paralelo com as definições de democracia de Dahl e Mounk, que têm como um de seus elementos fundamentais o dever da democracia de representar o interesse público, surge a possibilidade de políticos governarem seguindo seus próprios interesses. De acordo com o cientista político, Daniel de Mendonça (2020), embora possa parecer contraditório imaginar uma ação política de forma privada, é importante diferenciar o interesse público das ações políticas.

É certamente contra intuitivo pensar a política também como um assunto privado, já que a ela tem como seu alicerce ser a dimensão humana concernente ao interesse público. Todo mundo sabe que as decisões políticas afetam a todos os cidadãos de um Estado. No entanto, é necessário diferenciarmos o “interesse público” de o “âmbito de uma decisão política (MENDONÇA, 2020, p. 04)

Bolsonaro representa uma ameaça à democracia no cenário brasileiro ao adotar um modelo privado de governar a egopolítica (Mendonça, 2020), virando-se contra as instituições liberais e o povo que compõem o regime que o possibilitou estar no poder, visando exclusivamente seus próprios interesses e de seu grupo político.

egopolítica não é um tipo de regime político nem qualquer sistema político organizado. Ela é apenas um tipo de comportamento político particularista que, em princípio, qualquer político pode assumir. A egopolítica é literalmente “privada”, ou seja, uma ação como essa se destina apenas a uma pessoa ou a um determinado grupo de pessoas e não à coletividade, como se esperaria de qualquer ação política legítima. (MENDONÇA, 2020, p. 05)

Conforme Mendonça (2022) a egopolítica representa uma forma privada de governar, sendo assim, as ações tomadas são destinadas ao interesse daquele grupo. Os modelos de democracia propostos por Dahl e Mounk (2019) tem como base a defesa da liberdade e do interesse público, dessa forma a egopolítica bolsonarista representa uma quebra no princípio de transformar a vontade do povo em políticas públicas, de forma que seus atos tem como objetivo fortalecer a si e ao seu grupo político.

A ascensão do bolsonarismo ocorre em um momento de vulnerabilidade social, fragilidade política e econômica do Brasil, em que sua imagem é construída com base em um modelo populista, conforme destacado por Mendonça (2020), que se fundamenta em um discurso antagônico.

Os posicionamentos de Bolsonaro durante o período eleitoral, objeto deste trabalho, são marcados pelo conflito com o Supremo Tribunal Federal (STF), em particular em relação ao ministro Alexandre de Moraes. Embora haja uma afirmação convicta da defesa da liberdade e da democracia, essa postura contrasta com diversas ações de Bolsonaro que ameaçam os pilares desse regime.

A relação entre o candidato Bolsonaro e o judiciário assume importância significativa à medida que as eleições se aproximam. Durante o período de pré-campanha em abril de 2022, Bolsonaro retoma o discurso de defensor das liberdades individuais e emite um decreto que perdoa os crimes de seu aliado Daniel Silveira, condenado pelo STF por ameaçar o Estado Democrático de Direito. Esse momento se revela crucial no discurso Bolsonaroista, em que o presidente da república utiliza seu poder para beneficiar um aliado, indo contra a decisão de outro poder.

Com a proximidade das eleições, o posicionamento de Bolsonaro tem passado por adaptações, mas alguns pontos permanecem consistentes, como a defesa da liberdade, a garantia dos princípios constitucionais e, principalmente, a exigência de eleições limpas, transparentes e auditáveis. Os cada vez mais frequentes ataques de Bolsonaro à segurança das eleições e aos ministros do STF reforçam o tom antidemocrático e personalista de seu modelo de governar.

Mesmo com as adaptações discursivas ao longo do tempo, o viés autoritário do modelo de governo bolsonarista continua a ser a estrutura subjacente para as ações do governo. Quando a figura do candidato e atual presidente confronta o Supremo Tribunal Federal para proteger um aliado ou reafirma repetidamente a necessidade de eleições limpas, questionando a legitimidade do regime que o colocou no poder, isso remete à ideia de que, como aponta Mounk (2019), líderes populistas tendem a se libertar dos limites da democracia liberal para governar cada vez mais conforme sua própria vontade, indo contra o próprio povo que os elegeu.

Conforme argumentado por Mendonça (2020), é contraditório pensar em políticos que moldam suas ações de maneira privada, mas isso parece ser uma tendência para o futuro dos governos populistas que ascendem ao poder com promessas impossíveis de serem cumpridas, dada sua natureza simplista.

O perigo representado pelos populistas autoritários para a democracia se manifesta em questões presentes nas eleições brasileiras, como ataques às instituições, assédio à imprensa e disseminação de notícias falsas. Em 7 de setembro de 2022, durante o evento de

comemoração da independência da república, Bolsonaro conclama seus apoiadores afirmando: "Vamos trazer de volta às quatro linhas quem ousou ficar fora", em referência aos quatro princípios fundamentais da Constituição Federal. Como populista, Bolsonaro se coloca como o guardião responsável por manter todos alinhados com a carta magna. Para isso, como representante de um povo que anseia por justiça, ele desafia até mesmo o STF, que é visto como um inimigo comum pelo grupo bolsonarista.

No Brasil, Bolsonaro representa o fenômeno do populismo de extrema-direita, que tem a imprensa como um de seus adversários. Conforme Dahl, a imprensa é um dos pilares para a construção da democracia. Em agosto de 2022, durante os debates eleitorais, Bolsonaro foi confrontado tanto por seus oponentes quanto pelos jornalistas que faziam perguntas aos candidatos. O assédio à imprensa é uma característica presente no populismo em diversas partes do mundo, com alguns desses políticos desenvolvendo seus próprios canais de comunicação alinhados aos seus interesses ideológicos.

Trump também está criando sua própria contraprogramação. Ele tem uma relação muito íntima com a Fox News. Costuma conceder credenciais de imprensa a sites alternativos que apoiam acriticamente sua agenda. E até lançou um programa de notícias regular em sua página no Facebook, oferecendo a seus admiradores relatos entusiasmados de suas supostas realizações. (MOUNK, 2019, p. 58)

Assim como Trump, Bolsonaro ataca jornalistas nos meios de comunicação tradicionais, como ocorreu durante o debate eleitoral da TV Bandeirantes, no qual o candidato à reeleição confrontou a jornalista Vera Magalhães. Seguindo os passos do populista americano Donald Trump, Bolsonaro dedica-se a promover a Jovem Pan, um canal alinhado com sua ideologia, e também utiliza suas transmissões ao vivo para se comunicar diretamente com seu eleitorado.

Ao concluir este capítulo, torna-se evidente a importância fundamental de compreender e analisar a política contemporânea. Por meio deste trabalho, foi possível examinar as complexas interações entre atores políticos, estruturas governamentais e tomadas de decisões de políticas públicas. Essa compreensão aprofundada é crucial para identificar os desafios e oportunidades que surgem no cenário político atual e para entender como a democracia pode estar sendo ameaçada. A análise histórica e estrutural dos acontecimentos em sua dimensão política será condição indispensável para que possamos analisar discursivamente o jornalismo praticado pelo O Globo quanto às representações que faz da figura do candidato Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022.

### 3 LANÇAMENTO DA PRÉ-CANDIDATURA DO PRESIDENTE À REELEIÇÃO

Na edição de 28 de março de 2022, o jornal O Globo noticia o lançamento da pré-candidatura de Jair Bolsonaro à presidente da República, nas eleições de 2022, ocorrida no dia 27 de março. A primeira configuração que o jornal enquadra é acerca dos temas centrais da plataforma dele como candidato, com uma matéria que abre a editoria de economia na página 04 daquela edição. Para O Globo, Bolsonaro se coloca como pré-candidato com a proposta de antipetista e contra corrupção, conforme se lê na manchete e em diversas partes da notícia: “Estratégia Reciclada, Bolsonaro se lança à reeleição com discurso antipetista e contra corrupção”, e “O presidente lançou ontem sua pré-candidatura à reeleição reciclando a estratégia de 2018, ao insistir no antipetismo e na bandeira do combate à corrupção...” ou ainda “Bolsonaro citou a situação na Venezuela, dizendo que o Brasil estava à beira do abismo” antes do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT)”.(O Globo, 28/02/2022, pág 04)

O texto é escrito e assinado pelos jornalistas Daniel Giulino, Alice Cravo e André de Souza e diz, em síntese, acerca das principais pautas da candidatura de Bolsonaro, nosso objetivo nessa pesquisa, enquanto demarcada por este jornal. Prevaecem duas ou três demandas centrais, na visão dos repórteres, como a disputa entre esquerda e direita, o combate à corrupção e os projetos sociais realizados durante o governo.

Uma bandeira eleitoral significativa para a candidatura de Bolsonaro apontada pelos jornalistas é a apresentação de Bolsonaro como “Capitão do Povo”, apresentando pautas mais sociais, que o pré-candidato destacou em seu discurso, como podemos ver no segundo parágrafo da notícia “Capitão do Povo”, lema exibido em painéis ao lado de fotos do presidente com apoiadores e que, ao discursar, apresentou ações de governo que pretende explorar como bandeira eleitoral, como o Auxílio Brasil, benefício pago a famílias carentes, a implantação do PIX<sup>5</sup> e a renegociação de dívidas do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies).

<sup>5</sup> Pix: Bolsonaro se utiliza da nossa forma de pagamento como grande feito do mandato, por isso, assim como o novo site Gov.br foram grandes avanços tecnológicos no Brasil dos últimos anos. Se tornando uma bandeira do pré-candidato a presidente Bolsonaro.

Imagem 1: Pannel do evento do lançamento de pré-campanha de Bolsonaro (OGlobo, 28/03/2022, pág 04)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Esse discurso de lançamento da pré-candidatura de Bolsonaro foi significativo para a imagem do presidente, enquanto figura “popular”, seguido pela apresentação do slogan “Capitão do Povo” que reforça a questão militar, base eleitoral do presidente Bolsonaro, e ao mesmo tempo que o aproxima das classes mais baixas da sociedade e do Nordeste, onde o pré-candidato tem larga desvantagem na caminhada eleitoral, segundo pesquisa DATAFOLHA, divulgada no quinta-feira de 24 de março.

Na editoria de Economia da edição seguinte, dia 29, o jornal anuncia a troca na presidência da Petrobras. Segundo o jornalista Manoel Ventura, o presidente Bolsonaro cedeu à influência, em ano eleitoral, do governo e do Congresso, que pressionam o presidente a interferir no preço dos combustíveis, dando uma resposta assim aos eleitores, após mais um aumento no preço dos combustíveis. Em contexto eleitoral, atenta-se para o fato do diesel registrar a maior elevação entre os combustíveis derivados de petróleo, segundo dados divulgados no site da ANP(Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustível<sup>6</sup>). Sua importância para as eleições se dá por este ser utilizado pelos caminhoneiros, que representam

---

<sup>6</sup> Dados em: <https://www.gov.br/anp/pt-br>

uma classe significativa do eleitorado bolsonarista, que durante as eleições de 2018 demonstraram forte apoio a candidatura do presidente. Devido ao perfil do sistema de transportes brasileiro ser predominante rodoviário, os motoristas rodoviários têm um papel crucial para o escoamento da produção brasileira. Tendo assim, um papel fundamental na economia brasileira.

Como observamos no início da notícia, da página 13 da edição do dia 29 de março “Menos de três semanas após o reajuste de 18,77% na gasolina e de 24,9% no diesel na refinaria, o presidente Jair Bolsonaro decidiu ontem demitir Joaquim Silva e Luna, general da reserva e ex-ministro da Defesa que estava no comando da Petrobras há 343 dias. Em ano eleitoral, Silva e Luna se tornou alvo de críticas do governo e do Congresso após o aumento.” A matéria ainda aponta que esta é a segunda mudança no comando da estatal brasileira, pelo mesmo motivo: a política de preços adotadas e como ela afeta diretamente a vida dos eleitores: “Trata-se da segunda demissão de um presidente da Petrobras por Bolsonaro com o mesmo pano de fundo: política de preços e o reajuste de combustíveis.”(OGlobo, 29/03/2022, pág 13) O jornal traz a impressão desta ser apenas uma mudança para dar uma resposta ao Congresso e aos eleitores, uma vez que da última vez não surtiu efeitos reais.

A pré-campanha de 2022 sente também os reflexos econômicos causados pela guerra da Rússia com a Ucrânia, uma vez que ela foi um dos fatores de elevação do preço do barril de petróleo no mercado internacional. Em conjunto com o pouco diálogo do ex-presidente da petroleira, General Silva e Luna com o Congresso resultou no desligamento do militar do cargo, motivos esses que são trazidos pelo jornalista Manoel Ventura como uma das questões para a troca no comando: “Para integrantes do governo, faltou "sensibilidade" a Luna, especialmente porque o anúncio foi feito nas vésperas de o Congresso votar medidas para amenizar a alta dos combustíveis””Ele passou mais de dois meses sem se encontrar com Bolsonaro. A situação piorou quando a estatal anunciou o reajuste dos combustíveis no último dia 10, como consequência da disparada do petróleo causada pela guerra na Ucrânia.”(OGlobo, 19/03/2022, pág 13). Os reflexos da guerra devem, naturalmente, ser sentidos pelo governo Bolsonaro em importantes bases de apoio do presidente, como os caminhoneiros e os agricultores, que são diretamente afetados pelo aumento do combustível e dos fertilizantes, produtos exportados em grande escala pelos países envolvidos no conflito.

A troca na presidência da Petrobras segue sendo notícia no jornal OGlobo que mancheteou na capa da edição do dia 30 de março uma crítica do ex-presidente Silva e Luna a troca no cargo “Silva e Luna: Petrobras não pode fazer política partidária" fala essa que foi

uma resposta ao pedido de Bolsonaro ao presidente Adriano Pires. O pedido de Bolsonaro para que o indicado tenha mais diálogo com o Congresso apresenta uma contradição no discurso do presidente. Uma vez que, desde 2018, Bolsonaro traz a ideia de que a Petrobras não pode sofrer pressão política e que seus cargos devem ser ocupados seguindo critérios técnicos. Dar destaque às críticas feitas por Silva e Luna é uma forma do jornal carioca manifestar esta incoerência entre as falas e as ações do presidente durante seu mandato.

Na página 11, o jornalista Daniel Gullino traz a posição do presidente Bolsonaro, que tenta normalizar a troca na Petrobras, apesar de ser a segunda troca dentro do governo, como colocado na manchete e no corpo da notícia pelo jornalista: “Bolsonaro afirma que troca de comando da estatal é ‘coisa de rotina’. Durante esta edição do dia 30 de março, o jornal traz a tentativa do presidente de colocar a troca como algo sem relevância, mas ao trazer uma grande quantidade de notícias nas editorias de Política e Economia, o jornal já desconstrói esta tentativa do presidente.

Ainda na editoria de Economia, na página 11 do dia 30 de março de 2022, o jornal da capital carioca volta a destacar o pedido do presidente Bolsonaro, ao indicado ao cargo Adriano Pires, para que se tenha mais diálogo com o Congresso e com a sociedade, como apresentado em toda notícia pelos jornalistas Malu Gaspar e Manuel Ventura: “Bolsonaro disse considerar que a Petrobras se comunica mal com a sociedade e afirmou estar em busca de alguém que se comunicasse melhor, inclusive na interlocução com o Congresso”. A busca de Bolsonaro por uma imagem mais amigável na presidência da Petrobras e a ideia de se criar um fundo para baixar artificialmente o preço dos combustíveis, mostra a importância deste tema para as eleições. Indicar Adriano Pires para o cargo ajuda na relação da estatal com a mídia, sendo ele um figura conhecida dos grandes jornalistas por ser um dos especialistas mais ouvidos pelos veículos de comunicação brasileiros.

Destaca-se a tentativa de Bolsonaro de obter vantagens nas eleições, na questão sobre a política aplicada pela Petrobras, a notícia traz também o interesse do presidente para que Adriano Pires destaque os erros de gestões anteriores do governo petista, seu principal adversário nas urnas: “Adriano Pires é dos principais críticos das administrações petistas na Petrobras. Para Bolsonaro, é preciso que a empresa demonstre publicamente supostos problemas nessas gestões, especialmente com relação às refinarias que não foram concluídas.”

Na primeira edição do mês de junho, noticiou-se a desistência do, até então, pré-candidato à presidência, Sérgio Moro. Destaca-se o reflexo que a migração dos eleitores

de Moro poderia causar nas urnas. O jornal expõe uma previsão, do impacto do ex-juiz para as eleições, na página 12: “Cortejado pela terceira via, eleitor de Moro é similar ao de Bolsonaro” “Para analistas, hipótese de presidente herdar votos do ex-juiz afunilaria disputa com Lula. Doria e Tebet devem fazer acenos”. É importante entender como a história de Bolsonaro e Moro são entrelaçadas, desde o início do mandato bolsonarista, quando o juiz assumiu o ministério da Defesa. As principais bandeiras políticas dos pré-candidatos se assemelham pelo discurso de combate à corrupção e ao antipetismo.

Desta forma, como trouxe o jornalista Bernardo Mello, ao buscar a opinião do cientista político José Alvaro Moisés, professor da USP, sobre como a presença do ex-juiz interfere no cenário eleitoral, deixando claro que Jair Bolsonaro poderia sim ganhar corpo com a saída de Moro do pleito, mas que havia ainda assim a possibilidade de uma terceira via com Dória e Simone Tebet: “A retirada do Moro sugere que ele fez uma leitura de que não estava conseguindo se viabilizar, o que mostra a fragilidade atual da terceira via. Lula, apesar de alguma modificação, mostra-se estabilizado. Bolsonaro cresceu, e deve ganhar mais terreno sem Moro e com a instabilidade de Dória” (OGlobo, 30/03/2022, pág 12), Moro foi uma tentativa da terceira via de trazer um nome, mais à direita, que conseguisse “roubar” votos de Bolsonaro e que tivesse no palanque o antipetismo forte para bater de frentes contra o principal adversário petista, tornando, assim, viável sua candidatura. A desistência de Moro une os eleitores do antipetismo em torno de uma única candidatura de Bolsonaro, uma vez que o atual cenário não apresenta outro nome com as mesmas características.

Uma semana após o evento de lançamento da pré-candidatura de Bolsonaro, a troca do comando da Petrobras seguiu sendo assunto frequente nas páginas do jornal, o general Silva e Luna concedeu uma entrevista aos jornalista Manoel Ventura e Thiago Bronzatto, onde o ex-presidente da estatal disse que sua troca foi um ato político de Bolsonaro: “Estamos tendo um ano político. A pessoa está no governo e quer ter a oportunidade de seguir no mandato”. Durante a entrevista, o general sugere que o novo indicado, Adriano Pires, não conseguirá suportar a pressão política feita por Bolsonaro. Aponta também uma maior participação do Congresso na busca da criação de um subsídio, como já informado pelo jornal, como um dos pedidos de Bolsonaro para o economista indicado ao cargo. Seguir esta linha editorial de apontar o pedido de Bolsonaro que o novo presidente da Petrobras precisa conversar mais com o Congresso, desconstrói na narrativa do presidente de não interferir politicamente na estatal, uma crítica feita por Jair Bolsonaro aos governos petistas.



Destacado como “Capitão do Povo” em seu discurso de pré-campanha, Bolsonaro apresenta, como suas bandeiras eleitorais, projetos voltados para as classes mais pobres, seguindo esta imagem mais popular que o presidente tenta construir. É importante trazer os números de desemprego que deve ser uma demanda importante para os eleitores e que começa a aparecer nas páginas do jornal O Globo. Na edição do dia 3 de abril, a jornalista Melissa Duarte destacou o discurso de Bolsonaro que culpa os governadores pelo alto número de desempregados. Destaca-se também o fato de, pela primeira vez, Bolsonaro ser chamado de pré-candidato à reeleição. A acusação acontece após o encontro do presidente com eleitores em uma barraca de pastel, em Brasília, como manchete da jornalista: “Em barraca de pastel, Bolsonaro culpa governadores por desemprego” mesmo que em uma matéria curta na editoria de Economia. “Pré-candidato à reeleição, o presidente Jair Bolsonaro voltou ontem a culpar os governadores por problemas na economia do país e pelo alto índice de desemprego” (OGlobo, 03/04/2022, pág 06).

Pontos com destaque para o cenário eleitoral são os atos do presidente no combate à pandemia, o preço dos combustíveis e o cenário econômico brasileiro. Em todos estes pontos sensíveis para Jair Bolsonaro, o governo tenta colocar a culpa nos governos estaduais. Em relação à pandemia, Jair culpa os governadores por implantar o “LockDown” quebrando assim a economia brasileira, resultando neste número com milhares de desempregados. Nas bombas de postos de combustível, o presidente tenta colocar a alta nos preços dos combustíveis no ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), imposto cobrado pelos estados. Desta forma, pode-se observar que as críticas de Bolsonaro aos governadores são uma forma de aliviar as críticas sobre seu governo. Transferindo a culpa dos pontos negativos, de seu governo, para decisões tomadas pelos líderes estaduais.

A relação do Bolsonaro com o judiciário brasileiro e o ministro Alexandre de Moraes, especialmente, tende, como veremos a seguir, a ser um assunto frequente nas eleições. Os ataques do presidente às cortes brasileiras ganharam força desde o ano passado, quando resultaram em episódios como o cancelamento feito pelo Ministro Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux da reunião, em agosto de 2021, entre os Três Poderes, em resposta às denúncias realizadas pelo presidente em relação ao posicionamento da Suprema Corte e a real segurança das eleições.

Como assunto presente no campo eleitoral em 2022, há menos de 7 meses das eleições, os frequentes ataques aos juízes do Supremo Tribunal Federal, ao TSE e ao regime eleitoral brasileiro, resgatam a bandeira eleitoral de Bolsonaro contra o judiciário brasileiro, assim

como em 2018. Na edição do dia 04 de abril, abrindo a editoria de Política, na página 4, a jornalista Marlen Couto traz uma pesquisa que aponta este como um “Alvo determinado”, que segue o “tom agressivo” adotado pelo presidente. A análise mostra que os quase mil vídeos, apontados no estudo, postados em perfis bolsonaristas, citando os tribunais ou os ministros, seguem categoricamente os mandos do presidente em seu discurso. De forma que este, aparentemente, é um objetivo de Bolsonaro. Reforçar um discurso contra as instituições do judiciário brasileiro. Assim, o jornal carioca ao refletir essas falas de Bolsonaro está apenas reforçando um desejo do presidente.

Como reflexo dos ataques do presidente ao ministro Alexandre de Moraes, o levantamento feito pela pesquisadora em comunicação, Letícia Capone, trazido pelo jornal carioca. O estudo aponta, como veremos a seguir, que as ações seguem temas relacionados as eleições”Os ataques às instituições, normalmente, adotam três linhas: colocar em xeque as urnas eletrônicas e o processo eleitoral, minar as instituições como um todo, esvaziando o papel do STE, e atacar pessoalmente ministros e servidores da Justiça.”(OGlobo, 04/04/2022, pág 04). Nessa pesquisa, buscamos levantar o gráfico evolutivo do tratamento dado pelo OGlobo na cobertura da campanha de Bolsonaro à presidência em 2022, buscando objetivar se estas e outras questões espelham em termos jornalísticos o mesmo enquadramento.

Alexandre de Moraes é colocado como o “preferido” na matéria, segundo a jornalista, por ser ele o relator do inquérito que julga, justamente, este ataques às instituições e ter frequentes atritos ideológicos, seguindo uma linha de que reforça o discurso de Bolsonaro contra o processo eleitoral.

OGlobo liga diretamente os ataques feitos por perfis de bolsonaristas ao presidente. Desta forma, pode-se colocar a culpa de qualquer ato ou conflito que venha aparecer, como um ato do presidente e não de seus apoiadores. Colar os atos feitos por Bolsonaristas, pode formar no pré-candidato, um perfil mais agressivo, o contrário do que Bolsonaro tenta fazer, por exemplo, ao pedir a retirada do processo do PL contra o festival Lollapalooza Brasil, que proibia as manifestações políticas de artistas contra o governo, noticiado pelo jornal carioca em breve menção no dia 29 de março.

Pesquisa realizada pelo DATAFOLHA, que avalia a aprovação do presidente Bolsonaro no combate à pandemia, também ganhou espaço na editoria de Política da edição do dia 04 de abril.

O instituto de pesquisa traz em números que o desempenho do governo considerado ruim ou péssimo caiu de 54% para 46%, uma melhora de quase 10% em relação à última

pesquisa. A matéria assinada pela jornalista Bianca Gomes, na página 05 da editoria de Política, edição do dia 04 de abril, afirmava que “a avaliação do presidente Jair Bolsonaro (PL) em relação à pandemia melhorou no mês de março, embora ainda seja negativa”. Neste trecho, o jornal optou por utilizar o “embora” destacando que a conduta e a avaliação do presidente em relação à Covid-19 é negativa, mesmo que sua avaliação tenha melhorado. Este posicionamento é reforçado na sequência da matéria, em que aponta-se que a evolução ocorre no momento em que o país atinge a marca de 660 mil mortes: “A melhora na avaliação do presidente em relação à pandemia de Covid-19 acontece quando o país chega à marca de mais de 660 mil mortes pela doença.” O sentimento de uma melhora que se reflete na aprovação do presidente.

O jornal carioca, por outro lado, reforça a marca de 660 mil mortes. Colocar uma informação positiva, a melhora na avaliação do presidente como visto anteriormente, mas em seguida um dado muito ruim desmonta um possível cenário positivo para Bolsonaro. Tentar desconstruir um cenário otimista no cuidado do presidente com o vírus da Covid-19 parece ser uma opção editorial do jornal carioca.

A relação de Bolsonaro com a Covid-19 trouxe grande prejuízo à sua popularidade. A forma como o jornal carioca irá tratar e relembrar os números negativos da pandemia, ligados ao presidente, pode ser uma das pautas importantes presentes durante todo o período eleitoral. Como a própria pesquisa do DATAFOLHA, publicada em 04 de abril, mostra, o desempenho do presidente está diretamente ligado aos números da pandemia do Coronavírus.

### **3.1 Petrobras, suspeita de corrupção e “Pacote de Bondades”**

Dividido entre as editorias de Política e Economia, o assunto permeia as páginas do jornal carioca, sempre com grandes reportagens sobre o tema. Com este enquadramento O Globo coloca para o leitor a Petrobras como um assunto político, o que vai contra a ideia de Jair Bolsonaro que tem o discurso de não interferência política na petroleira brasileira. A desconstrução das bandeiras anunciadas por Bolsonaro em seu evento de campanha, noticiado em 28 de março pelo jornal, é reforçada com materiais que apontam contradições nas falas e nos atos tomados pelo presidente.

Adriano Mendes, indicado por Bolsonaro para presidente da Petrobras, aparentemente, agradou o jornal O Globo, que não noticiou críticas ao nome, de certa forma, avaliando a escolha do presidente. Com a desistência do economista de assumir a estatal, a editoria de

Economia é aberta na página 15, contando detalhadamente os pontos que levaram Adriano Pires a esta decisão.

A pauta segue sendo noticiada pelo jornalista Manoel Ventura que escreveu outras notícias sobre o tema. Nesta edição do dia 05 de abril, o jornalista coloca acima da manchete, com destaque na cor azul, a escrita “Comando à Deriva” colocando a ideia de que o governo estivesse perdido em relação a que rumo tomar, a partir da rejeição ao convite feito pelo conselheiro Adriano Pires.

O jornal aponta contradições nos motivos para a decisão do conselheiro indicado por Bolsonaro. O jornalista Manoel Ventura traz de início o conflito de interesse entre a empresa de consultoria em que Adriano Mendes é sócio e a Petrobras: “Adriano Pires renunciou ao convite em razão de conflito de interesse”. Porém, no decorrer da matéria, o jornalista aponta a dificuldade que o indicado teria para ser aprovado pelo Comitê de Pessoas da Petrobras: “sem aval do comitê” destaca o jornalista em forma de subtítulo enquanto o presidente Bolsonaro aparece criando teorias, como a de que os inimigos políticos teriam interferido e causado este prejuízo. Os diferentes motivos que o jornal coloca reforçam a deixa de um governo sem rumo, como colocado acima na manchete. Tirando assim a viabilidade de Bolsonaro para mais 4 anos de governos, ao ponto que ele já está perdido neste primeiro mandato.

Ainda na página 15 da edição, do dia 05 de abril, o jornal carioca faz circular a notícia escrita pelo jornalista Manoel Ventura em conjunto com o Jornalista Geraldo Doca, que aponta um possível novo nome para assumir a petroleira brasileira.

Destaca-se na manchete, pelos jornalistas, o fato de Paes de Andrade, possível indicado ao cargo, ser secretário do ministro Paulo Guedes: “Secretário de Guedes é cotado para substituir indicação”. A notícia reforça que este já foi um nome preterido por Bolsonaro em outro momento, mas que neste momento pode ser, segundo apoiadores, uma boa opção: “Paes de Andrade pode ser uma solução caseira adequada para o momento”. A expressão “solução caseira” deixa impressão de que o governo está tomando uma decisão mais fácil e segura, colocando alguém que já faz parte do governo.

O vai-vem de indicações para presidência da Petrobras e a ênfase de O Globo para esta questão tinham claramente um propósito de ambas as partes: descrever o empenho do presidente no controle dos preços dos combustíveis. Do Lado do candidato, para que as consequências da inflação não fossem prejudiciais a sua popularidade e do lado do jornal, para que se pudesse mostrar quanto as medidas (as escolhas) não surtiam efeitos práticos na

política de preços da estatal. O objetivo do presidente era o de mostrar força, poder de decisão e o do jornal, era de demonstrar o contrário. Por meio dos mesmos fatos, ambos esperavam, acreditavam e confiavam poder construir junto à opinião pública uma imagem do candidato: de um lado como alguém empenhado em fazer algo que o povo ansiava, sobretudo, seus apoiadores desde 2018, como os caminhoneiros e de outro lado, que era alguém incapaz de conseguir frear a alta dos preços e por efeito, não o candidato ideal para ocupar por mais tempo a cadeira de presidente.

Obviamente que o jornal não dirá isso (afora no segmento opinativo), mas deixará dito, nas entrelinhas, e tendo em vista todo o contexto dos fatos. Ducrot em *O Dizer e o Dito*, traça um relevante desenho de como a linguagem encobre significados, ofusca ao mesmo tempo que revela. Nos domínios do discurso, a formação que se fazia, naquele momento, junto à opinião pública, era de que alguma coisa seria feita, que a situação não iria continuar assim e que o governo era contra os frequentes reajustes de preço na gasolina e no diesel. No entanto, começava a circular um contradiscurso, ao qual aos poucos o jornal O Globo foi dando espaço, de evidência (ou fracasso) dessas medidas, sendo o enquadramento deste vai-vém justamente a materialidade de uma inépcia, de uma ineficácia que recaía inevitavelmente. É curioso como o jornalismo constrói a realidade a partir dos fatos e da geração de acontecimentos que têm, na prática, a mesma perfilação de quem emoldura o real sob outros detalhes, mas rigorosamente também preso aos mesmos fatos. Isso nos elucida o quanto o jornalismo não “cria” realidade nem “manipula” a informação, senão que apenas trabalha na descrição do enquadramento com base na factualidade mesma, ainda que entendida diferentemente por quem deseja que o jornal não expressasse certos aspectos dessa contradição.

Diferente de quando apresentou Adriano Pires como possível indicado, em que o jornal carioca aparentou referendar o nome, desta vez, os jornalistas trazem o vasto currículo de Paes Andrade, mesmo que o secretário de Guedes não tenha nenhuma formação ou participação em empresas do ramo de óleo e gás.

Destaca-se, por outro lado, como motivo de confiança para indicação a criação do site Gov.br, que não tem nenhuma relação com o preço dos combustíveis. Apresentar detalhadamente os feitos do indicado, mesmo que não tenha relação com o tema, pode ser uma maneira de descredibilizar o nome. Causando nos leitores uma sensação de desconfiança no indicado, com a ideia de que Paes Andrade não é uma pessoa capacitada para ocupar o cargo e que está assumindo esse posto por politicagem, o que vai contra o discurso do presidente Bolsonaro que nega interferências políticas na Petrobras.

Ressalta-se que a editoria de Economia desta edição é fechada com um artigo de opinião da jornalista Míriam Leitão, que encerra a linha narrativa colocada pelo jornal, de um governo perdido, sem saber que rumo tomar.

“Petrobras está acéfala e à deriva”. Bolsonaro triturou a governança da Petrobras, para impor sua vontade e usar a empresa para atender grupos e lobbies ligados ao centrão” Míriam Leitão liga a falta de rumo e de inteligência da petroleira diretamente ao presidente. Atenta-se ao fato da jornalista ser uma oposição conhecida ao presidente, com desavenças recentes com seu filho, Eduardo Bolsonaro, que debochou da tortura sofrida pela jornalista na época da ditadura. Assim como outros colunistas do jornal carioca que se empenham em destacar pontos negativos do presidente Bolsonaro.

Após mais imprevistos e desistências, nos nomes indicados por Bolsonaro para a posse em cargos da estatal brasileiro, o jornal O Globo apresenta uma mudança de postura do presidente. A capa da edição de 07 de abril, mostra que Bolsonaro escolheu por fazer uma escolha técnica para assumir o cargo de liderança na Petrobras. Uma mudança na trajetória, que estava sendo construída pela agenda do jornal carioca, onde se apontava para uma escolha com viés político a ser feita pelo presidente.

O nome da vez é José Mauro Coelho, que, segundo o jornal carioca, é uma escolha técnica, por ser ex-secretário do ministério de Minas e Energia, dessa forma ocupando cargo importante nesta pasta. Porém, no decorrer da matéria, o jornalista Manoel Ventura buscou uma solução que já estava dentro do quadro do seu governo.

Esta pode ser uma forma de colocar para o leitor que, novamente, o presidente Bolsonaro está buscando uma “solução caseira”, assim como foi abordado pelo jornal carioca com a indicação de Paes de Andrade ao cargo, colocando um contraponto ao termo “solução técnica”, que é mancheteada na capa desta edição.

Buscar uma solução técnica é uma resposta de Bolsonaro às críticas que recebeu pela possível escolha política por Paes de Andrade “Ele é um nome escolhido pelo próprio ministro, com aval de Bolsonaro. Ambos queriam afastar qualquer possibilidade de nova desistência ou críticas em relação às credenciais do novo candidato ao cargo.” (O Globo, 07/04/2022, pág 11).

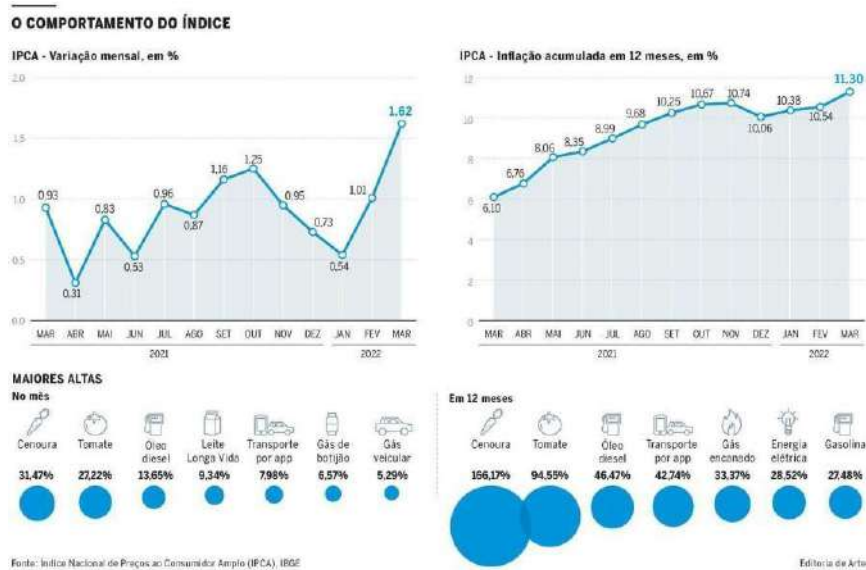
A estratégia por trás da escolha feita pelo ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, parece ter surtido efeito. Uma vez que, a repercussão do nome feito pelo jornal O Globo, objeto de análise dessa pesquisa, ficou semelhante ao do primeiro nome indicado ao cargo, Adriano Pires, onde, a agenda do jornal não ressoou maiores críticas ao possível líder

da Petrobras. Diferente do que fez com Paes de Andrade, em que, como vimos anteriormente, tratou como uma “solução caseira” do presidente.

A pauta social e a preocupação em agradar as classes mais carentes da população brasileira, aparecem desde o início da pré-campanha do presidente Bolsonaro à reeleição. O slogan “Capitão do Povo” marca este posicionamento. Na edição de 09 de abril, a inflação aparece com destaque no jornal O Globo, a agenda do jornal pauta o maior aumento no mês de março desde 1994.

A matéria prossegue na página 15 da edição, onde o jornal traz a descrição da notícia como “Inflação Surreal”. Dessa forma, mesmo que o leitor não tenha muito conhecimento sobre a gravidade deste aumento, o próprio jornal deixa claro com a palavra “surreal” a importância deste elemento, usando este termo mais adequado a linguagem popular. Destaca-se também, dois gráficos com dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo, que acompanham a matéria.

Imagem 2: Gráfico da inflação nos últimos 12 meses (OGlobo, 09/04/2022, pág 15)



Fonte: Acervo Digital O Globo

A Jornalista Carolina Nalin apresenta para o leitor, os aumentos frequentes feitos pela Petrobras como principal motivo para este aumento da inflação. Para isso, a jornalista busca a opinião do Pedro Kislakov, gerente do IPCA “Foi uma alta disseminada nos preços. Vários alimentos sofreram uma pressão inflacionária. Isso aconteceu por questões específicas de cada

alimento, principalmente fatores climáticos, mas também está relacionado ao custo do frete. O aumento do preço dos combustíveis acaba refletindo em outros produtos da economia, entre eles os alimentos”.(OGlobo, 09/04/2022, pág 15).

Apesar de ter como um dos principais motivos a elevação nos preços dos combustíveis, a matéria traz para o leitor a exemplificação desta elevação pelos alimentos, que se aproxima mais da realidade das maiorias dos brasileiros. O jornal liga diretamente a crise nos preços dos combustíveis com a elevação dos preços dos alimentos básicos.

Dando assim, uma dimensão ainda maior para este tema, que tem sido frequente desde o início da pré-campanha, com a mudança na presidência da estatal e as tentativas de Bolsonaro de para os reajustes feitos pela Petrobras, seguindo a política de preços internacionais.

Práticas econômicas de Bolsonaro aparecem na editoria de Política da edição do dia 10 de abril. Assim como toda agenda Petrobras, que varia entre as editorias de Política e Economia, os investimentos do Governo em políticas públicas trafegam entre as duas editorias. “Apelo Econômico, Bolsonaro repete antecessores e aposta em pacote de R\$ 160 Bilhões para atrair eleitor” é o como o jornal abre a reportagem de destaque da editoria de Economia.

Nota-se que os jornalistas sinalizam para o leitor que esta é uma prática comum entre os antecessores. Colocar o aumento de investimento em ano eleitoral, como algo que ocorreu nas últimas eleições, minimiza o impacto negativo para Bolsonaro, sendo este um contraponto à narrativa construída pelo jornal, em que coloca estes novos investimentos do presidente como práticas eleitoreiras, de certa forma, invalidando elas para o leitor.

Porém, no conteúdo da matéria, as jornalistas Marlen Couto e Eliane Oliveira tratam de forma irônica as iniciativas de Bolsonaro, chamando-as de “pacote de bondades” (OGlobo, 10/04/2022, pág 04 ).

Apesar de trazer o histórico de políticas públicas em ano eleitoral, as jornalistas deixam claro para o leitor, que o único objetivo do presidente é à reeleição “O presidente Jair Bolsonaro (PL) mira no bolso dos brasileiros para elevar a popularidade em ano eleitoral”.

As jornalistas seguem citando inúmeras ações do governo Bolsonaro durante este ano, mostrando, de maneira clara para o leitor, que estes investimentos são todos uma prática de “populismo eleitoral”, como colocado em forma de subtítulo da matéria.

No dia seguinte, 11 de abril, o tema volta a aparecer nas páginas do jornal carioca, dessa vez, na editoria de Economia. A principal matéria da editoria neste dia é a divulgação do recorde de receitas oriundas do petróleo, que ultrapassam R\$ 187 Bilhões anuais.



Apesar de ser um assunto puramente econômico e sem relações diretas com as eleições, a jornalista Carolina Naliz faz esta relação com um tópico intitulado “apelo eleitoral”. Neste tópico, reaparece o tema dos altos investimentos em ano eleitoral. A jornalista aborda que os diferentes impactos na economia, ocasionados pela pandemia e por essa demanda eleitoral, de novos investimentos sociais, são a base para o aumento dos gastos neste ano eleitoral.

Seguindo a semana, na edição do dia 13 de abril, os desdobramentos da indicação de José Mauro Ferreira Coelho à presidência da Petrobras volta a ser repercutido, na página 15, da editoria de Economia. Tema que já apareceu diversas vezes, como vimos anteriormente, em capas ou primeiras páginas de editoriais agora é colocada nas páginas finais.

A recomendação da aprovação da indicação pelo Comitê da Petrobras, não parece ser tão atrativa para os editores do jornal carioca, uma vez que não teve destaque na edição.

Suspeita de corrupção no MEC é capa da edição do dia 14 de abril. O Jornal O Globo informa para o leitor que solicitou informações ao Planalto, sobre os possíveis encontros do presidente Jair Bolsonaro, com os pastores acusados de receber propina do Ministério da Educação.

Para reforçar a contradição e a necessidade desta informação, os editores reforçam para o leitor que isso vai contra a transparência, que é proclamada pelo presidente como uma de suas bandeiras.

No interior da edição, na primeira página da editoria de Política, o jornalista Patrick Camporez destaca como “Arquivo oculto”(O Globo, 14/04/2022, pág 04) as informações solicitadas e negadas pelo Planalto. O jornalista explica para o leitor todas as partes jurídicas que baseiam o jornal para solicitar as informações.

Seguindo com a afirmativa, que na agenda do presidente já haviam 4 encontros com os pastores, marcado por uma foto publicada por Bolsonaro e divulgada pelo jornal, o O Globo segue destrinchando para o leitor o caso de corrupção no MEC, sempre colocando os encontros de Jair Bolsonaro com os pastores como um dos pilares deste esquema.

Imagem 3:Foto do presidente com pastores acusados de pedir propina ao MEC  
(O Globo, 14/04/2022, pág 04)



Fonte: Acervo Digital O Globo

Imagem 4: Suspeitas de corrupção no MEC são detalhadas pelo jornal O Globo (O Globo, 14/04/2022, pág 04)

<p><b>AS SUSPEITAS CONTRA OS RELIGIOSOS</b></p>	<p><b>Prioridade no MEC</b> Em áudio, o então ministro da Educação Milton Ribeiro afirmou que o governo priorizava, a pedido do presidente Jair Bolsonaro, prefeituras cujos pedidos de liberação de verba foram negociados pelos pastores Gilmar Santos e Arilton Moura. "Foi um pedido especial que o presidente da República fez para mim sobre a questão do (pastor) Gilmar", diz o ministro na conversa em que participaram prefeitos e os dois religiosos.</p>	<p><b>1 kg de ouro</b> O prefeito Gilberto Braga, de Luis Domingues (MA), disse que o pastor Arilton teria cobrado, de forma antecipada, R\$ 15 mil em troca de sua influência no Ministério da Educação, além de 1kg de ouro após a liberação dos recursos. A conversa teria ocorrido em abril de 2021 durante um almoço em um restaurante em Brasília, logo após uma reunião com Milton Ribeiro no MEC. A reunião no ministério, fora da agenda oficial do ministro, foi uma das diversas solicitadas pelos pastores.</p>	<p><b>Compra de bíblias</b> Os prefeitos Melton Pinheiro, de Bonfínópolis (GO), e José Manoel do Souza, de Boa Esperança do Sul (SP), relataram pedidos de propina, por parte de Moura, variando entre R\$ 15 mil e R\$ 40 mil, além de compra de bíblias. Os pastores teriam chamado prefeitos para um almoço após reunião no MEC. Moura teria solicitado a Pinheiro dinheiro para ajudá-lo a conseguir recursos para a construção de uma escola. E também teria pedido que o prefeito comprasse bíblias para ajudar na construção de sua igreja.</p>	<p><b>Novas empresas</b> O pastor Gilmar investiu R\$ 450 mil para criar duas empresas em março. No mesmo dia ele abriu uma faculdade em Goiânia, com aporte inicial de R\$ 100 mil, e registrou uma editora na cidade vizinha de Aparecida de Goiânia, com capital de R\$ 350 mil. As duas foram registradas em sedes da Assembleia de Deus Cristo para Todos, igreja comandada por Santos e da qual Moura também faz parte. Não há sinal de que os locais sirvam para atividades além dos cultos religiosos.</p>	<p><b>'Me ajude que eu te ajudo'</b> O presidente do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE), Marcelo Lopes da Ponte, afirmou em depoimento à Controladoria-Geral da União (CGU) que recebeu "insinuações" da oferta de propina por parte de Moura. Ele disse que Arilton se apresentou ao FNDE por meio do MEC e que as ofertas de propina ocorreram por meio de frases cifradas. "As insinuações do sr. Arilton nunca trataram de números, mas sim de frases como 'me ajude que eu te ajudo'", afirmou no depoimento.</p>
---	--	---	--	--	--

Fonte: Acervo Digital O Globo

Na editoria de Economia, a agenda de gastos do presidente volta a ser pauta pelos editores do jornal carioca. Novamente com a frase “Em ano eleitoral” em destaque, o jornalista informa para o leitor mais um aumento dos gastos públicos no ano de 2022.

O jornal segue o padrão já visto anteriormente, de colocar a tarja, lembrando ao leitor que os novos investimentos do presidente Bolsonaro estão sendo feitos pensando nas eleições, que ocorrerão no dia 02 de outubro.

Os jornalistas Manoel Ventura, Geralda Doce e Julia Noia repercutem também a pressão do presidente em aprovar estas novas medidas, uma vez que elas podem cair na Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) que regulamenta novos gastos em anos de eleição.

Encerrando a semana com a edição de 15 de abril, O Globo continua a pautar a suspeita de corrupção no MEC. Como sequência da notícia publicada no dia anterior, os jornalistas repercutem os dados solicitados, que antes haviam sido negados pelo Planalto.

O jornal noticia as 45 visitas feitas pelos pastores a setores próximos ao presidente. Novamente os jornalistas optam por ilustrar a reportagem com uma foto do presidente ao lado dos pastores. Esta sequência de notícias deixa a entender para o leitor que os 45 encontros foram com o presidente, quando na verdade foram divididos em diferentes setores do governo.

Aponto que os jornalistas apresentam um infográfico discriminando as visitas dos pastores. O que não desfaz a narrativa construída que dá a impressão de que os encontros foram todos com o presidente. Sendo esta uma forma de ligar Jair Bolsonaro a esta suspeita de desvio de dinheiro público. O que seria mais uma contradição no discurso anticorrupção que é tão importante para a pré-campanha do presidente Bolsonaro.

O noticiário relacionado ao presidente, nas últimas semanas do mês de abril, foi dominado pela disputa entre Bolsonaro, Daniel Silveira e o STF. O caso apareceu pela primeira vez na edição do dia 21 de abril, onde o jornal repercutiu a votação da suprema corte brasileira, que decidiu, por 10 votos a 1, pela prisão do deputado federal Daniel Silveira, por ataque à Democracia.

O evento ganhou relevância para a pauta eleitoral no dia seguinte, em que repercutiu o ato do presidente Bolsonaro, que editou um decreto perdoadando o deputado federal dos crimes que ele havia sido condenado pelo STF.

A disputa volta a estremecer a relação do presidente com os ministros do STF, o que não ocorria desde março deste ano, como apontamos anteriormente, no início da pré-campanha à reeleição. Reforçando esta bandeira do presidente, que se tornou uma marca durante seus anos à frente da presidência da República, fortemente ressaltada nas redes sociais pelos perfis bolsonaristas que fazem frequentes ataques aos ministros.

Uma semana após, em 27 de abril, encerrando o período, a agenda econômica foi noticiada na edição. Volta a aparecer na editoria de Economia as propostas sociais que são apresentadas pelo governo.

Os editores do jornal carioca seguem o mesmo padrão já visto anteriormente, quando o tema são os novos investimentos sociais do presidente, colocando em destaque novamente a frase “Em ano eleitoral”.

A página 13, da editoria de Economia, traz como notícia o desejo do presidente de trocar os cartões do antigo Bolsa Família pelo novo Auxílio Brasil. A jornalista, Geralda Doca, noticia para o leitor que esta troca na identidade visual acarretará em um custo de R\$670 milhões aos cofres públicos.

No interior da matéria, a jornalista não apresenta para o leitor nenhum ponto positivo ou necessidade real para esta troca. Pelo contrário, Geralda Doca relata a pressa do presidente em fazer a mudança, como um dos principais trunfos do presidente neste ano eleitoral.

Na matéria, é pautado também a falta dos chips necessários para a troca dos 18 milhões de cartões distribuídos por todo Brasil. Trazer a informação da falta do material necessário para a troca, mostra ao leitor um despreparo do governo ao tratar do tema. A jornalista cita, em sequência, diversos fatores que dificultam a atualização do cartão, descredibilizando todo o planejamento feito pelo Governo Federal e o Presidente Bolsonaro.

As suspeitas de corrupção e os aumentos dos gastos com programas sociais do governo Bolsonaro, dominaram a agenda do jornal O Globo. O editorial do jornal pouco apresentou o ministro Milton Ribeiro nos casos de corrupção, dando mais atenção aos encontros do presidente Bolsonaro com os pastores envolvidos no caso.

Ligar Bolsonaro ao caso de corrupção, segue a narrativa construída pelo jornal, de descredibilizar o presidente como uma opção do voto no dia 02 de outubro, apresentando desde o início das análises feitas neste trabalho, diversos pontos de contradição entre os atos do presidente e o discurso defendido por ele nos últimos anos.

A pauta econômica ganha destaque nestas eleições: a alta no preço dos combustíveis e as frequentes altas na inflação, se contrapõem nas páginas do jornal ao aumento de gastos públicos promovidos pelo presidente.

Lembra-se do slogan utilizado por Bolsonaro em seu evento de lançamento de candidatura “Capitão do Povo”, os novos e volumosos programas sociais reafirmam o desejo do presidente de se aproximar do eleitorado das classes mais baixas da sociedade. Por outro lado, o jornal carioca, até o momento não apresentou como positivo estes investimentos de Bolsonaro. Como relatado anteriormente, os editores do jornal sempre trazem o tema ligado às eleições e não como um ato de governo do presidente.

### 3.2 A QUEDA DO MINISTRO E SUA PRISÃO

No dia 29 de março de 2022, ganhou a capa do jornal carioca O Globo, a queda do ministro da Educação, Milton Ribeiro. Esta edição noticiou com destaque com matéria de abertura da editoria de Política na página 04, que apresentou uma linha do tempo acerca da suspeita de corrupção no Ministério da Educação.

Imagem 5: Linha do tempo sobre o caso de corrupção no MEC. (OGlobo, 29/03/2022, pág 04)



Fonte: Acervo Digital O Globo

A matéria foi escrita por seis jornalistas: Eduardo Gonçalves, Paula Ferreira, Renata Mariz, Julia Lindner e Bruno Góes, que trataram de relacionar o presidente com os fatos que ocasionaram na prisão de Milton Ribeiro. Resgatar falas do presidente em apoio ao ex-ministro da educação, que ligam a suspeita de corrupção diretamente a imagem do candidato à reeleição “Bolsonaro chegou a dizer na quinta-feira passada que o titular da Educação era alvo de "covardia" e que colocava a "cara no fogo" por ele, mas mudou de ideia no fim de semana.”(OGlobo, 29 de março, pág 04)

Apesar de relacionar o presidente com o caso de corrupção, trazendo o apoio dado a Milton Ribeiro, os jornalistas, neste momento, trazem brevemente o assunto das eleições e como isso poderia afetar o discurso anticorrupção de Bolsonaro, marcado como uma das principais bandeiras eleitorais de Jair Bolsonaro.

Quase três meses depois, como tratado pelo jornal carioca, "escândalo no ministério" volta ganhar espaço na capa do O Globo. Em 23 de junho, a prisão do ex-ministro da Educação, Milton Ribeiro, na manhã do dia anterior, veio a se tornar capa “Prisão de

ex-ministro da Educação abala discurso de Bolsonaro contra a corrupção” (OGlobo, 23/06/2022, capa).

Imagem 6: Prisão do ministro Milton Ribeiro (OGlobo, 23/06/2022, Capa)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Adotando uma postura diferente da matéria publicada na edição de 28 de março, agora Bolsonaro é peça central na narrativa que o jornal apresenta para os seus leitores. Meses atrás, quando o assunto começou a aparecer na grande mídia, Bolsonaro não era ligado ao tema da corrupção, sendo o caso tratado como um problema do MEC e do ex-ministro e não do Governo Bolsonaro. A sequência de palavras escolhidas pelo OGlobo “abala discurso de Bolsonaro contra a corrupção” expõe o presidente, que tem consigo a ideia de mostrar que em seu governo não existe corrupção, o que o jornal carioca tenta desmontar.

Na editoria de Política, da edição de 23 de junho, na página 04, o jornal segue com a narrativa proposta na capa, de ligar o caso de corrupção com as eleições e descredibilizar uma das principais bandeiras do presidente Bolsonaro: o combate à corrupção.

Como manchettato pelo editor do jornal carioca “Impacto eleitoral: Prisão de ex-ministro estremece campanha de Bolsonaro e esvazia discurso anticorrupção”(OGlobo, 23/06/2022, pág 04). Os jornalistas noticiam o prazo para as eleições como “faltado pouco mais de três meses”, dando uma impressão, para o leitor, de que o prazo é curto e que,

provavelmente, como veremos a seguir, desmorona um dos discursos “reciclados” por Bolsonaro das eleições de 2018.

A desconstrução do discurso de Bolsonaro, como um pré-candidato anticorrupção, segue com o apontamento de contradições em falas do presidente. “Há três meses, porém, o presidente defendeu Ribeiro das acusações e chegou a dizer que “botava a mão no fogo” por ele. Ontem, mudou o tom e admitiu que o caso “vai respingar” nele”(OGlobo, 23/06/2022, pág 04).

A escolha dos jornalistas de lembrar a fala do presidente, onde ele afirma que colocaria a “mão no fogo” pelo ex-ministro, aproxima Milton Ribeiro de Bolsonaro, impossibilitando o presidente de usar de justificativas de que não sabia ou que não era próximo do ministro, uma vez que não só isso, mas por outras razões o jornal já colocou o acusado como homem de confiança do presidente.

O caso de corrupção no MEC tomou conta da editoria de Política da edição do dia 23 de junho, ocupando 8 das 9 notícias publicadas, nas 6 primeiras páginas. Na página 06 da edição, OGlobo reforçou a relação de confiança que Bolsonaro tinha com Milton Ribeiro, com a manchete que lembrou novamente a fala do presidente seguindo a narrativa do jornal de relacionar o fato com as eleições. “Da “cara no fogo” ao distanciamento: a guinada em três meses”.

Os jornalistas Daniel Gullino, Jussara Soares e Eduardo Gonçalves expressam na capa a relação do Bolsonaro com o ex-ministro da Educação, ao fazerem a comparação “cara no fogo” ao distanciamento” eles expõem a estratégia de Bolsonaro de se distanciar do caso, tentando desvincular os casos de corrupção de seu governo para que não enfraqueça uma de suas principais bandeira bandeira: o combate à corrupção.

Na editoria de Economia, da edição do dia 23 de junho, o cuidado de Bolsonaro com os caminhoneiros e programas sociais, pautados pelo presidente em seu discurso de lançamento da pré-campanha, com grande destaque, que foi noticiado em 29 de março pelo jornal carioca, voltou a aparecer nas páginas da edição, o que reforça esta como uma pauta importante para o presidente, uma vez que ele vem desenvolvendo ações que beneficiem este setor.

Na página 15, que abre a editoria de Economia, OGlobo agenda o possível “vale-caminhoneiro”, proposta do Governo Federal. Os jornalistas Manoel Ventura, Geraldo Doca e Bruno Rosa, apontam que “Governo e Congresso articulam estado de emergência para driblar lei eleitoral” (OGlobo, 23 de Junho, pág 15). Os jornalistas, dessa forma, mostram para o leitor que o estado de emergência é algo errado e para que seja realizado seria

necessário “driblar” uma lei. Nesta edição O Globo colocou, em diversos momentos, como apontados anteriormente, um confronto frequente entre o presidente e as leis. Seja no caso de corrupção, ou no estado de calamidade, Jair Bolsonaro é colocado pelos jornalistas, como sempre, fazendo algo duvidoso.

O tema segue ganhando espaço de destaque na capa do dia 24 de junho. Apesar de utilizar os termos “Corrida pelo voto”, O Globo optou por não colocar diretamente Bolsonaro como autor da ação. Os jornalistas preferiram utilizar o termo “Planalto” o que distancia a ação de Bolsonaro, mesmo que seja ele quem de a palavra final. Esta estratégia enfraquece o discurso do postulante à reeleição, uma vez que as ações feitas não estão diretamente ligadas a ele. “Planalto dribla lei eleitoral e decide elevar Auxílio Brasil”, mesmo utilizando o “Planalto” afasta o presidente da ação.

Imagem 7: Capa distância de Bolsonaro melhora no Auxílio Brasil (O Globo, 24/06/2022, pág 04).



Fonte: Acervo Digital O Globo

Proposta que segue durante a notícia ao jornalistas colocarem que “ O governo de Jair Bolsonaro decidiu..” os jornalistas colocam assim que a escolha é feita pelo governo dele e não pelo presidente especificamente. Tirar Bolsonaro da posição de tomador de decisões mostra ao leitor que ele não é um líder viável, de forma que no atual governo não é ele quem toma as decisões. Seguindo assim a proposta apresentada pelo jornal de separar a imagem de Bolsonaro, de programas sociais executados neste ano, sendo esta mais uma forma de desconstruir mais uma bandeira eleitoral de Bolsonaro: “O Capitão do Povo” e sua tentativa



de ressaltar ações e programas sociais, enquanto o jornal quando pauta esses assuntos não coloca elas como um ato do presidente, mas sim de seu entorno.

“Se tem algum problema, a PF está agindo. É um sinal de que não interfiro na PF” (OGlobo, 24 de Junho, pág 15). Assim, Bolsonaro explicou sua presumível lisura quanto ao problema de corrupção no MEC. A editoria de Política da edição do dia 24 de junho é aberta pelo jornal OGlobo, trazendo pontos contrários a esta afirmação do presidente, continuando o processo de apresentar inconsistências no discurso de Jair.

Os jornalistas Aguirre Talento, André de Souza e Eduardo Gonçalves em seu texto, apresentam uma carta do delegado responsável pelo caso, que pode comprometer o Governo Bolsonaro “delegado que comandou a investigação, Bruno Calandrini, escreveu uma mensagem a colegas, na qual afirma ter havido "interferência" na investigação e que perdeu a "autonomia" para conduzir o caso.” (OGlobo, 24 de Junho, pág 15).

Um dia após a prisão de Milton Ribeiro, o jornal carioca traz para o público os tratamentos preferenciais que o acusado está recebendo, mostrando que mesmo com o caso de corrupção, o ex-ministro ainda continua a ter relações com o presidente. Completando com essa reportagem o sentimento de privilégio que Milton Ribeiro tem. OGlobo faz uma retranca, no final da página 04, apontando a relação do desembargador que realizou a soltura com Bolsonaro, colocando que este é cotado para assumir um cargo no STJ.

Os assuntos da edição, relacionados à eleição: prisão de Milton Ribeiro e o Estado de Emergência para aumentar auxílios sociais, foram unidos pelo jornal carioca na página 20, durante a editoria de Economia. Para os jornalistas Alice Cravo, Daniel Giullino e Jussara Soares, deixam para o leitor a posição de que o aumento do auxílio Brasil é um contraposto feito por Bolsonaro, para apagar o caso de corrupção no MEC.

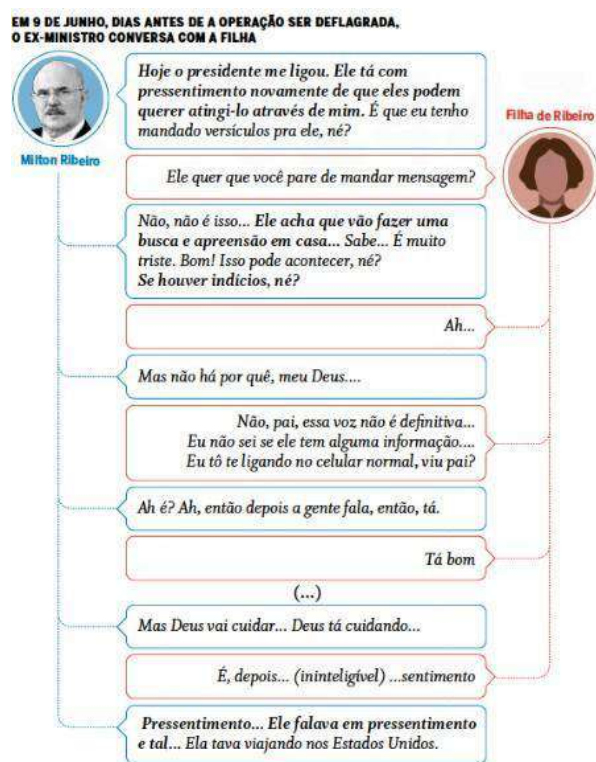
Um dia após a prisão, mesmo com a rápida soltura do ex-ministro Milton Ribeiro , o jornal carioca não abordou esta informação durante a edição. OGlobo carregou nestas edições a narrativa de aproximar o presidente do caso e do ex-ministro, apontando contradições do presidente, como visto anteriormente nas edições, desmontando as principais bandeiras eleitorais do pré-candidato Jair Bolsonaro, tentando desacreditá-lo para à reeleição.

Os desdobramentos do caso de corrupção no MEC seguem sendo agendados pelo jornal carioca, colocando uma forte relação com o presidente. Na edição de 25 de junho, OGlobo noticiou os áudios, onde Milton Ribeiro expõe para sua filha uma conversa que teve com Jair Bolsonaro, dias antes de ação que terminou com sua prisão.

A sequência de matérias publicadas pelo jornal nos últimos dias fala mais sobre os privilégios de Milton Ribeiro e como Bolsonaro pode ter interferido nas investigações. Este fato aponta um interesse maior do jornal em relacionar Bolsonaro com o caso do que explicar e esclarecer ao leitor sobre o caso de corrupção no MEC.

Assim como pautado anteriormente, quando O Globo relembrou casos de corrupção durante o governo Bolsonaro, na página 5 da edição de 23 de junho, agora, à página 6 da edição, do dia 25 de junho, relembra os casos de supostas interferências do presidente na PF, mostrando um padrão do jornal de relembrar pontos negativos do presidente, retomando casos semelhantes ocorridos.

Imagem 8: Diálogo de Milton com sua filha em que diz que foi avisado pelo presidente da ação da PF (OGlobo, 25 de Junho, pág 04)



Fonte: Acervo Digital O Globo

Seguindo os desdobramentos da suspeita de corrupção no MEC, a editoria de Política, da edição de 26 de junho do Jornal O Globo, com a informação de que o plano de Bolsonaro é abafar o caso. Porém, mesmo sendo um assunto ainda muito recente, os jornalistas Geraldo Doca e Thiago Branzatto optaram por refazer a cronologia dos fatos ocorridos. Relembrar e

reforçar ao leitor a gravidade do caso, apresentando assim um contraponto à tentativa do governo em deixar o ocorrido cair no esquecimento.

Neste plano, segundo os jornalistas, está traçado para segurar a possível CPI que pode ser instaurada no Senado. Destaca-se que, novamente, o jornal opta por falar sobre como o caso refletiu nos atos do presidente Bolsonaro e não sobre a corrupção e como isso reflete na educação do país.

A escolha editorial é, claramente, focada em ligar o presidente às suspeitas de corrupção, ao invés de mostrar para os eleitores informações sobre o possível caso de desvio de recursos públicos. Colocando assim, a imagem do presidente lado a lado com um caso de corrupção em seu governo, o que desmonta sua bandeira anticorrupção.

Ainda na edição de 26 de junho, o jornal apresenta o discurso de Bolsonaro, em evento realizado em Balneário Camboriú, onde o presidente falou para milhares de pessoas na Marcha para Jesus. Os jornalistas divulgam a fala do presidente, em que o pré-candidato defende seu governo “Não podemos admitir que, enquanto estiver acontecendo algo de mal para os outros, nós fiquemos calados do lado de cá” Jair Bolsonaro, (OGlobo, 26 de Junho, pág 04).

Passar a imagem para o leitor, de um presidente sem rumo neste momento de maior fragilidade de Bolsonaro parece ser uma escolha editorial do OGlobo. O Jornal, ao longo do tempo, apresenta argumentos e fatos para criar, no imaginário do leitor, um presidente descredibilizado que não é capaz de gerir o país por mais 4 anos.

Depois de uma semana, com o noticiário dedicado a apresentar para o leitor a relação do presidente Bolsonaro com o suposto caso de corrupção no MEC, na edição do próprio dia 26 de junho, outros assuntos voltam a reaparecer na agenda do jornal.

A Petrobras é tratada pelo próprio OGlobo como assunto central para as eleições, como vemos na notícia que será abordada a seguir. O jornal retoma a narrativa de um governo perdido, o que reflete na estatal brasileira e conseqüentemente no preço dos combustíveis.

Para isso, os jornalistas reforçam, na edição de 26 de junho, na editoria de Economia, em matéria que traz uma linha do tempo, intitulada de "Vácuo de liderança", lembrando ao leitor que, durante os últimos meses, em que a os preços dos combustíveis só aumentaram, Jair Bolsonaro não conseguiu definir um presidente para estatal, colocando-o como um dos culpados pelas frequentes altas que são observadas.

Imagem 9: Linha do tempo que mostra as mudanças no comando da Petrobras (OGlobo, 25 de Junho, pág 23)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Nesta matéria, da página 23, do dia 26 de junho, destaca-se ainda os subtítulos em negrito, trazidos pelos jornalistas Bruno Rosa e Glauce Cavalcante. Neles, são colocados para o leitor, as seguintes mensagens: “Quem vai assinar; Sem plano de longo prazo; A mais descontada; No piloto automático; Caminho incerto”. Todas elas mostram um governo perdido, que não consegue planejar e gerir de forma organizada e eficiente a maior estatal brasileira.

Assim, o jornal reforça para o leitor a narrativa de que Bolsonaro não é uma opção viável para as eleições deste ano.

Na edição do dia 27 de junho, o tema “Corrupção no MEC” possui pouco destaque nas páginas do jornal fluminense, aparecendo somente em notícias curtas na página 06 e 07 da editoria de política. Sem novos desdobramentos e informações que ligassem o presidente ao tema, voltam a aparecer na agenda pautas da ordem econômica e política, que constroem o quebra-cabeça das eleições deste ano.

A editoria de Política, da edição de 27 de junho, é aberta com o não-comprometimento dos principais candidatos a cumprir a lista tríplice para novo PGR. Como o objeto desta pesquisa é o candidato Jair Bolsonaro, serão desconsiderados a relação de outros candidatos, sendo apenas relevantes menções ao atual presidente.

Sendo assim, os jornalistas relembram ao leitor que, durante os 3 anos de mandato, Bolsonaro ignorou a indicação por duas vezes. Em complemento a esta reportagem, foi feita pelo O Globo uma retranca, explicando como Aras, atual PGR, foi parar no cargo. Segundo os jornalistas, Aras buscou ajuda política, sendo o primeiro escolhido sem estar na lista tríplice.

Um dos discursos de Bolsonaro, ao longo do tempo, foi que faria escolhas técnicas para os cargos e não por interferência política. Os jornalistas apresentam, nesta edição, mais uma contradição do presidente, O Globo reforça que Aras arquivou diversas denúncias contra Jair Bolsonaro por gratidão, o que coloca o presidente novamente na mira dos casos de corrupção. Petrobras e sua relação com o preço dos combustíveis é um tema que aparece desde o início deste trabalho. Com a primeira troca do presidente da estatal iniciada em março, até os dias atuais, a menos de 100 dias das eleições, se marcando como uma agenda frequente nestas eleições. Na edição de 28 de junho, o assunto volta a ganhar a capa do jornal carioca.

Imagem 10: Petrobras volta a capa do jornal há menos de 100 dias das eleições (O Globo, 28 de Junho, pág 23)



"Combustível eleitoral". Assim define O Globo, a posse do novo presidente da Petrobras, Caio Paes de Andrade, noticiada na página 15 da editoria de Economia. Como já colocado anteriormente, a agenda Petrobras e todos os temas que cercam os preços dos combustíveis são tratados pela editoria do jornal carioca como uma pauta relevante para as eleições.

Novamente, o jornal colocou uma escolha feita por Bolsonaro no bolo de decisões que tem o objetivo de ter algum ganho político. Desta vez, os jornalistas trazem o objetivo traçado para o novo presidente da estatal: "O governo do presidente Jair Bolsonaro e lideranças do Congresso Nacional esperam que Paes de Andrade atue para evitar novos aumentos nos preços de combustíveis até as eleições".

A narrativa construída de apontar os atos do presidente como prática eleitoreira é reforçada quando os jornalistas trazem a informação que o objetivo é segurar os preços dos combustíveis somente até as eleições.

A matéria aborda ainda a mudança de opinião do presidente, em relação à política de preços, utilizada pela Petrobras. Bolsonaro defendeu durante os últimos 3 anos a paridade de preço com mercado internacional, mas agora, próximo às eleições, comemora o novo modelo a ser adotado por Paes de Andrade, que possibilita interferências políticas no preço dos combustíveis.

Durante os meses de pré-campanha, a agenda do jornal O Globo traz os atos de Bolsonaro que o aproximam da figura de "Capitão do Povo", slogan da campanha à reeleição, como ações puramente pensadas para conquistar votos, o que pode deslegitimar estes atos para o eleitor.

Seguindo a variação entre as editorias de Economia e Política. Nesta edição de 28 de junho, na página 04 da editoria de Política, o editor reforça que Bolsonaro está articulando politicamente para conseguir implementar medidas sociais que ajudaram sua campanha. Um fator frequente nas notícias relacionadas ao presidente, é de apresentar, logo nas primeiras linhas, a relação do assunto com as eleições, construindo, na cabeça do leitor, uma relação direta entre as ações e o dia 02 de outubro.

### 3.3 INÍCIO DA CAMPANHA ELEITORAL

A campanha eleitoral começa oficialmente, segundo o TSE, no dia 16 de agosto. Mas as semanas anteriores dão um bom tom de como deve ser este período. Em relação ao candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, o jornal O Globo enquadra o noticiário com informações sobre a dificuldade econômica que o país está passando e os investimentos em programas sociais, iniciados pelo governo Bolsonaro nos últimos meses.

Abrindo, nesta edição de 16 de agosto, os mais de 100 dias de campanha, contando primeiro e segundo turno, o jornal carioca publica a primeira pesquisa Ipec, contratada pela TV Globo. A pesquisa servirá para medir o rumo das campanhas, como forma de mostrar para o leitor um panorama inicial. O jornal pauta esse primeiro dia com a notícia de que Lula larga 12 pontos à frente de Bolsonaro, apontando a possibilidade de uma vitória em primeiro turno.

Os jornalistas Bernardo Mello e Gabriel Sabóia, identificam para o leitor, nesta primeira pesquisa, um resultado melhor para Bolsonaro do que se mostrava na anterior, mas apontam também uma possibilidade de vitória no primeiro turno do candidato Lula. Seguindo a agenda economia, acerca do Auxílio Brasil, o jornal reforça no interior da matéria a importância do investimento para o resultado das eleições. Trazendo, assim, a atenção do leitor para este tema, que é tratado pelo jornal como uma política eleitoreira do presidente.

Para isso, os jornalistas pautam essa questão, noticiando que a pesquisa foi feita ainda no meio do primeiro pagamento do auxílio e que, talvez, ainda não fosse percebido pelas pesquisas. Mesmo que, segundo os jornalistas, essa seja a grande aposta da campanha bolsonarista para reduzir a distância até o dia das eleições.

Em dia de início oficial da campanha, O Globo não pauta a agenda política de campanha, se reservando a apenas noticiar, na página 8 da edição de 16 de agosto, o evento de posse de Alexandre de Moraes como presidente do STF, desafeto antigo de Bolsonaro. O jornal pauta esse tema destacando o encontro de Bolsonaro com Lula, reforçando a questão da polarização das eleições e não temas periféricos, como as críticas de Jair Bolsonaro aos ministros do STF.

Apesar de grande parte da notícia ser destinada ao encontro de Lula e Bolsonaro, os jornalistas Mariana Muniz, Jeniffer Gularte e Jussara Soares colocam o último parágrafo destinado à relação entre o Presidente e o TSE. Mesmo falando da relação conturbada, os jornalistas trazem com informações de fontes internas, que o objetivo de ambas as partes é cessar os conflitos em relação às eleições. Com isso, Bolsonaro consegue amenizar sua

imagem nesta questão de conflitos com o judiciário, que é agendada desde o início da pré-campanha.

Na edição de 17 de agosto, dia seguinte ao evento da posse, o jornal mancheta na capa que Alexandre de Moraes rebate, na frente de Bolsonaro, críticas feitas pela direita. Mesmo com a presença de incontáveis lideranças políticas, o editorial do jornal opta por destacar o confronto entre Bolsonaro e Alexandre de Moraes, colocando um contraponto a imagem amena, que foi apontada pelo jornal antes do evento.

Na matéria completa, publicada na página 4, da editoria de Política da edição de 17 de agosto, fica evidenciado para o leitor, como principal, que Alexandre de Moraes, segundo os jornalistas, dá um recado a Bolsonaro ao falar sobre liberdade de expressão: “Moraes deu um recado ao presidente Jair Bolsonaro (PL), presente na solenidade, embora não tenha citado nominalmente. Com frequência, o titular do Palácio do Planalto e seus aliados desfere ataques a representantes de outros poderes, sobretudo ministros do Judiciário” (OGlobo, 17 de agosto, pág 4).

Destaca-se novamente, o fato do jornal enquadrar o discurso com foco no conflito entre Bolsonaro e o ministro. Completando a narrativa, lembrando para o leitor que o judiciário, principalmente, é alvo de ataques bolsonaristas.

O início da campanha também é pautado na página 06 da editoria de Política.

Imagem 11: Lula e Bolsonaro lado a lado no início da “Guerra Santa” (OGlobo, 17 de agosto, pág 6)



Fonte: Acervo Digital OGlobo



Destaca-se que o jornal leva para o leitor o termo “Guerra Santa” que reforça a polarização, já esperada, mas ao mesmo tempo ironiza a religiosidade dada como um pilar para a campanha bolsonarista. Os jornalistas Sergio Roxo, Bernardo Mello, Luísa Marzullo, Victória Cócolo e Mariana Rosário apresentam, neste primeiro dia de campanha, os dois principais candidatos segundos às pesquisas, como abordado anteriormente, colocando os dois lado a lado iniciando a campanha para os dois da mesma forma. Os jornalistas optaram por destacar Lula e Bolsonaro acima dos outros candidatos, mas sem destacar um ou outro colocando assim os dois no mesmo nível para o eleitor.

A reportagem começa com os jornalistas, explicando para o leitor, de forma indireta o por que de ser uma “Guerra Santa”, Para isso, os jornalistas apontam as acusações falsas, segundos os jornalistas, feitas pela campanha bolsonarista contra a campanha petista. Dessa forma se noticia para o leitor que Bolsonaro está usando a religião de forma mentirosa para ter ganhos políticos. A narrativa do jornal carioca de descredibilizar o candidato à reeleição pode ser observada quando os investimentos sociais e as falas sobre religião são colocadas como práticas eleitoreiras e não um sentimento verdadeiro do candidato.

Fakenews é pauta importante para O Globo neste início de campanha. Tanto na capa quanto nas matérias de destaque da edição de 18 de agosto o jornal produz notícias que cercam este tema. Na página 4 da editoria de Política, os jornalistas Bernardo Mello e Bruno Góes noticiam dando destaque a quantidade massiva de desinformação compartilhada pelas campanhas, principalmente pela campanha bolsonarista. Destaca-se que nas imagens de informações enganosas selecionadas pelo jornal para ilustrar a matéria, 3 são da campanha Bolsonarista sendo uma delas com maior espaço na página.

Imagem 12: Desinformação é destaque nos primeiros dias da campanha (OGlobo, 18 de agosto, pág 4)

## GUERRA SUJA NAS REDES E NAS RUAS

Campanhas dos líderes nas pesquisas publicam desinformação contra adversários



### Outdoors ligando esquerda a bandidos

A Justiça Eleitoral determinou a remoção de um outdoor, em Porto Alegre, que associava a esquerda a "bandido solto". O PT também pediu a retirada de posts em redes sociais que divulgam o outdoor. Outras propagandas de conteúdo semelhante foram identificadas em estados como São Paulo (na imagem ao lado) e Goiás.



### Almoço com Guilherme de Pádua

Apoiadores de Lula sugeriram que Bolsonaro teria relação próxima com Guilherme de Pádua, assassino da atriz Daniella Perez. O vereador Leonel Rêde (PT-RS), por exemplo, disse que o presidente e Michelle Bolsonaro "juntaram (com) e tietaram" Guilherme após circular uma foto da primeira-dama ao lado da mulher dele em Belo Horizonte. Em resposta, Bolsonaro negou que ele e Michelle conheçam Guilherme.



### Video sobre incentivo ao uso de crack

A ex-ministra Damares Alves (Republicanos), candidata ao Senado pelo DF, publicou um vídeo no qual acusa o governo Lula de ter criado uma "cartilha" para estimular o uso de crack. O PT solicitou ao TSE que os vídeos sejam removidos.

Fonte: Acervo Digital O Globo

Decorrendo a matéria, os jornalistas ligam diretamente os ataques com informações falsas ao candidato Bolsonaro, mesmo que a maioria delas não tenham sido proferidas pelo próprio presidente. Este movimento de relacionar Bolsonaro com os ataques feitos pela sua base já pode ser observado anteriormente, quando o jornal colocou como um ato do presidente os ataques feitos por seus militantes. Essa narrativa reforça a imagem de Bolsonaro como um homem incapaz de gerir o país, conseqüentemente não podendo ser presidente novamente.

A primeira semana de campanha se encerra com a segunda pesquisa divulgada pelo O Globo, a primeira DATAFOLHA, noticiada em 19 de agosto. Assim como na IPEC, em que o jornal pautou por abrir a campanha de 2022, a pesquisa DATAFOLHA aponta Lula com larga vantagem e Bolsonaro pequeno muito atrás do seu adversário. O jornal apresenta um cenário ruim para a campanha Bolsonarista, mostrando que seu adversário está crescendo entre os mais ricos e Bolsonaro mesmo com os investimentos sociais não consegue crescer entre os mais pobres. Construindo assim um sentimento pessimista para leitor em relação ao futuro da campanha do presidente à reeleição.

A segunda semana da campanha começa com tema diferente no jornal carioca. Com a primeira semana repleta de notícias sobre ataques entre os candidatos e compartilhamento de informações falsas, neste início da segunda semana o jornal pauta a ida de Bolsonaro à

Assembleia Geral da ONU. Os jornalistas noticiam para o leitor a tentativa do candidato de mostrar evolução na agenda global. A presença de Bolsonaro é tratada pelo jornal carioca com grande importância, visto que abre a editoria de Política da edição de 22 de agosto.

Apesar do subtítulo da manchete ser “Bolsonaro dá guinada em relações exteriores e programa da reeleição abraça “globalismo”, o enquadramento feito pelo jornalista André Duchiate mostra a contradição entre o discurso feitos por Bolsonaro em 2018 e nesta eleição. O jornalista rememora a fala do presidente que prometia tirar o Brasil do acordo das Nações Unidas “Se eu for presidente eu saio da ONU, não serve para nada esta instituição” (OGlobo, 22 de agosto, pág 4). Essa fala antiga do presidente é contraposta com a fala de que o Brasil seria destaque como defensor da ordem global. Aponta-se que a notícia que o discurso de Bolsonaro passou a ser a mudança de posicionamento do governo e a gestão das relações internacionais durante os 4 anos. Duchiate expõe todo o plano de governo relacionado ao tema, apontando que a pasta ocupa apenas 3 páginas e meia das 48 que compõem o plano. O combo de contradições noticiadas pelos jornalistas contempla a fala do ex-ministro Ernesto que dizia que o mundo vivia uma ditadura do clima, uma clara crítica às metas ambientais acordadas entre os países.

Na edição seguinte, de 23 de agosto, o jornal noticia a ida de Bolsonaro ao Jornal Nacional. Com os temas fake-news e críticas às urnas sendo pautados nos últimos dias, o jornal destaca falas polêmicas do presidente relacionadas aos temas.

Imagem 13: Capa destaca fala supostamente mentirosa de Bolsonaro (OGlobo, 23 de agosto, pág 4)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

A opção editorial do jornal carioca de destacar que o candidato Bolsonaro mentiu reforça a narrativa de ligar o presidente às campanhas de desinformação da campanha noticiadas anteriormente. O complemento da notícia chega na página 04, abertura da editoria de Política, com foco para possível questionamento do resultado das eleições e novamente a mentira em relação às urnas. Aponta-se que a matéria não recebe a assinatura de nenhum

jornalista, dessa forma será tratado como uma opção editorial do O Globo. Dessa forma o jornal separou os temas abordados na matéria com subtítulos em tons críticos as práticas do candidato à reeleição “Ofensa a ministros do STF” Desinformação sobre as urnas “”Vacinas e falta de ar “” “Liberdade de expressão” “. Dentro de todos esses temas o único que aparece entre aspas é o último, mostrando para o leitor um tom irônico em relação ao posicionamento de Bolsonaro sobre o tema.

Com a agenda sobre Fake-News tomando conta do noticiário sobre as eleições, o jornal carioca segue na editoria de política da edição de 23 de agosto, desdobrando a entrevista do presidente realizando uma checagem de fatos para o leitor. Na página 5, o jornal pauta mais uma informação contraditória do presidente. Desta vez O Globo noticia a fala do presidente em relação ao centrão “ Na minha época não existia Centrão” (O Globo, 23 de agosto, pág 5). Os jornalistas Jussara Soares e Daniel Gullino fazem uma retrospectiva que escancara a mudança de posicionamento do presidente em relação ao centrão. O lead feito pelos jornalistas retoma o discurso antipolítico com que Bolsonaro foi eleito em 2018, completando com a informação da aliança que o candidato tem nestas eleições com o partido de centro.

Pautando esta entrevista de diferentes formas, o jornal noticia diversas contradições de Bolsonaro em relação ao discurso que o elegeu em 2018. A novidade nas pautas relacionadas com o presidente são as frequentes relações que o jornal faz entre o presidente e as fake-news, quase como se fossem uma coisa só. Relacionar a campanha bolsonarista com mentiras e contradições reforça a narrativa de descredibilização do candidato.

Eleição é enquadrada como guerra na edição de 25 de agosto e o jornal carioca coloca Bolsonaro com quem ataca.

Imagem 14: Eleição é guerra (O Globo, 25 de agosto, pág 4)



Novamente, pautando as estratégias de comunicação das campanhas, o jornal notícia os ataques como principal objetivo dos presidenciáveis. A foto do candidato Bolsonaro, objetivo desta pesquisa, é acompanhada da palavra “Ofensiva” em negrito enquanto seu adversário é acompanhado de “Contra-ataque”. Lembra-se que uma das metas da campanha bolsonarista divulgado pelo jornal é a de trazer um tom mais ameno para a imagem do presidente, o que é quebrado com o fato de Bolsonaro ser colocado como quem ataca ou mentir como vimos em matérias anteriores.

As notícias relacionadas às ações de Bolsonaro nas eleições mostram, desde março, uma tentativa de aproximação do presidente com as classes mais pobres da sociedade. Porém, na edição de 27 de agosto, que marca o início das campanhas na TV, o jornal noticia a fala de Bolsonaro: “Não existe fome para valer no Brasil” (OGlobo, 27 de agosto, Capa). A opção do OGlobo de destacar a fala controversa de Bolsonaro afasta o presidente dessas classes, que parecem ser tão importantes para sua eleição. Apesar do acontecimento ser o início das campanhas na TV, o enquadramento feito pelo jornal carioca na editoria de Política da edição de 27 de agosto, aborda exclusivamente a fome no Brasil. Para isso, o jornal noticia que Bolsonaro explora o Auxílio Brasil, reforçando o uso político do investimento e a fala do presidente em relação à fome já mencionada anteriormente.

O conteúdo da matéria segue um padrão já observado anteriormente, quando se trata de Bolsonaro e os investimentos sociais. Desta vez, além de apontar o uso político do Auxílio Brasil os jornalistas Jeniffer Gularte, Jussara Soares, Fernanda Trisotto, Camila Zarur, Julia Noia, Kathlen Barbosa e Luã Marinatto, noticiam a fala do presidente a um podcast de fisiculturismo, sem grande relação com política e a campanha da TV. Dessa forma, uma pauta que seria sobre as campanhas de TV passou a ser sobre a fome a partir da derrapada do presidente.

A terceira semana de campanha começa com a repercussão do primeiro debate entre os candidatos. A edição de 29 de agosto destaca mais uma fala polêmica do presidente Bolsonaro. Bolsonaro em diferentes momentos é colocado como um oponente com diferentes adversários STF, Lula e agora as mulheres candidatas Soraya e Simone.

Diferente da capa onde Bolsonaro foi destaque pelos confrontos com as mulheres na matéria completa da página 04 da editoria de Política, o foco é dividido entre os diferentes assuntos do debate, mas com atenção para os temas *mulheres e corrupção* diretamente ligados ao candidato à reeleição. Em mais uma matéria não assinada o jornal, segue o mesmo modelo de construção da matéria. Dividindo o conteúdo em temas principais abordados no debate.

Assim como dos tópicos selecionados na entrevista ao jornal nacional, a maioria são temas sensíveis para o presidente Bolsonaro. Sendo o primeiro e mais crítico para o candidato à reeleição o “Ataque às mulheres” em que o jornal coloca que o presidente atacou a jornalista Vera Magalhães. Em mais um momento, a opção editorial do jornal carioca desconstrói a imagem de tom ameno tentada por Bolsonaro, inviabilizando mais uma de suas bandeiras. Depois de fatos agressivos e falas polêmicas de Bolsonaro, o jornal noticia na edição de 30 de agosto mais uma pesquisa IPEC. Neste momento, diferente dos anteriores quando o sentimento era de uma evolução para uma vitória em primeiro turno para o candidato Lula, agora o jornal carioca notícia um momento de estabilidade nos números.

Em um momento de estabilidade nas campanhas, sem grandes novidades. O jornal carioca pauta o plano de governo dos candidatos e sai um pouco das polêmicas e ataques das campanhas. Na edição de 1 de setembro O Globo pauta a relação econômica das promessas de campanha. Assim a campanha eleitoral aparece na página 13 da editoria de Economia. Os jornalistas Manoel Ventura, Jeniffer Goulart, Fernanda Trisotto, André Duchiate e Luísa Marzullo noticiam como os investimentos sociais feitos durante o ano eleitoral e prometidos para 2023 estão fora do orçamento.

Apesar do tema ser colocado pelo jornal como relacionado às eleições por abordar as promessas de campanha, os jornalistas não colocam a marca “Eleições 2022” que identifica as matérias relacionadas às eleições na editoria de Política. Assim, os jornalistas começam a matéria para noticiar o envio do Orçamento para 2023 por parte do Ministério da Economia. Apesar do ato ser burocrático, é necessário pela legislação o jornal aponta a contradição entre as promessas de campanha de Bolsonaro e outros candidatos e o orçamento apresentado.

Na editoria de Política as promessas inviáveis não ganham espaço. Desde o início das eleições pode-se observar a frequência com que a pauta fakenews tem ganhado as páginas do jornal carioca. Nesta edição de 1 de setembro a jornalista Mariana Muniz noticia a análise de que neste período o grande número de ataques faz com que o TSE remova 1 a cada 3 vídeos que envolvem alguns dos presidentiáveis. Dentre essa centena de vídeos retirados do ar, a jornalista informa que a campanha do PT entrou com 62 pedidos, sendo 9 aceitos, enquanto o PL entrou com 17 e apenas 2 aceitos. Apesar de o número de processos aceitos não ser tão grande, o jornal lista todos eles como forma de ilustrar a matéria, causando uma sensação de muitos mais ataques sofridos pela campanha do petista. Dessa forma, fica construído para o leitor a representação que Bolsonaro é o candidato que ataca e não o que sofre com informações falsas.

Imagem 15: Ações recebidas pelo TSE ilustrada(OGlobo, 01 de setembro, Pág 4)

**AÇÕES QUE CHEGARAM AO TSE**  
 Das 124 ações relacionadas a propaganda irregular, 17 foram deferidas total ou parcialmente

**CAMPANHA DE LULA**

- Vídeo que associa PT a facção criminosa**  
 Alvos: Ottoni de Paula, Max Moura, Carla Zambelli, Flávio Bolsonaro e outros.  
 Resultado: Remoção de vídeo que também tinha ataques ao STF
- "Cartilha do crack"**  
 Alvos: Damiens Alves  
 Resultado: Exclusão de postagem falsa pela es-mostrava em que acusa o PT de ensinar a estimular o uso de drogas
- Falso advogado do PT**  
 Alvos: Responsável pelo perfil "Andre Lima3212" no Kwai e outros  
 Resultado: Retirado do Facebook e do Kwai de vídeos em que um homem desacredita o sistema eleitoral e diz estar associado ao Judiciário para vencer as eleições
- Falso irmão de Adélio Bispo**  
 Alvos: Responsável pelo perfil <https://www.facebook.com/hcbn/news.1> e outros  
 Resultado: Retirado do ar de posts que mostravam Lula com um homem apresentado como irmão de Adélio, o que é mentira
- QR Code pró-Lula**  
 Alvos: Carla Zambelli, Darcio Figueiras e Inacio Florencio Filho  
 Resultado: Exclusão de postagem de Zambelli que vinculava QR Codes a títulos a um código para computar votos para Lula
- Áudio do Aldo Rebelo**  
 Alvos: Bruno Engler, Flávia Barros Cunha, Massael Bessa da Silva e outros  
 Resultado: Exclusão de vídeo que ao ex-ministro das gestões petistas, áudio em que responsabiliza o PT pela alta dos preços dos combustíveis
- Fake news sobre motoboys**  
 Alvos: Eduardo Bolsonaro, José Fernandes Linhares Junior e outros  
 Resultado: Remoção de post de que Lula quer acabar com os empregos de motoboys e motoristas de aplicativos
- Fake news sobre 13º**  
 Alvos: Responsável pela página "Dae Augusto Pereira" (Facebook) e outros  
 Resultado: Remoção de notícia falsa de que Lula propôs o fim do 13º salário e do direito a férias
- Pesquisa pró-Bolsonaro**  
 Alvos: Futura Consultoria e Assessoria Ltda  
 Resultado: Proibição de divulgar pesquisa irregular que mostra Bolsonaro à frente de Lula em Minas

**CAMPANHA DE BOLSONARO**

- Discurso de Lula com menção a "genocídio"**  
 Alvos: Lula e PT  
 Resultado: Retirada dos vídeos em que Lula chama Bolsonaro de "genocida"
- Discurso de Bolsonaro sobre Covid**  
 Alvo: CUT  
 Resultado: Retirada de vídeo de canal da CUT no YouTube que acusa Bolsonaro de matar brasileiras durante a pandemia

**CAMPANHA DE CIRO**

- Montagem de Ciro com facção no Kwai**  
 Alvo: Joya Tecnologia Brasil Ltda Anderson Tomaz  
 Resultado: Exclusão de vídeo
- Montagem de Ciro com facção no Telegram**  
 Alvo: Marcos Koury Barreto  
 Resultado: Exclusão de vídeo
- Propaganda antecipada de Lula no Piauí**  
 Alvo: Lula e Federação Brasil da Esperança  
 Resultado: Remoção dos vídeos de comício de Lula em Teresina, com pedido de voto
- Montagem de Eduardo contra Ciro**  
 Alvo: Eduardo Bolsonaro  
 Resultado: Exclusão de vídeo com montagens de falas de Ciro sobre estabilizações e evangélicos
- Canal pirata do Ciro**  
 Alvo: Responsável pelo site "CiroTV"  
 Resultado: Retirada do ar de canal que publicava informações negativas a injúrias contra ele
- Bolsonaro com embaixadores**  
 Alvos: Jair Bolsonaro, Braga Netto, FBC, Google e Facebook  
 Resultado: Retirada de vídeos em que Bolsonaro fez ataques ao sistema eleitoral durante reunião com embaixadores no Palácio da Alvorada

Editoria de Arte

Fonte: Acervo Digital OGlobo

A quarta semana de campanha vai se encerrar com a divulgação de mais uma pesquisa DATAFOLHA. Em matéria assinada pelo jornalista Bernardo Mello, publicada na edição de 2 de setembro na editoria de Política, noticia a pesquisa através da possibilidade da existência de um 2º turno. A possibilidade da eleição ser decidida no primeiro turno vai deixando de poder existir pelo respiro da terceira via, pouco abordado pelo jornal, e não pelo avanço do candidato do PL. Pelo contrário, Manoel Ventura pauta que o resultado frustra a equipe bolsonarista que não conseguiu ver resultados efetivos dos investimentos sociais como Auxílio Brasil. Mostrando novamente a política de Bolsonaro investir em causas sociais, mesmo que não esteja apresentando resultados reais nas pesquisas.

Depois de um mês de campanha, com resultados de pesquisas divulgados e temas como fakenews e ataques entre os candidatos aparecendo com grande frequência, o jornal carioca inicia a quinta semana da campanha na editoria de Política da edição de 5 de setembro com foco nas eleições estaduais. Com relação à campanha presidencial, em especial, ao candidato Bolsonaro os jornalistas Bianca Gomes, Guilherme Caetano e Malu Mões noticiam, na página 5 da editoria de Política da edição de 5 de setembro, a falta de adesão dos candidatos aliados aos atos de 07 de Setembro organizados pela campanha Bolsonarista.

Os jornalistas pautam que os candidatos, mesmo que tenham apoio declarado, não postam vídeos e convites para os atos em suas redes sociais, se restringindo apenas a envios em grupos de militâncias. Entre os aliados os jornalistas destacam Ratinho Junior (PSD) candidato à reeleição ao Governo do Paraná, Capitão Wagner (União Brasil) candidato ao Governo do Ceará e Claudio Castro (PL) candidato à reeleição no Rio de Janeiro. Esse terceiro ganha mais espaço na matéria, por diferentes fatores, como ser do estado sede do jornal, contar com o maior colégio eleitoral do Brasil e ser a base política de Bolsonaro que o elegeu durante décadas como deputado. Mesmo que o jornal coloque na matéria que os aliados não seguem os frequentes convites feitos pelo presidente, aponta-se o fato desses chamados não terem sido pautados com destaque pelo jornal carioca, desmobilizando o ato.

No dia seguinte, na edição de 6 de setembro, a agenda do O Globo volta para a violência e os possíveis ataques resultado da polarização tão elevada nestas eleições. A editoria de Política foi aberta na página 4 com nova decisão do ministro Edson Fachin que restringe decreto de Bolsonaro em relação às armas, com medo de "violência política" como noticiado pelo jornal carioca.

Destaca-se que as jornalistas Mariana Muniz, Jussara Soares e Alice Cravo relacionam no lead da matéria a decisão com os atos convocados por Bolsonaro para o dia 7 de setembro. As jornalistas relatam os fatos que fizeram o ministro tomar a decisão e reforçam que é uma restrição ao decreto feito pelo presidente, sendo o armamento uma das principais bandeiras do candidato. Além de relacionar a possível "violência eleitoral" ao ato bolsonarista, as jornalistas apontam também mais uma vez o acirramento da relação da relação do presidente com o ministro do STF.

Com o parágrafo denominado “ Acirramento dos ânimos” O Globo noticia como os aliados de Bolsonaro receberam a decisão, sempre ligando esse atos como atitudes também do presidente. Segundo os jornalistas, pessoas próximas ao presidente entendem a decisão como uma provocação, mas ao mesmo tempo relembram que os eventos de 7 de setembro de 2021



foram marcados por ataques ao Supremo por parte do presidente. Podendo assim, mostrar para o leitor que a provocação partiu inicialmente dos bolsonaristas que instigam e atacam.

A imagem de um candidato e uma campanha que ataca é percebida nas notícias publicadas pelo jornal carioca em diferentes momentos como: entrevista ao JN, debate e campanhas de desinformação. Porém, ao mesmo tempo que O Globo mostra essas ofensivas da campanha bolsonarista o jornal carioca informa a tentativa de Bolsonaro de mostrar um tom ameno, diferentes de suas falas durante os anos de mandato noticiados pelo O Globo. Pautando assim a contradição entre as falas e os atos do presidente.

No dia da Independência O Globo destaca uso político de Bolsonaro na capa da edição de 7 de setembro

Imagem 16: Independência do Brasil é usada por Bolsonaro (O Globo, 07 de setembro, Capa)



Fonte: Acervo Digital O Globo

Na sequência da matéria na página 04 da editoria de Política os jornalistas Jussara Soares e Jan Niklas apontam um conflito de Bolsonaro contra todos os outros principais candidatos. Destacar o uso político dos atos de Bolsonaro segue narrativa utilizada pelo jornal nas pautas relacionadas aos investimentos sociais. Neste caso, os jornalistas destacam a data como um momento fundamental para Bolsonaro que quer demonstrar sua força para as eleições que se aproximam.

Bolsonaro é a figura principal neste dia 7 de setembro, atraindo a atenção do jornal carioca com o ato convocado com força como noticiado pelo jornal carioca. Jussara Soares e Jan Niklas fazem uma introdução para o leitor do porque o evento é tão importante para a

campanha do presidente. Segundo os jornalistas, a data é a chance para uma recuperação na campanha à reeleição, usando do discurso patriota tanto utilizado na campanha de 2018.

Enquanto o ato de 7 de setembro é tratado como um marco na campanha, o jornal pauta ainda na editoria de Política mais uma vez a divisão dentro da campanha do PL. Em campanha escrita e assinada pela jornalista Bela Megale na página 6 é noticiado a dificuldade do presidente de crescer nas pesquisas e como isso está refletindo na relação entre diferentes personagens da campanha bolsonarista. A jornalista destaca o pouco tempo que resta para o primeiro turno das eleições, marcado para o dia 02 de outubro. Segundo a jornalista, o conflito está na imagem que o presidente está passando nas campanhas de TV, existindo um conflito entre o grupo mais ideológico e o político que tenta propagar um tom mais ameno na campanha.

Essa notícia reforça o interesse do jornal carioca na relação entre o tom ameno projetado na campanha e as ações mais ofensivas do presidente que são apoiadas por este grupo mais ideológico noticiado na matéria. Dessa forma o jornal mostra para o leitor que a imagem de uma pessoa mais amena não é natural do presidente, mas sim uma nova atitude que visa ganhos políticos.

Dia após atos de 7 de setembro reforça uso eleitoral da data por Bolsonaro ao mesmo tempo que autentica a grandeza dos atos. A capa da edição de 8 de setembro mostra a grandeza dos atos convocados por Bolsonaro e conflitos com antigos atritos e relação do presidente com as mulheres.

Imagem 17: Repercussão dos atos de 7 de setembro (OGlobo, 08 de setembro, Capa)



Fonte: Acervo Digital O Globo

O tom ameno ficou de fora da repercussão dos eventos de 7 de setembro. “Do alto de trios elétricos, na Esplanada dos Ministérios e na Avenida Atlântica, ele ameaçou o Supremo Tribunal Federal, afirmando que vai “trazer de às quatro linhas quem ousou ficar de fora”. Com essa forma de repercutir os atos, dando destaque para os ataques feitos por Bolsonaro, a narrativa iniciada com a decisão do Edson Fachin pautada no dia 6 de setembro, que realça o conflito entre Bolsonaro e o STF.

A editoria de Política da edição de 8 de setembro repercute em 3 das 5 páginas, que compõem a editoria, falas do presidente e tem Bolsonaro como foco principal. Na página 4 que abre a editoria o jornal em mais uma matéria que novamente não é assinada destaca o uso político da data, ratificando a crítica feita pelos adversários dos candidatos à reeleição. O jornal deixa claro para o leitor logo na primeira frase que Jair Bolsonaro transforma as celebrações de 7 de setembro no seu principal ato de campanha, atraindo milhares de pessoas para as ruas.

A matéria segue com o jornal informando para o leitor possíveis crimes cometidos pelo presidencialista ao utilizar o evento de forma política. Para isso o jornal coloca que especialistas, procuradores e ex-ministros avaliam que os atos podem justificar a abertura de

uma investigação por abuso de poder político e econômico, aponta-se o fato do jornal não identificar os especialistas procurados pelo O Globo.

A repercussão dos atos mostra uma mudança no tom apresentado por Bolsonaro se antes o candidato evitava entrar em confrontos para se apresentar mais calma, como noticiado pelo jornal anteriormente. Neste dia 7 de setembro o candidato reforçou suas bandeiras ideológicas que o elegeram em 2018. Como pauta o jornal carioca, a eleição virou guerra e uma disputa do bem contra o mal.

Outro assunto que foi tratado como remanescente pelo jornal carioca é a atitude machista do presidente. Na página 6 da editoria de Política o jornal carioca pauta a relação de Bolsonaro com as mulheres, assunto que já foi abordado na repercussão do primeiro debate. Dessa vez, o jornal aborda a tentativa da campanha de aproximar Bolsonaro do público feminino ao mesmo tempo que o presidente tem uma fala considerada machista pelo jornal. Mostrando mais uma vez uma contradição entre as falas da campanha e os atos naturais do presidente.

Nesta matéria que também não é assinada por nenhum jornalista, O Globo relembra para o leitor outras atitudes machistas do presidente nas últimas semanas. Agressividade no debate, Piada infeliz em live e Impaciência em sabatina são detalhados pelo jornal e representam o presidente pelas suas atitudes machistas. As notícias relacionadas ao presidente parecem representar justamente o conflito existente dentro da campanha, que foi noticiado anteriormente pelo jornal. As frequentes contradições entre o discurso e as práticas de campanha são escancaradas pelo jornal carioca que mostra para o leitor todas as contradições de Bolsonaro.

Após a repercussão das comemorações de 7 de setembro, o jornal carioca finaliza mais uma semana com nova pesquisa eleitoral. A edição de 10 de setembro pauta a pesquisa DATAFOLHA informando ao leitor o encurtamento entre os dois principais candidatos, mesmo que sem grande destaque. Apesar da capa desta décima edição do O Globo de setembro noticiar a nova pesquisa eleitoral a editoria de Política pauta um ato agressivo de um apoiador do presidente. A jornalista Pollyana Araújo noticia o segundo assassinato por motivos políticos nesta campanha, pautando que os dois foram feitos por bolsonaristas. A jornalista aponta também que todos os presidentiáveis se posicionaram contra os casos de violência, menos Jair Bolsonaro. Pelo contrário, a jornalista relembra uma fala onde o presidente coloca o PT como uma praga.

Mais uma vez um ato de um militante bolsonarista e relacionado diretamente com atos e práticas do presidente, colando assim na imagem do presidente como um dos principais culpados pelo tom agressivo e de guerra que é tomado nestas eleições.

Na página 7 da editoria de Política da edição de 10 de setembro o encurtamento da distância divulgado pelo DATAFOLHA é pautado pelo jornal carioca. Apesar do destaque inicial ser a redução de 13 para 11%, o jornal pauta junto que a rejeição de Bolsonaro continua alta. Dessa forma, o jornal coloca um novo fato que se contrapõe a esse possível momento de crescimento da campanha bolsonarista.

A menos de 20 dias das eleições, o jornal carioca divulga nova pesquisa IPEC e muda a narrativa de previsão de futuro neste primeiro turno. Com 3 dias de diferença, O Globo agenda a pesquisa IPEC na página 6 editoria de Política anunciando que está reaberta a possibilidade de vitória de Lula ainda no primeiro turno. Diferentes da pesquisa DATAFOLHA noticiada anteriormente esta nova pesquisa ganha uma capa inteira com matéria assinada pelo jornalista Rafael Galdo.

Nesta matéria o jornalista aponta também que os atos de 7 de setembro não surtiram efeito nas pesquisas. Rafael Galdo informa a estratégia utilizada por Bolsonaro de reativar o discurso mais conservador que o elegeu em 2018 durante os atos de 7 de setembro. Porém, assim como outras atitudes colocadas pelo jornal carioca como politicagem e investimentos eleitorais não surtiram efeito relevante que possam ser observados nas pesquisas. O jornal carioca vem pautando a campanha de Bolsonaro através do benefício político que podem gerar, descredibilizando cada um dos investimentos feitos por Bolsonaro.

Dias após Bolsonaro falar que não existe forma de verdade no Brasil, o jornal carioca pauta na edição de 14 de setembro levantamento da Rede Penssan que aponta o número de risco de fome em 37,8% dos lares com crianças de até 10 anos. A matéria completa é publicada na editoria de Economia e faz um grande contraponto à fala do presidente. Segundo as jornalistas Cássia Almeida e Martha Imenes uma das causas para este número tão preocupante é uma falha no modelo do Auxílio Brasil, colocado como uma das principais bandeiras do presidente Bolsonaro. Que ao não diferenciar famílias com mais membros, o auxílio deixa famílias com mais crianças vulneráveis à fome.

Na editoria de Política da edição de 14 de setembro O Globo volta a pautar a contradição entre as ações de presidente e o discurso ameno propagado na campanha que tem o objetivo de diminuir sua rejeição. Na página 4 da edição de 14 de setembro em reportagem assinada

pelas jornalistas Jussara Soares e Alice Cravo a tentativa de Bolsonaro de diminuir sua rejeição foi agendada no jornal carioca.

De início os jornalistas relembram que o candidato à reeleição é rejeitado por mais da metade dos eleitores e como o presidente iniciou uma estratégia para fortalecer o antipetismo. Jussara Soares e Alice Cravo reforçam que os atos de 7 de setembro não tiveram o resultado esperado como observado em matérias anteriores. Desmobilizando a força do bolsonarismo nas ruas.

Os jornalistas retomam ainda a discussão acerca do tom usado por Bolsonaro durante a campanha, mostrando novamente que mesmo faltando poucos dias para a eleição os conflitos internos continuam na campanha do presidente. A relação de uma campanha com brigas internas e indecisões em temas básicos mostra um despreparo do grupo de Bolsonaro. Mostrar e reforçar com frequência essas contradições na campanha bolsonarista mostra para o eleitor que o presidente e seus aliados não são capazes de gerir o país o descredibilizando para o cargo de presidente reeleito.

Novo ato de aliado Bolsonarista é relacionado com o presidente Bolsonaro. Depois da relação de Bolsonaro com as mulheres virar notícia após os conflitos com as candidatas e a jornalista Vera Magalhães, o jornal volta a pautar o tema com novo confronto de aliados do presidente. Na edição de 15 de setembro, O Globo divulgou a mobilização da campanha bolsonarista após a repercussão negativa da briga entre o deputado estadual Douglas Garcia (Republicanos- SP). Apesar de o presidente não ter relação direta com o fato, o jornal carioca coloca uma relação direta do presidente com o ataque feito pelo deputado bolsonarista.

Na página 4 da editoria de Política da edição de 15 de setembro O Globo continua na narrativa de pautar o tom por trás da campanha bolsonarista. Dessa vez, como mencionado anteriormente a discussão é sobre como o grupo bolsonarista deve se comportar em relação às mulheres. Os jornalistas Daniel Gullino, Fernanda Alves, Sérgio Roxo, Kathlen Barbosa, Lucas Mathias e Alice Cravo apontam para o leitor o medo da campanha bolsonarista de que os ataques bolsonaristas possam prejudicar a imagem do presidente. Neste fato o jornal informa que existe quase uma unanimidade em relação a necessidade de reduzir os danos e amenizar o tom em relação às falas contra a jornalista Vera Magalhães e as candidatas a presidente.

Pesquisas eleitorais continuam sendo divulgadas pelo jornal carioca como método de apresentar cenário das eleições. Na edição de 16 de agosto O Globo é noticiada nova pesquisa DATAFOLHA que novamente apresenta cenário de estabilidade. O jornal carioca mostra um

ciclo nas pesquisas eleitorais que vão de estabilidade à possibilidade de Lula no primeiro turno. Na pesquisa noticiada na semana passada em que Bolsonaro se aproximou de Lula, O Globo pautou junto a rejeição do presidente e dividiu a sensação de crescimento de Bolsonaro.

A 2 semanas das eleições, o presidente Bolsonaro viajava para velório da Rainha Elizabeth e o jornal pauta viagem na página 8 da editoria de Política da edição de 19 de setembro, novamente com uma atitude política assim como pautas diferentes momentos da campanha bolsonarista

Imagem 18: Velório da rainha é usado para campanha bolsonarista (OGlobo, 19 de setembro, pág 6)



Fonte: Acervo Digital O Globo

Os jornalistas Pablo Uchoa, Eduardo Gonçalves, Patrick Camporez e Rafael Moraes deixam para o leitor logo o lead da notícia a proximidade com as eleições, causando uma relação direta da viagem com o dia 2 de outubro. Além de noticiar o discurso feito pelo presidente a cerca de 150 apoiadores onde fala que vai ganhar no primeiro turno, diferente do que mostram as pesquisas. Os jornalistas pautam também que o presidente usou a viagem para gravar vídeos falando sobre temas sensíveis como por exemplo o preço da gasolina.

Neste tema que carregou o noticiário do jornal carioca durante meses, O Globo pauta que novamente Bolsonaro é acusado por abuso de poder político e econômico ao gravar um vídeo se gabando do valor do combustível no Brasil em relação a Londres. Por se utilizar de

uma viagem oficial do Governo para fazer campanha. Aponta-se o fato dos jornalistas não abordarem o conteúdo em si do vídeo gravado por Bolsonaro, mas sim o resultado jurídico do ato. Dessa forma, o jornal carioca não ratifica o conteúdo compartilhado por Bolsonaro em suas redes.

Na penúltima semana antes da eleição, o jornal volta a divulgar, na edição de 20 de setembro, pesquisa IPEC que destaca chance de Lula ganhar no primeiro turno. Novamente na editoria de Política, que concentra a grande maioria das notícias relacionadas às eleições, o cenário apresentado pelas pesquisas eleitorais. Sem falar muito sobre a relação de Bolsonaro, o jornal foca a notícia na possibilidade de primeiro turno, deixando a possibilidade aberta na cabeça do eleitor.

Nesta edição de 20 de setembro a ida de Bolsonaro ao velório da rainha continua sendo pautado, desta vez anunciando mais um ato de violência de apoiadores do presidente. Na página 6 da editoria de Política o jornalista Pablo Uchoa pauta bate-boca entre um cidadão inglês e militantes do presidente. Novamente, seguindo o padrão observado anteriormente os jornalistas destacam o uso eleitoral da viagem logo no início da notícia “ A passagem de Jair Bolsonaro (PL) por Londres, em visita para o funeral da rainha Elizabeth II, foi marcada pelo uso eleitoral da viagem” (OGlobo, 20 de setembro, pág 6). Seguindo o mesmo padrão editorial do jornal o ato dos apoiadores são relacionados a atos do presidentes, colocando assim a culpa das agressões no candidato à reeleição.

Depois de noticiar ida de Bolsonaro ao velório da rainha como campanha o jornal carioca segue o modelo e enquadra o discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU em Nova York como fala em tom de campanha



Imagem 19: Discurso de Bolsonaro e enquadrado como campanha (OGlobo, 21 de setembro, pág 04)



Fonte: Acervo Digital O Globo

Na página 4 da editoria de Política da edição de 21 de setembro O Globo pauta discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU enquadrando como o presidente usou o evento de maneira a gerar ganhos para sua campanha. Os jornalistas Daniel Gullino, André Duchiate e Alice Cravo pautam os temas abordados pelo presidente durante o discurso e realizam o serviço de checagem de fatos falados pelo presidente. No final da página estão destacadas 6 frases retiradas do discurso de Bolsonaro que são acompanhadas de um parágrafo explicando para o leitor o motivo das afirmações serem mentirosas; Dessa forma o discurso de Bolsonaro se tornou uma pauta sobre fake news e uso político do cargo de presidente.

Com a viagem de Bolsonaro ao exterior, as notícias relacionadas ao presidente na última semana antes das eleições se concentraram no fato do presidente se utilizar da agenda presidencial para ganhos políticos. Com espaços para a divulgação de pesquisas eleitorais que ressaltam a possibilidade da eleição acabar ainda no primeiro turno. O jornal carioca mostrou para o leitor as contradições nas falas de Bolsonaro e reforçou, baseado nas pesquisas que apontam que o presidente não consegue evoluir na campanha, desestimulando os incentivos a seus apoiadores.

No início da última semana da campanha, o jornal carioca pauta o investimentos das campanhas no ambiente virtual. Em levantamento feito pelo O Globo divulgado na edição de 26 de setembro na página 4 da editoria de Política os jornalistas Melissa Duarte e Dimitriu

Dantas destacam a importância da campanha digital para o resultado da campanha. Nas notícias anteriores, o jornal apontava as estratégias das campanhas para a TV e quando falava das redes era enquadrando o tema em relação à disseminação de fake news.

Nesta reportagem assinada pelos jornalistas Melissa Duarte e Dimitriu Dantas notícia que o gasto com estratégia virtual ultrapassaram os R\$ 120 milhões. Em relação ao candidato Bolsonaro os jornalistas apontam que Bolsonaro investiu R\$ 538 mil, com foco em campanhas destinadas às mulheres e ao público nordestino, reforçando e comprovando a necessidade do presidente de se aproximar destes públicos.

Na página 6 da editoria de Política da edição de 26 de setembro o jornal volta a publicar brigas dentro do grupo Bolsonarista. Aponta-se que na última semana do primeiro turno o jornal optou por noticiar um desentendimento entre a primeira dama Michelle Bolsonaro e o filho do presidente Renan. Colocando novamente os conflitos na agenda relacionada ao presidente.

Na reta final da campanha, jornal carioca destaca vantagem de 17% entre os principais candidatos. A edição de 27 de setembro segue divulgando as pesquisas eleitorais. A IPEC chega com a possibilidade real da vitória em primeiro turno, como é divulgado pelo jornal carioca. Durante todo o primeiro turno as pautas relacionadas ao presidente mostram um cenário pessimista para o presidente, mostrando para o leitor que cada uma de suas estratégias não surtiram efeito. Relembramos os investimentos sociais, os atos políticos e a mudança na sua imagem que foram rechaçadas como tentativas válidas pelo O Globo.

Ainda na edição de 27 de setembro o jornal carioca pauta um possível queda na onda bolsonarista eleita em 2018. Essa matéria publicada na página 6 da editoria de Política reproduz o sentimento de pessimismo propagado nas pesquisas eleitorais em relação ao possível resultado de presidente. Os jornalistas Daniel Gullino, Jussara Soares e Alice Cravo, assim como em matéria publicada anteriormente que falava da falta de apoio de aliados a Bolsonaro, dessa vez os jornalistas pautam os números ruins de bolsonaristas nas pesquisas. Os jornalistas informam que as próprias pessoas da campanha do presidente já admitem que os bons resultados de 2018 não devem se repetir.

O sentimento nos últimos dias antes das eleições é negativo para Bolsonaro com uma possível vitória de Lula no primeiro turno. A narrativa da queda da onda bolsonarista foi difundida pelo jornal carioca se baseando nas pesquisas e reproduzindo e dando espaço para os conflitos e brigas dentro da campanha do presidente. Mostrando para o leitor certo desespero entre os aliados de Bolsonaro pela previsão de um resultado ruim nas eleições.

A última pesquisa DATAFOLHA divulgada pelo jornal carioca mostra novamente Lula com 50% dos votos válidos e reforça a possibilidade de uma vitória do ex-presidente no primeiro turno. O cenário é definido pelo jornal carioca como indefinido, mas enquadra as eleições em encerramento ou não no primeiro turno. Neste momento O Globo deixa outros candidatos um pouco de lado e foca em Lula e sua possível eleição. Dessa forma, na edição do dia anterior às eleições o jornal coloca que em 2022 as eleições apresentam a maior indefinição com Lula empatando em 50% com todos os outros candidatos.

### **3.4 SEGUNDO TURNO DA CAMPANHA**

O início do segundo turno começa diferente da reta final do primeiro turno. Se o primeiro turno encerrou-se com a expectativa de um possível encerramento das eleições ainda no primeiro, o segundo período das eleições começa com o anúncio das eleições mais acirradas desde 89.

A expectativa do candidato Lula era aparecer a 14 pontos de distância de Bolsonaro, o que foi claramente pautado pelo O Globo. Agora o discurso escolhido pelo jornal carioca é o de uma disputa acirrada, e não a de um resultado melhor que o esperado do candidato à reeleição Jair Bolsonaro, como vemos na capa da edição de 03 de outubro, dia seguinte às eleições, mesmo que o tema aparece como um dos subtítulos da capa.

Imagem 20: Anúncio do resultado do primeiro turno das eleições (OGlobo, 03 de outubro, Capa)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Quando entramos no conteúdo da notícia, percebemos que o jornal abordou sim o resultado surpreendente do presidente Bolsonaro e de seus aliados ao Senado e aos governos estaduais. Destaca-se que os jornalistas apontaram também que o candidato Lula não demonstrou frustração, o que apresenta para o leitor a possibilidade de o resultado ter sido frustrante, por ter fugido do esperado pelas pesquisas eleitorais, divulgadas pelo jornal nas semanas anteriores.

Completando a agenda dia seguinte as eleições, OGlobo noticia a busca de ambos os candidatos por apoios para a corrida eleitoral para o segundo turno. No dia 04 de outubro, a editoria de Política começa por explicar a diferença entre o resultado das urnas e as pesquisas eleitorais, principalmente Ipec e Datafolha, que são citadas pelo jornalista Flávio Tabak.

Flavio noticia que um movimento de voto útil pode explicar essa redução na diferença entre os dois candidatos. Ainda no decorrer da matéria, o jornalista destaca o posicionamento dos eleitores de Ciro Gomes, que se aproximou mais do candidato à reeleição do que do petista.

Retornando para agenda de apoios no segundo turno, OGlobo apresenta para o leitor, na página 06 da edição de 4 de outubro, o mapa de possíveis apoios dos candidatos no segundo turno. Com uma matéria bem descritiva dos fatos, os jornalistas Jussara Soares, Jeniffer Gularte, Camila Zarur, Gustavo Schmitt, Sérgio Roxo e Bernardo Mello espelham um cenário nacional para o leitor.

Percebe-se o fato de Bolsonaro aparecer com destaque apenas para o apoio de Zema (NOVO), enquanto seu adversário parece conseguir dois apoios, mostrando para o leitor que Bolsonaro, neste momento, tem menos aliados. Em um momento em que a disputa pelo maior número possível de lideranças ao seu lado, aparecer com o apoio de apenas um governador em destaque, pode enfraquecer a força de Bolsonaro para o eleitor. Por outro lado, no mapa elaborado pelo jornal, Jair Bolsonaro aparece com mais acordos de apoio fechados ou quase concretizados.

Seguindo a editoria de Política, o jornal carioca entrevista a socióloga e professora da Universidade de São Paulo, Esther Solano, para explicar o momento político brasileiro. Para a socióloga e professora, as eleições são um marco na polarização política brasileira “O bolsonarismo se capilarizou e veio para ficar” (O’Globo, 04 de outubro, pág 07), trazendo o resultado que apareceu nas urnas como uma vitória do Bolsonarismo.

Em uma entrevista ping-pong, onde a jornalista faz perguntas que são respondidas em sequência pela entrevistada, destaco as três primeiras em que os jornalistas relembram pontos delicados da campanha de Jair Bolsonaro como sua rejeição, orçamento secreto, uso da máquina pública e ataque à democracia: “Pergunta 01: Mesmo com a maior rejeição de um presidente candidato à reeleição, Bolsonaro teve mais votos do que no primeiro turno de 2018, especialmente no interior e no Nordeste. Além do uso da máquina, com orçamento secreto, Auxílio Brasil e redução de impostos, o que explica esse fenômeno?”; “Pergunta 02: Por que a bandeira de defesa da democracia, argumento usado por aliados de Lula na tentativa de atrair votos e vencer em primeiro turno, não convenceu os eleitores?”.

As perguntas relembram assuntos para o leitor, que foram noticiados pelo jornal carioca como práticas eleitoreiras, durante os meses que antecederam a eleição. Colocando o peso do resultado favorável ao presidente, na conta desses investimentos, e não de uma possível qualidade do presidente.

Bolsonaro aparece fortalecido na edição de 5 de outubro. Diferente da edição do dia anterior, quando Bolsonaro foi noticiado apenas com o apoio do governador de Minas Gerais, nesta edição o presidente é destaque na capa com diversos apoios. Aponta-se também o fato de o jornal optar por trazer o presidente, também em fotos, rodeado de políticos que o apoiam neste segundo turno.

Imagem 21: Bolsonaro fortalecido com apoios de governadores do sudeste (OGlobo, 05 de outubro, Capa)



Fonte: Acervo Digital O Globo

A notícia segue como destaque na editoria de Política da edição, principalmente para Romeu Zema. O apoio do governador mineiro é tratado pelos jornalistas como estratégico para a campanha bolsonarista, uma vez que, dos três principais estados, que concentram 42% dos eleitores, Minas Gerais é o único onde o presidente saiu derrotado.

O jornal carioca noticiou também, em números, a relevância dos três apoios. Segundo o jornal, os três governadores podem trazer cerca de 2,9 milhões de votos a mais para o presidente. A forma como a matéria é construída fortalece a imagem do presidente, uma vez que impulsiona os nomes que declararam apoios ao presidente no segundo turno.

Por outro lado, na editoria de Economia, o jornal carioca segue com narrativa de apresentar para o leitor os investimentos sociais de governo como prática eleitoral. Esta é aberta com a notícia de novos investimentos em programas sociais, como 13º para as mulheres, empréstimo consignado e a ampliação do Auxílio Brasil. Os jornalistas, assim como nos meses anteriores, tratam as iniciativas como uma tentativa do presidente de angariar votos das classes mais pobres da sociedade, onde, segundo eles, são estratégias para à reeleição do presidente.

O lead da matéria trata como informação mais importante, passar para o leitor o fato desta ser uma iniciativa de campanha do presidente e não um ato de governo. “Na primeira semana da campanha do segundo turno, o presidente Jair Bolsonaro (PL) colocou em marcha uma estratégia para angariar votos com uma série de medidas voltadas para a baixa renda, as mulheres nordestinas.” (OGlobo, 05 de outubro, pág 12). Com isso, os jornalistas fortalecem a narrativa de descredibilizar a imagem de homem do povo, que o candidato à reeleição Jair Bolsonaro tenta buscar com os frequentes investimentos sociais.

A primeira semana pós primeiro turno, OGlobo segue com a comparação para ver qual dos candidatos tem mais apoios. Na página 6 da editoria de política, da edição de 6 de outubro, os jornalistas noticiam que Bolsonaro consegue mais governadores para o seu lado. Essa clara disputa que o jornal tenta trazer, é retratada pelo infográfico descrito como “ O Placar de adesões até agora”.

Imagem 22: Infográfico com apoios aos candidatos no segundo turno das eleições (OGlobo, 06 de outubro, pág 6)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

No interior das matérias, os jornalistas Gustavo Schmidt, Jussara Soares e Bernardo Mello, tratam as questões como um avanço do presidente, que conseguiu furar a bolha do sudeste e avançar com apoios em outras regiões como sul e centro-oeste, com os anúncios de aliança dos governadores do Paraná, Distrito Federal e Goiás. Como forma de fazer um

contraponto aos apoios federais que o candidato vem recebendo, os jornalistas reforçam o possível passo a favor de Bolsonaro, que o ex-presidente Temer parece dar.

A primeira pesquisa Ipec do segundo turno é pauta com a distância de 8% de Bolsonaro, ainda atrás do seu adversário e com notícia de menor rejeição do governo do presidente, desde o início da campanha, chegando a 42% de avaliação de ruim ou péssimo. Apesar do número positivo para Bolsonaro, a distância de quase 10% parece quebrar a onda positiva que estava se montando, com as recentes notícias de apoios relevantes para o candidato à reeleição.

Neste trabalho não optamos por analisar colunas de opinião ou análises do próprio jornal, de maneira geral, mas em alguns casos, se faz relevante este apontando para entendermos o cenário que o jornal está sendo produzido.

A sensação de um avanço na campanha de Bolsonaro parece clara nas páginas do O Globo, com as notícias positivas que aparecem nesta primeira semana, mesmo que a agenda do jornal carioca continue com a narrativa de colocar os investimentos do governo como prática eleitoreira.

Na mesma página em que se publicou a primeira pesquisa Ipec do primeiro turno, é apresentada uma análise da jornalista Vera Magalhães, que foi alvo de ataques do Bolsonarismo durante e após o primeiro debate presidencial, realizado na TV Bandeirantes. Apesar desse histórico de embate com o candidato, a jornalista afirma para o leitor essa maré positiva, que podemos observar retratada no jornal carioca, mesmo que ele não apareça nas pesquisas “ Impulsionado pelo resultado obtido na urnas para si e para os aliados, o presidente obteve nos primeiros dias da nova etapa da disputa apoios importantes do ponto de vista político” (OGlobo, 06 de outubro, pág 6).

No decorrer da análise, a jornalista volta a credibilizar a pesquisa Ipec, que demonstra uma vitória de Lula com 55%, fragilizando a campanha bolsonarista. A análise começa com Magalhães explicando para o leitor que pesquisa pode não captar o ímpeto Bolsonarista, mas termina dando mais valor para os números, o que, de certa forma, pode quebrar para o leitor a ideia de um Bolsonaro grande neste início de segundo turno.

A primeira semana da reta final das eleições termina com nova pesquisa Datafolha e surto de Bolsonaro. Observa-se neste começo, um início positivo para Bolsonaro, porém os destaques da capa da edição do dia 7 de outubro mostram um contraponto importante entre os candidatos. Se por um lado, o jornal carioca dá destaque para a pesquisa Datafolha, que resultou em uma distância de apenas 5% entre os candidatos, do outro lado Bolsonaro aparece



aos berros ao lado do jornalista Datena, enquanto seu adversário é apresentado sorrindo com o apoio do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Imagem 23: Pesquisa positiva para Bolsonaro e contraposta com descontrole do presidente (OGlobo, 08 de outubro, Capa)



Fonte: Acervo Digital O Globo

Assim como na capa, no interior do jornal, na página 4, que abre a editoria de Política da edição, a diferença de imagem continua. O Globo destaca a troca de ofensas feitas por ambos os candidatos, que vão desde de canibalismo à “pinguço”.

A escolha das imagens expostas pelo jornal ao leitor, formaliza a imagem de um presidente truculento que não é capaz de governar o país. No interior das materiais os jornalistas Fernanda Alves, Daniel Gullino, Jussara Soares, Jeniffer Gularte e Bruno Góes espelham as críticas feitas pelo PT a Bolsonaro, que tentam, justamente, colar no presidente a imagem de uma pessoa agressiva e descontrolado, o que é complementado com as imagens de Bolsonaro durante entrevista coletiva.

Ainda na edição de 8 de outubro, O Globo dá espaço para o principal apoio de Bolsonaro no segundo turno. Governador de Minas Gerais, Romeu Zema, eleito em primeiro turno, é entrevistado e ganha espaço relevante para a campanha do presidente. Essa entrevista é uma forma de reafirmar a relevância do apoio de Romeu Zema, assim como pode ser vista como vantajosa para a campanha do presidente, que teve um de seu apoiadores proclamando

frases que reativam o antipetismo no leitor como “ O PT, para mim, representa o atraso e o que não funciona”. (OGlobo, 08 de outubro, pág 08).

Por outro lado, a jornalista Camila Zarur desenvolve a entrevista com perguntas que demonstram uma certa incoerência no apoio de Zema à campanha de Bolsonaro, noticiando para o leitor temas como o ICMS, que resultou na queda da receita no estado de Minas Gerais, segundo a jornalista. Assim, ao mesmo tempo que dá espaço para a campanha Bolsonarista, o jornal carioca apresenta discordâncias entre Zema e o governo Bolsonaro.

A segunda semana do segundo turno começa com a edição de 10 de outubro, que enquadra a formação do congresso com as novas eleições. Pensando no discurso noticiado pelo OGlobo, em relação ao candidato Bolsonaro, mostrar a nova formação do Congresso poderia fortalecer a campanha bolsonarista, uma vez que o PL, partido do presidente, representa a maior bancada na Câmara dos Deputados. Apesar dessa representação forte do Partido Liberal, o enquadramento escolhido pelos jornalistas é de mostrar que as eleições resultaram no menor número de partidos com representantes, levando a discussão para outro lado e não o de mostrar a grande bancada de representação bolsonarista.

Os jornalistas Bruno Góes e Natália Portinari, pautaram toda a matéria em cima das possíveis uniões de partidos e a cláusula de barreira, que deixou muitos partidos de fora da composição do legislativo brasileiro. OGlobo não noticia para o leitor a força da bancada bolsonarista, uma marca nos discursos do presidente neste segundo turno, que tenta mostrar para o eleitor que agora tem o Congresso do seu lado. O jornal carioca, por outro lado, não trata essa como uma informação relevante para seu leitor, não legitimando em suas páginas a fala do presidente.

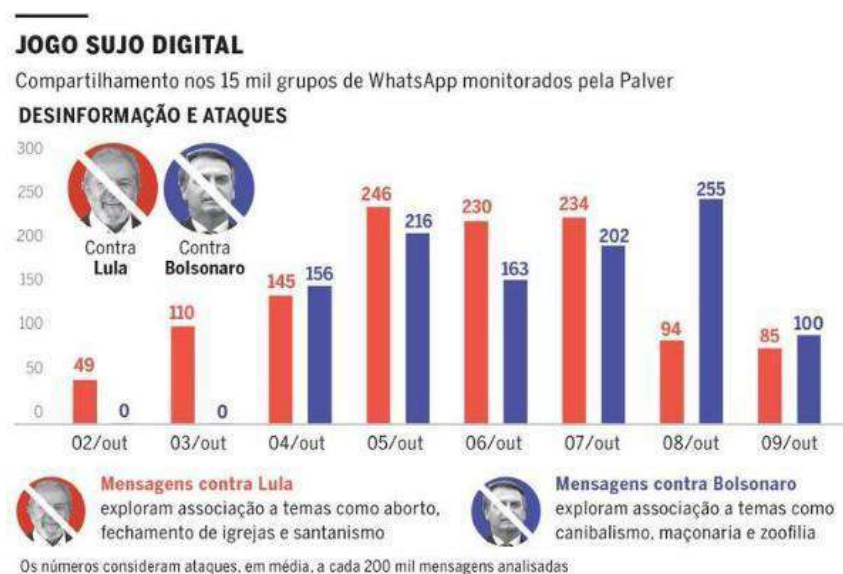
As fake news presentes nas eleições são pauta para o jornal carioca na editoria de política, da edição de 11 de outubro. Com a campanha se acirrando, como vemos nas pesquisas Ipec noticiadas pelo jornal carioca, a disputa por espaço nas redes sociais ganha destaque nas eleições.

Com uma grande reportagem da jornalista Marlen Couto, na página 4 da edição de 11 de outubro, o jornal apresenta para o leitor a "Tática do medo" ou "terrotismo eleitoral", que segundo a jornalista, tenta aumentar a rejeição de ambos os lados. A reportagem se baseia em uma pesquisa realizada pela empresa Palver, que mostra um avanço dos ataques contra o presidente Bolsonaro.

Apesar da jornalista apontar também no interior da matéria que os ataques a Bolsonaro são um ponto fora da curva, que ainda não está consolidado, como os ataques ao candidato

Lula, essa é uma mudança na relação de Bolsonaro com as fake news. Desde as eleições de 2018, o hoje candidato à reeleição, e colocado como propagador de notícias falsas, essa imagem pode mudar para o eleitor com os aumentos do ataque que vem sofrendo. A notícia do jornal O Globo tenta mostrar esses ataques, mas ao mesmo tempo, faz uma meia culpa apontando para o leitor que esse movimento não é regular.

Imagem 24: Gráfico de ataques aos candidatos a presidente. (OGlobo, 11 de outubro, pág 4)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Talvez, como um complemento da agenda fake news na edição, o jornal carioca noticia a chamada “ameaça de Venezuelização” que é tratada na campanha Bolsonarista como uma pauta central. Os jornalistas André Duchiade e Leonardo Nogueira relembram logo no lead que os perigos de um possível governo de esquerda são uma ferramenta da direita em toda América do Sul. Na mesma editoria de política, o aumento do conceito de “terrorismo eleitoral” que é apresentado para o leitor na matéria que vimos anteriormente.

Agora, na página 6 da edição de 11 de outubro, OGlobo noticia justamente as ações realizadas pela direita, que tentam instalar o medo no eleitor. O jornal parece equilibrar a notícia de aumento de ataques ao Bolsonaro, com uma matéria que reforça a campanha do medo realizada por toda a direita, como é tratado pelos jornalistas. Se por um lado, Bolsonaro pode aparecer como uma suposta vítima, o Globo trata de quebrar essa imagem, ressaltando

os ataques frequentes feitos por bolsonaristas, que, como vimos no início das análises, são tratados também como atos do presidente.

Finalizando a editoria de política da edição de 11 de outubro, o jornal pauta a nova pesquisa Ipec, que representa um cenário mais positivo para o candidato Lula, mas com números estáveis, com uma diferença de apenas 7%, como apontado no infográfico.

Imagem 25: Nova pesquisa Ipec aponta estabilidade nas eleições (OGlobo, 11 de outubro, pág 8)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Editorial Entrevistas, do jornal OGlobo, é palco para mais um ator bolsonarista. Desta vez, o senador, coordenador da campanha e filho, Flávio Bolsonaro, é o entrevistado na edição de 12 de outubro. O jornal destaca uma frase do senador, em que busca formar uma imagem mais amena em relação ao presidente: "Aquela paz e harmonia que todos esperam é verdade. Está todo mundo cansado de briga" Flávio Bolsonaro (OGlobo, 12 de outubro, pág 06). Porém, a jornalista Jussara Soares pauta para o leitor que esse discurso moderado é uma estratégia de campanha.

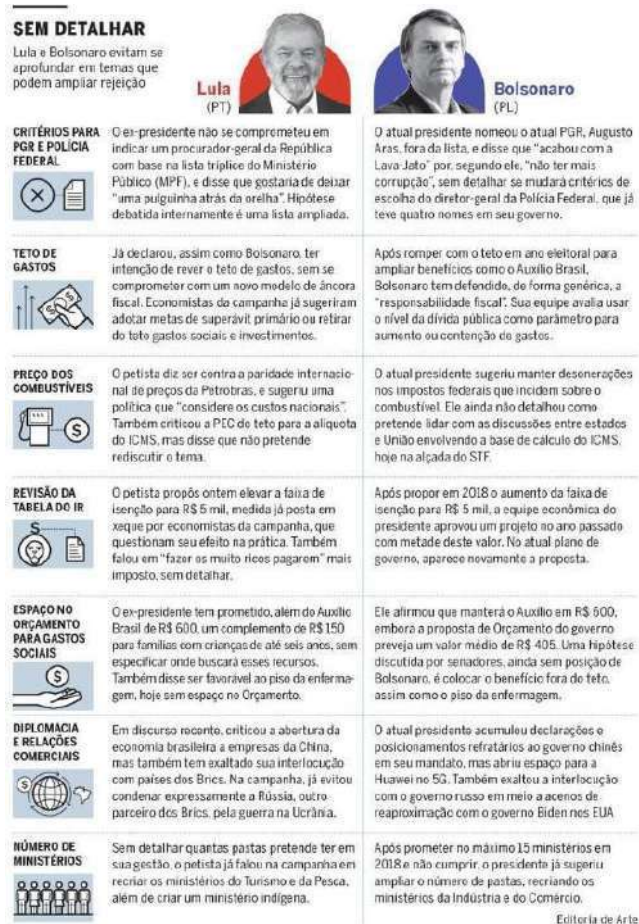
Para lembrar e trazer um contraponto para as falas de Flávio Bolsonaro, a jornalista relembra os ataques do presidente ao ministro e presidente do TSE, Alexandre de Moraes. O

jornal carioca, nestas primeiras semanas dá espaço para a campanha do presidente à reeleição, mas sempre trazendo contrapontos às falas apresentadas pelos entrevistados. Chama atenção que, desta vez, diferente do que ocorreu com o governador Romeu Zema, as perguntas foram feitas em um tom mais ameno, sem abranger de forma contundente assuntos sensíveis para a campanha. O assunto relatório de fiscalização das urnas, feito pelo Ministério da Defesa e falado brevemente durante a entrevista. O que poderia elevar o tom da entrevista.

Diferentes dos meses anteriores ao início oficial dos atos de campanha e propaganda eleitoral paga, quando muito se pautou os atos do governo de Jair Bolsonaro, agora a agenda do jornal carioca se resume a pautar apoios políticos, estratégias e possíveis contradições na campanha. Assuntos mais frequentes, como o preço dos combustíveis e a política interna da Petrobras, deixaram de aparecer nas páginas do jornal, assim como as políticas sociais realizadas pelo governo.

Na edição de 13 de outubro, quase na metade do segundo turno, O Globo agenda em forma crítica o plano de governo de ambos os candidatos, principalmente em temas centrais para o país, como Economia e Combate à Corrupção. O jornalista Bernardo Mello relembra que, apesar do presidente Bolsonaro tentar emplacar a ideia de uma economia em constante evolução e um Governo sem corrupção, o editorial mostra para o leitor contradições entre as falas e os atos do presidente durante os 4 anos de governo.

Imagem 26: Infográfico mostra contradições entre o discurso e os atos do candidatos (OGlobo, 13 de outubro, pág 4)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Os jornalistas Guilherme Caetano e Melissa Duarte repercutem na página 5, da editoria de Política, a visita de Bolsonaro ao Santuário de Nossa Senhora de Aparecida. Seguindo um padrão desde o início das eleições, o jornal carioca reforça, no primeiro parágrafo, o objetivo político da visita feita por Bolsonaro. Os jornalistas citam as críticas feitas pelo Arcebispo Orlando Brandes, entre elas, a de que é necessário que todos tenham uma identidade religiosa. Esse posicionamento noticiado pelo OGlobo, mostra uma certa problemática no fato de Bolsonaro ser declaradamente evangélico e ir buscar votos na igreja Católica. Essa é mais uma das várias quebras de discurso feita em relação ao candidato à reeleição, desta vez descredibilizando sua tentativa de se aproximar do público católico.

O futuro da Petrobras volta a ter destaque na editoria de Economia. Depois de algumas semanas, o jornal carioca volta a destacar a estatal brasileira como um tema importante nestas eleições. Durante os meses que antecederam o início da campanha eleitoral, esse foi um tema

muito abordado, com as trocas de presidente e as mudanças na política de preços empregada nos combustíveis, como vimos anteriormente.

Dessa vez, a escolha editorial do jornal optou por abordar a proposta de governo de ambos os candidatos. Nos últimos dias, observou-se que o jornal tenta colocar na pauta o plano de governo dos candidatos levantando a discussão para além dos atritos entre os candidatos. Variando as pautas entre as editoriais de Economia e Política, como na edição do dia anterior.

O jornal opta por mostrar as diferenças entre as propostas que ambos os candidatos têm em relação à estatal, destacando que as ideias vão muito além do preço dos combustíveis. Observando com destaque para as ideias de Bolsonaro, percebe-se que o jornal coloca um ponto de oposição a cada uma das pautas que são citadas, o que em alguns casos não acontece com o outro candidato ” Nos dois casos, há críticas à política de preços da estatal, que equipara os valores do mercado doméstico ao dólar e ao custo do barril de petróleo. O PT tem um plano para mudar essa política de preços, enquanto a equipe de Bolsonaro não diz exatamente o que pretende fazer com o preço da estatal” (OGlobo, 14 de outubro, pág 17)

Seguindo a narrativa da matéria, os jornalistas Manoel Ventura e Bruno Rosa, fazem uma retrospectiva das trocas de presidente da estatal, feitas durante o governo Bolsonaro. Novamente, apontam para o leitor que a queda nos preços dos combustíveis é um pedido de Bolsonaro para Paes de Andrade, que assumiu o comando da estatal, como uma tentativa de controlar o valor que era crítico para a avaliação do presidente.

Durante toda a matéria, a pauta é marcada pelo cenário de incertezas causado pelas diferenças de pensamento entre os candidatos. O jornal não aponta uma opção melhor ou pior, mas deixa em aberto trazendo a opinião de especialistas, que a Petrobras é fundamental para o controle da inflação brasileira e pauta uma possível privatização, que é falada pelos apoiadores do presidente, mesmo que sem um projeto oficial.

A terceira semana deste segundo turno começa com a repercussão do primeiro debate, realizado por um Pool de Imprensa. Para ilustrar essa matéria, os editores optaram por colocar uma foto em que Bolsonaro aparece levemente maior que Lula, dando um tom de superioridade para o candidato à reeleição.

Imagem 27: Lula e Jair Bolsonaro em primeiro debate do segundo turno (OGlobo, 17 de outubro, pág 4)



Embate. Bolsonaro apoia a mão sobre o ombro de Lula numa das vezes em que os dois oponentes se aproximaram durante o primeiro debate do segundo turno: os candidatos tiveram duros confrontos, mas também falaram direto ao eleitor

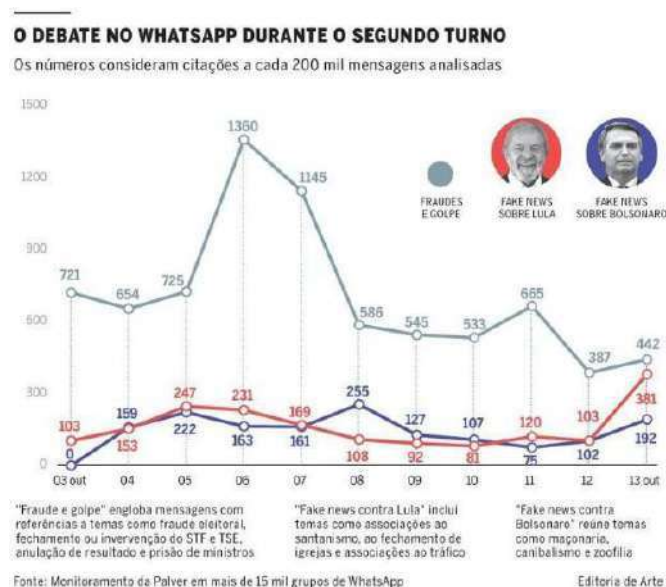
Fonte: Acervo Digital OGlobo

O jornal pauta na notícia o tom ameno em que o debate foi realizado, diferente do debate que ocorreu no primeiro turno. Porém, ao mesmo tempo, os jornalistas falaram em um tão ameno, notícia também pauta ofensas como “cara de pau” e “mentiroso”, sem deixar claro quem foi o autor das ofensas. O que pode minimizar o impacto na relação com os candidatos. A matéria é dividida em 6 tópicos, com temas que foram abordados no debate, entre eles: Corrupção, Mudança no STF, Covid-19 e Acenos ao Nordeste. Destacamos estes temas para esta pesquisa, pois são sensíveis para a campanha presidencial de Bolsonaro. Na corrupção, reforçou uma de suas principais bandeiras, lembrando os casos no governo petista. Em outros temas, é referido ao atual presidente como central nos debates, como se ele definisse os rumos.

O jornal carioca lança acompanhamento das campanhas no Whatsapp, em parceria com a plataforma Sonar. Como observou-se anteriormente, as fakes-news em relação ao candidato Bolsonaro chegaram ao mesmo patamar do seu adversário na última semana, chamando assim a atenção e sendo pautado pelo jornal de uma forma técnica de análise de dados da Palver. Nesta primeira notícia, os jornalistas destacam que o assunto “Fraudes e golpes” tem um volume maior que as fake-news sobre os candidatos.



Imagem 28: Monitoramento da Palver das mensagem de Whatsapp no segundo turno (OGlobo, 17 de outubro, pág 7)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Destaca-se que segundo a jornalista Marlen Couto, baseada no acompanhamento, uma das mensagens mais compartilhadas faz menção a uma possível venda das eleições feita pelo presidente do TSE, o ministro Alexandre de Moraes para o PT. Diferentes de como vimos anteriormente, durante o acompanhamento do jornal, dessa vez, o jornalista não liga os atos dos militantes diretamente com os candidatos. Porém, com espaço para análise do Presidente da Palver, Felipe Bailez: “Estamos vendo desde o primeiro turno, em nosso monitoramento, um cenário de desconfiança contra as instituições, com o objetivo de colocar em dúvida o resultado das urnas” (OGlobo, 17 de outubro, pág 7). Observamos nesta fala, uma eficiência no discurso que a campanha de Jair Bolsonaro tenta construir desde o início das eleições, com conflitos com STF e críticas ao sistema eleitoral.

Bolsonaro lança novo investimento social, que dessa vez é noticiado pelo OGlobo. A eleição volta a ser pautada na editoria de Economia, nesta edição de 18 de outubro. O jornal segue sua linha editorial, já observada em todas as matérias que abrangem os investimentos sociais do governo Bolsonaro nestes últimos meses. Assim como nas outras vezes, os jornalistas relembram para o leitor o motivo eleitoral dos investimentos, descredibilizando a imagem de “Capitão do Povo” tentada pelo candidato à reeleição. Porém, desta vez, são apontadas possíveis infrações que estão sendo praticadas.

Para validar essas informações, o jornal busca a opinião do economista do Idec, Ione Amorim “As pessoas estão cegas atrás desse dinheiro fácil. A exigida educação financeira não está funcionando” (OGlobo, 18 de outubro, pág 15). Com essa opinião do economista, que é destacada pelo OGlobo, o leitor tem a informação da fragilidade em que vivem as pessoas que recebem o Auxílio Brasil, e como o Bolsonaro pode estar se aproveitando desse momento para ganhar votos. Esse reforço de um povo frágil, com a mensagem de um investimento social eleitoreiro, acaba por descredibilizar qualquer validade de uma ideia de que o candidato à reeleição realmente se importe com os mais pobres.

As pesquisas eleitorais são uma maneira dos eleitores conseguirem compreender como está o cenário das eleições, no momento em que a pesquisa foi realizada. Por isso, mais uma vez, o jornal repercute o resultado do levantamento feito pelo IPEC, na editoria de Política da edição de 18 de outubro. Mais uma vez, o candidato Lula aparece na frente, mas como notícia o OGlobo, Bolsonaro aparece com uma oscilação para cima, diminuindo a diferença para 6 pontos. Apesar de como pautou o jornal carioca, que apresentou a ida de Bolsonaro a Aparecida e os investimentos sociais como atos eleitorais, dando um tom negativo aos atos. A Ipec mostra que Bolsonaro cresceu justamente entre os mais pobres e os católicos, públicos alvo destas ações do candidato, mostrando que suas ações estão surtindo efeito.

Seguindo a parceria entre OGlobo e a Sonar, com a jornalista Marlen Couto, escolhida para escrever nesta editorial, noticiam como as campanhas repercutiram o debate nas redes sociais. Segundo levantamento do jornal, que utilizou a base de dados do CrowdTangle, Bolsonaro levou a melhor no número de interações e visualizações em postagens no pós-debate. Com o número de visualizações superior a 8 milhões, o levantamento feito pelo OGlobo mostra a força do candidato, principalmente nas redes sociais. Porém, para trazer um contraponto ao número positivos a Bolsonaro, o jornal notícia um outro dado da Quest, que aponta um placar de menções positivas a Lula durante o curso do debate.

Reforçar dados positivos para ambos os lados, pode ser uma forma do jornal carioca de mostrar imparcialidade na análise das informações, buscando inclusive dados extras como no caso da Quest. Por fim, ainda nesta edição, o levantamento destaca um dado que mostra que a campanha bolsonarista gastou R\$ 338 mil com impulsionamento, defendendo o presidente da acusação de pedofilia, que surgiu depois do presidente declararem um podcast que teria “pintado um clima” com meninas venezuelas.

Na edição de 19 de outubro, apesar de não ter pautado, com destaque, a fala de Bolsonaro sobre as meninas venezuelanas, o jornal carioca noticia na capa a resposta de

Bolsonaro ao caso, com uma foto ao lado de sua esposa e uma importante representante da comunicada venezuelana.

Imagem 29: Resposta de Bolsonaro as acusações de pedofilia (OGlobo, 19 de outubro, Capa)

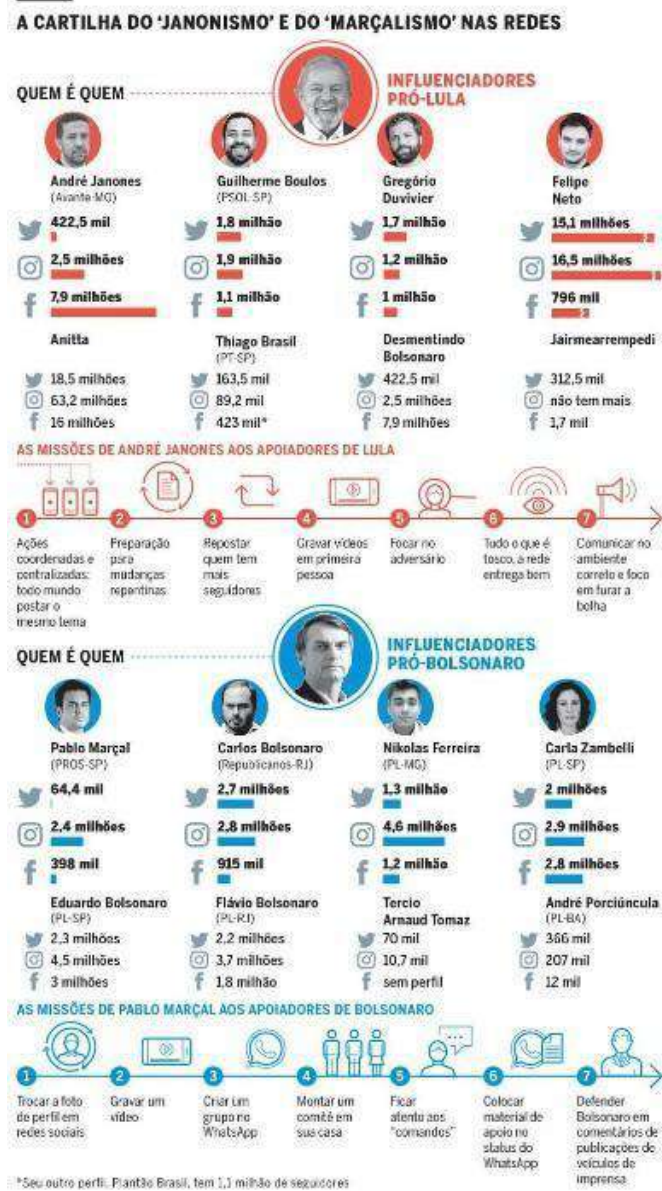


Fonte: Acervo Digital OGlobo

Entretanto, apesar de ter um destaque na capa, a notícia aparece somente na página 7, na editoria de política da edição de 19 de outubro, ressaltando ser uma matéria curta e sem destaque. O conteúdo da matéria é referente aos ataques da campanha do PT, que usou o tema para ligar Bolsonaro à pedofilia. Ao citar que seu rival usou o tema para ganhos políticos, ao mesmo tempo que noticia um pedido de desculpas do presidente, pode mostrar para o leitor que Bolsonaro seria um vítima da ocasião por uma fala mal interpretada.

Ambiente virtual ganha a agenda do OGlobo. Chegando a última semana das eleições, depois de anunciar o editorial Sonar, que analisa dados das redes sociais, o tema internet tem aparecido com frequência nas páginas do jornal carioca, sempre na editoria de Política. Nesta edição, através de um infográfico, OGlobo apresenta todo o panorama das campanhas nas redes sociais.

Imagem 30: Números e estratégias das campanhas nas redes. (OGlobo, 19 de outubro, pág 4)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Dentro do ambiente das redes, uma pauta muito frequente é a desinformação, como vimos em momentos anteriores pelo levantamento feito pelo OGlobo, em parceria com a Sonar. Nesta reportagem, ilustrada pela imagem 19, destacada acima, os jornalistas Daniel Gullino, Jeniffer Gularte, Camila Zarur, Mariana Muniz, Bruna Góes e Jussara Soares noticiam a investigação que recaí sobre Carlos Bolsonaro, filho e responsável pela campanha digital e Bolsonaro. O processo aceito pelo corregedor geral da Justiça Eleitoral, Benedito

Gonçalves, liga Carlos Bolsonaro a um “ecossistema de desinformação”, como é apontado pela denúncia feita pelo PT e informado pelos jornalistas.

Em uma reportagem que pauta a estratégia digital das campanhas, trazer a denúncia de que Carlos Bolsonaro poderia liderar estratégias de desinformação, liga a campanha de forma geral aos altos números de ataques, que vimos nos levantamentos noticiados nas edições anteriores. Reforçando a narrativa de que os atos dos militantes de direita são também atos do presidente.

Nova pesquisa DataFolha, noticiada na edição de 20 de outubro, reforça o ambiente positivo para Bolsonaro com distância de apenas 4% para seu adversário. Desde o início do segundo turno, o ambiente positivo para Bolsonaro é retratado nas páginas do jornal carioca. Desde a primeira semana até agora, com as pesquisas que apontam uma aproximação dos candidatos em relação ao primeiro turno. Esse cenário positivo só é contraposto por notícias como a da ida de Bolsonaro a Aparecida, a fala polêmica das meninas venezuelanas, pouco noticiado pelo O Globo, e a relação da campanha com fake news.

Apesar do noticiário do O Globo não agendarem o tema de pedofilia, em relação ao Bolsonaro, o tema aparece no levantamento da Sonar. Sendo assim, o jornal acaba por pautar o assunto devido à sua grande relevância nas redes. Assim como fez em outros momentos, o jornal insere logo no lead a informação de que a campanha do PT está usando o episódio para ganhos políticos.

A jornalista Marlen Couto, informa que, segundo dados da empresa Novelo, o tema pedofilia teve 1,8 milhões de menções, enquanto o debate alcançou a marca de 1,3 milhões de citações, mostrando o tamanho que a pauta pedofilia ganhou neste segundo turno. Dessa vez, ao mesmo tempo que a jornalista relata os ataques feitos pelo PT a Bolsonaro, Marlen Couto ressuscita também acusações feitas por Bolsonaroistas contra o influencer Felipe Neto, o ligando também a pedofilia. Buscar esse fato antigo equilibra os ataques e inviabiliza um possível sentimento de vítima que possa se criar sobre o presidente.

A relação estremecida de Bolsonaro com o judiciário brasileiro é assunto em relação às eleições desde março, quando o presidente lançou sua pré-candidatura. Com a aproximação da última semana das eleições, e o alto nível de compartilhamento de fake news entre as campanhas, o TSE decidiu por dar 184 inserções como direitos de respostas ao candidato Lula. O jornal carioca noticia, na edição de 21 de outubro, que essa decisão informando que Lula terá 7 vezes mais inserções e, no interior da matéria, levanta a questão dos pesos e medidas estabelecidos pelo TSE. Ao jornal pautar a decisão pela questão do critério usado,

OGlobo viabiliza a possibilidade da campanha bolsonarista questionar a decisão, o que é noticiado na página 6 da edição.

Finalizando a penúltima do segundo turno, a campanha bolsonarista reforça sua bandeira de ir contra o sistema e o STF, que é base de sua ideologia. OGlobo notícia a mensagem da campanha bolsonarista que se diz alvo de perseguição. A matéria é produzida pelos jornalistas Jussara Soares, Cibelle Brito, Gabriel Shinohara e Lucas Mathias que, novamente, levam a campanha para o ambiente virtual. Segundo os jornalistas, o grupo de aliados do presidente está usando sua militância nas redes para levantar a questão de um possível favorecimento ao candidato Lula. A estratégia de utilizar influenciadores já foi noticiada pelo jornal anteriormente, como colocado na edição de 5 de junho, onde noticiou-se que "Partidos apostam em influenciadores como puxadores de votos".

A última semana desta eleição histórica é marcada pelo ataque do ex-deputado federal Roberto Jefferson. Antigo apoiador do presidente Bolsonaro o jornal carioca repercute a tentativa de homicídios contra policiais federais. A capa da edição de 24 outubro mostra o resultado da tentativa de prisão determinada pelo ministro Alexandre de Moraes, os jornalistas destacam para o leitor também a informação de Roberto Jefferson ser um aliado de Bolsonaro. Na edição do dia seguinte, 25 de outubro na página 4 da editoria de Política os jornalistas Aguirre Talento, Mariana Muniz, Jussara Soares, Jeniffer Gularte e Daniel Gullino enquadra o desdobramento do caso notícias como o PT tem usado o caso para desgastar a imagem de Bolsonaro, que como falado anteriormente pelo jornal era aliado de Roberto Jefferson.

Desde o início da pré-campanha no dia 27 de março o grupo de aliados do presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro tenta melhorar sua avaliação, principalmente, em temas como causas sociais e sua relação interpessoal. Como noticiado pelo jornal carioca, Bolsonaro busca a meses essa melhoria, seja com as frequentes trocas na presidência da Petrobras na tentativa de melhorar a situação nos preços dos combustíveis ou criando novos investimentos sociais para atrair as classes mais pobres que representam a maior parte do eleitorado. Missão que foi constantemente questionada pelo OGlobo pelos meses que se sucederam.

#### 4. ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO CANDIDATO PELO JORNAL OGLOBO

Neste capítulo, examinamos as matérias publicadas pelo jornal O Globo, com base na teoria da Análise do Discurso, no objetivo de descrever a representação que é feita do candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro por este jornal, durante os três períodos distintos da campanha eleitoral de 2022: a pré-campanha, o primeiro e segundo turnos. O período da amostra compreende o espaço de tempo das publicações entre 27 de março de 2022 e 30 de outubro de 2022.

Foram utilizados, como coleta da amostra, 17 prints de páginas a partir do acervo digital<sup>7</sup> do jornal O Globo, que se encontra disponível para livre acesso na internet. Esses recortes serão identificados e descritos no decorrer da análise. O recorte visa ilustrar o objeto da análise apresentada neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo. A experiência ainda incipiente em pesquisa dessa natureza nos levou a optar por analisarmos o discurso jornalístico através das matérias publicadas pelo jornal de uma forma conjunta, a partir da separação dos três períodos da campanha eleitoral, conforme acima mencionado.

Nesse sentido, o objetivo principal desta análise consistiu em oportunizar compreender como o jornal carioca, no seu todo editorial, representou discursivamente o candidato à reeleição Jair Bolsonaro em cada um desses períodos da eleição. Compreendemos que tais representações se constituem por meio do discurso jornalístico, este que por sua vez, se constrói em um contexto específico, sendo importante, portanto, compreender as características de construção desse discurso, bem como toda a contextualização histórica do momento de polarização política pelo que o Brasil passou durante aquelas eleições para presidente da República.

A análise do discurso é tanto a teoria quanto a metodologia escolhida para tratar do objeto da pesquisa. Esta referência teórica e metodológica tem o aspecto histórico como um dos eixos de seu tripé, conforme Michel Pêcheux, nos anos 1960. Daí que uma análise discursiva não se faz sem luz ao contexto e ao tempo de um discurso.

Temos também que o discurso é uma das definições para descrever uma compreensão teórica no jornalismo, como aponta Marcia Benetti (2008), professora e pesquisadora da UFRGS, para quem, observar a construção situacional dos fatos faz perceber que se obedece a fatores de produção jornalística destrinchados pelas teorias do jornalismo e que encontram ressonância direta com referência a teorias do discurso.

<sup>7</sup> <https://oglobo.globo.com/acervo>

Assim, neste estudo, tal como já mencionado no capítulo anterior, trabalhamos com a formação do discurso presente na produção de sentidos trazida pelo jornal O Globo, utilizando, como base teórica, tanto o jornalismo nas perspectivas da agenda-setting, como do discurso, em termos de construção de sentido e formação discursiva. Desse modo, buscaremos compreender como se mostra constituído o discurso jornalístico da representação do candidato, presente nas matérias que abordam a imagem pública de Jair Bolsonaro.

Esse trabalho de conclusão de curso tem como objetivo compreender como o jornal carioca representou discursivamente o candidato à reeleição para presidente, Jair Messias Bolsonaro, sendo que se deu na pesquisa uma maior importância à maneira como a matéria se mostrou construída, ou seja, ao "como se diz", seguindo um dos cinco fatores da formação do discurso jornalístico, tal como proposto pelo contrato de comunicação de Patrick Charaudeau (2004).

Mayra Gomez (2009) traz, para a discussão sobre a formação do discurso jornalístico, a necessidade que esta construção tem de se mostrar assertiva quando transmite um fato, como um dos principais meios de informação ao lado da internet. Dessa forma, mesmo que em sua grande maioria as produções sejam assinadas, em grande parte das vezes até por mais de um jornalista, o texto é construído de uma forma distante de um sujeito, pelo que se constitui uma ideia de isonomia sobre as afirmações contidas nele.

Se prestarmos atenção à construção textual jornalística, mostrar-se-á notório o fato de que, como se espera de informações dadas na primeira página, todas as matérias são do tipo assertivo/constatativo e, como tal, se equacionam em torno de um narrador em ausência, pelo recurso à composição em terceira pessoa. (GOMEZ, 2009, p. 03)

Para Céli Pinto (2009), esse modelo de produção com tom assertivo se dá pelas características básicas desse discurso.

O discurso da mídia contemporânea está calcado em duas características básicas: a busca da verdade e a objetividade. Na busca da verdade está muito próximo do discurso científico, isto é da investigação. Já em relação a objetividade esta não é reivindicada através do apagamento do sujeito, mas, ao contrário, através da presença dos sujeitos com posições opostas. (PINTOC. R. J. 2009, p. 86)

A constante busca da verdade e da objetividade no jornalismo remonta a teorias e suposições antigas como do jornalismo imparcial e a teoria do espelho, onde se espera uma simples e objetiva descrição dos acontecimentos, sem considerar as subjetividades do sujeito jornalista, com o jornalista enquanto um sujeito desinteressado, supostamente neutro.



Essas questões de produção jornalística, como de buscar entender e explicar por que as notícias são como são, é objetivo de inúmeras pesquisas ao longo das quatro últimas décadas e por meio de diferentes teorias. Nelson Traquina (2005) em conjunto com um grupo de pesquisadores do Brasil e de Portugal, é uma das expressões teóricas mais expoentes em Teorias do Jornalismo em Língua Portuguesa. Para este autor, “toda profissão é sobrecarregada de imagens, mas talvez outra não seja tão rodeada de mitos como a do jornalismo” (TRAQUINA, 2005, p. 146).

Neste sentido, dos mitos que cercam o exercício do jornalismo, pode-se apontar a ideia de um profissional imparcial, ou, por outro lado, o conceito de que os meios manipulam a sociedade, como o próprio jornal O Globo, objeto desta pesquisa e que é acusado por ambos os lados do antagonismo da notícia, como manipulador da informação.

Nelson Traquina resgata em Teorias do Jornalismo - Porque as notícias são como são, de 2005, ao lado de outras teorias, o conceito do sociólogo das profissões, Everett Cherrington, de Ethos que orienta de forma natural o exercício das profissões. Para Traquina,(2005) o Ethos jornalístico ficou definido através de um processo por membros da comunidade interpretativa e da sociedade democrática, como preenchimento de certas funções na sociedade. Acerca desta função social definida para o jornalismo, podemos apontar como fundamental para os mitos e as certezas sobre sua produção, o que Traquina (2005), por meio da teoria democrática, define para os meios de comunicação uma espécie de “mercado de ideias”.

Trazendo para o cenário que estamos analisando neste trabalho, seria então a função do jornal carioca oferecer para o leitor significados e significantes sobre os casos que ocorrem durante o período eleitoral? O jornal estaria deixando assim, um mercado cheio de ofertas com inúmeras possibilidades de interpretações que devem ser aceitas ou não pela sociedade.

A teoria democrática argumenta que o jornalismo, inicialmente identificado apenas com a imprensa, deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações - designado como a liberdade positiva do jornalismo (Christians, Ferre e Fackler, 1993). Segundo o historiador Boyce, a imprensa atuaria como um elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes (Boyce, 1978 pág. 21 apud TRAQUINA, 2005, p. 129)

Seria então essa função, de mercado de ideias, um papel garantidor da liberdade para o cenário político? Como Traquina cita por meio do próprio historiador Boyce, deve ser a atuação do jornalismo um meio de conexão entre a sociedade e as instituições. Para Celi Pinto (2009), a mídia está sempre tratando de revelar a verdade sobre os políticos, para os cidadãos

- e esta verdade sempre vem repleta de significados de corrupção, desrespeito e de deslegitimação do campo da política. Esta relação conflituosa entre função de mercado de ideias do jornalismo que ao mesmo tempo assume o papel de revelar a verdade, possibilita a construção de narrativas repletas dos significados mencionados como corrupção e deslegitimidade. Como pode o jornalismo ao mesmo tempo ser um mercado de ideias, sem interpretação pré-definida e ao mesmo tempo garantir de revelar a verdade sobre as reais intenções de um posicionamento político?

Com esses mitos reveladores da verdade e garantidores da liberdade na democracia, é que iremos entender os significados gerados em torno do candidato Jair Bolsonaro, referidos por Celi Pinto (2009). Como observado, é fundamental entender o cenário político em que esse discurso é formado. Neste sentido, o cenário político brasileiro durante as eleições de 2022 foi marcado por uma intensa polarização entre as duas principais forças políticas: o Partido dos Trabalhadores (PT) e o governo à época, liderado pelo Partido Liberal (PL). O PT apresentou como candidato à presidência da República o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que havia sido condenado e preso por corrupção em 2018, mas que teve sua condenação anulada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em março de 2021. Lula teve uma forte base de apoio popular e conseguiu atrair o apoio de outros partidos de esquerda. Por outro lado, o PL lançou como candidato à reeleição o atual presidente, Jair Bolsonaro, que buscava manter a sua base de eleitores que o elegeram em 2018, com uma plataforma conservadora e de combate à corrupção.

O período eleitoral foi marcado por um intenso debate político, com acusações e trocas de farpas entre os candidatos e seus apoiadores. A pandemia da Covid-19 foi um tema relevante naquele pleito, com os candidatos apresentando propostas para enfrentar as crises sanitária e econômica que o país vinha enfrentando desde o início da pandemia. Houve, ainda, discussões sobre outros temas importantes, como a reforma tributária, a reforma política, a segurança pública e a proteção ambiental.

#### **4.1 Pré-campanha**

O primeiro recorte de O Globo sobre o processo eleitoral do então candidato à reeleição Jair Bolsonaro traz uma previsão do que esperar no período eleitoral com esta matéria que marca o lançamento da candidatura de Bolsonaro:

Imagem 31: Início da pré-campanha (OGlobo, 28 de março, p. 4)

COM VALDEMAR E COLLOR

## **ESTRATÉGIA RECICLADA**

Bolsonaro se lança à reeleição com tom anticorrupção, apesar de suspeita no MEC

Fonte: Acervo Digital OGlobo

Com o título “Estratégia Reciclada”, o jornal deixa explícita uma interpretação prévia sobre o lançamento da candidatura de Bolsonaro. Neste caso, fica posta a narrativa de um candidato que não evoluiu durante os anos de governo, ao ponto que, quatro anos depois, as propostas são as mesmas, descredibilizando, assim, a imagem de um bom governo que pode ser tentada pelo candidato durante a campanha. Outro ponto importante nesta narrativa de desconstrução de descredibilização do candidato é apontada pela via das contradições no seu discurso. Como vimos no capítulo anterior, uma das principais bandeiras da campanha bolsonarista era ressurgir como discurso anticorrupção, mas, o jornal carioca optou por desconstruir essa imagem logo nas primeiras semanas de pré-campanha.

Temas como corrupção, ataques a eleições e à democracia e programas sociais despontaram, então, com destaque naquele período. Durante o período eleitoral, foi muito importante compreender a relação de confronto entre a representação que o candidato parecia pretender passar e o discurso revelador de uma verdade que devesse ser noticiada. Dessa forma, compreendeu-se de início a tentativa de Bolsonaro de se aproximar do povo, que neste trabalho confunde-se como o coletivo das classes mais vulneráveis da sociedade e que representam grande parte do eleitorado. Reforçando esta relação de confronto entre a visão da campanha e do jornal OGlobo, trazemos a abordagem do jornal carioca que ilustra um personagem oportunista e desqualificado para seguir no cargo de presidente da república.

Narrativa essa que começa a ser construída pelo jornal carioca ao taxar a campanha bolsonarista como reciclada, de forma que não apresenta algo novo ou uma evolução para o eleitor. Os jornalistas Daniel Gullino, Alice cravo e Andre de Souza relacionam também, em matéria divulgada na pág. 04 da edição de 28 de março, o slogan “Capitão do Povo” aos programas sociais realizados pelo governo durante os 4 anos e que têm se intensificado com a

proximidade das eleições. Essa relação de ganho político com os investimentos sociais tiram uma representação de cuidado com os mais necessitados e apresentam um interesse oportunista e eleitoreiro à campanha.

A proximidade das eleições de 2022 trouxe mudanças na gestão e nas políticas públicas desenvolvidas pelo governo Bolsonaro e altera alguns aspectos de seu discurso. Após o lançamento da campanha com o slogan “Capitão do Povo”, o jornal carioca destaca, na página 13 da edição de 29 de março daquele ano, a mudança na presidência da Petrobras. O Globo reforça para o leitor o interesse eleitoreiro de Bolsonaro ao identificar a matéria com “Em ano eleitoral” e o lado de ineficiência do presidente ao trocar o comando da estatal novamente.

Imagem 32: Petrobras é tema central nas eleições de 2022 (OGlobo,29 de março, p. 13)



Fonte: Acervo Digital O Globo

A representação da incompetência e do despreparo de Bolsonaro para seguir no cargo vem disseminada, novamente, em matéria publicada na página 13 da edição de 5 de abril, em que os jornalistas Manuel Ventura e Geraldo Boca apontam que a nova escolha de Bolsonaro para assumir a presidência é uma “escolha caseira”. Optar por classificar a definição de Paes de Andrade como uma escolha caseira representa que o Brasil é gerido da maneira mais fácil, sendo neste caso, a indicação para dirigir a Petrobras de um nome já conhecido do governo e secretário de Paulo Guedes, então, ministro da Economia.

A ênfase dada por O Globo à questão da presidência da Petrobras teve, claramente, um propósito estratégico por ambas as partes. A construção e a desconstrução de uma imagem sobre o mesmo tema. Se o objetivo do candidato era descrever seu empenho no controle dos preços dos combustíveis, visando evitar que as consequências da inflação prejudicassem a relação com o povo, por outro lado, o jornal buscava mostrar o quanto as medidas adotadas

não surtem efeitos práticos na política de preços da estatal, evidenciando a falta de eficácia das escolhas feitas.

Imagem 33: Escolha caseira para presidência da Petrobras (OGlobo, 5 de abril, p. 13)

**Secretário de Guedes é cotado para substituir indicação**

Perguntado sobre a troca, ministro diz que está 'sem a luz' sobre o tema

**MANOEL VENTURA E GERALDA DOCA**  
oenvn@oglobo.com.br  
BRASILIA

ele já foi entrevistado pelo titular de Minas e Energia, Bento Albuquerque.

Assessor do ministro Paulo Guedes, Paes de Andrade volta a ser ventilado no governo para assumir o comando da estatal depois de ter sido pretendido para o posto. Ele estava entre os cotados para o cargo desde antes da queda de Joaquim Silva e Luna, general da reserva. Foi uma indicação de Guedes, mesmo que ele venha dizendo

quênã quer se envolver no assunto. Albuquerque, porém, preferiu Pires, que não poderá assumir o cargo.

Paes de Andrade pode ser uma solução caseira adequada para o momento, na avaliação de integrantes do governo, inclusive pela dificuldade que será encontrar nomes no mercado dispostos a assumir a Petrobras no momento.

Ontem, no Rio, ao ser perguntado por repórteres se po-

deria "dar uma luz" sobre as mudanças na Petrobras, Paulo Guedes, o ministro da Economia respondeu:

—Estou sem a luz.

A troca no comando da empresa foi motivada pela alta no preço dos combustíveis, e a pressão em torno do assunto deve ser intensificada em ano eleitoral.

O secretário foi presidente do Serpro (estatal de tecnologia e informação) e, com isso, já se descompatibilizou de investimentos e empresas — situação que levou

Pires a declinar do convite.

Por isso, ele não precisaria levar dias para vender ações em empresas, por exemplo, nem se desfazer de negócios, como Pires teria de fazer. Além disso, não tem um histórico de trabalho em empresas do ramo de óleo e gás que poderia ser apontado como gerador de conflito de interesses na Petrobras.

O secretário é um

gestor de confiança inclusive de Bolsonaro e tem como vitrine a implantação do sistema Gov.br, que reúne serviços digitais do governo federal.

Ele tem formação em Comunicação Social pela Universidade Paulista, pós-graduação em Administração e Gestão pela Harvard University e é mestre em Administração de Empresas pela Duke University.

Integrantes do governo avaliam que Paes de Andrade seria bem recebido no mercado por fazer parte da equipe de Guedes — e, portanto, ser um defensor de teses liberais, como a reforma administrativa — e de ter histórico na iniciativa privada, onde criou empresas da área de tecnologia da informação.



**Solução caseira.**  
Governo procura nome para substituir Adriano Pires

DE WILSON SOARES/ALRE

Fonte: Acervo Digital OGlobo

A representação de um candidato oportunista e desqualificado segue ocorrendo com a reportagem publicada na pág. 04 do dia 10 de abril, na qual o jornal carioca passa a impressão textual de que os atos sociais de Bolsonaro têm um objetivo único específico de ganhar votos. “Medidas como Auxílio Brasil, vale gás, linhas de consignado e acesso ao FGTS miram o bolso da população, afetado pela inflação e pelo desemprego, e tentam melhorar o desempenho de Bolsonaro especialmente junto aos eleitores mais pobre e mulheres” (OGlobo, 10/04/2022, pág. 04).

Mesmo que essa seja uma representação óbvia e clássica dos políticos, que só fazem as coisas em ano de eleição, Bolsonaro se apresentou em 2018 e tentava se apresentar em 2022 como diferente da classe política, o que é “quebrado” com essa representação do OGlobo. Seria isso então ruim para Bolsonaro? Ou será que pouco importam os fins, já que o importante mesmo é o resultado na vida real? Ficavam então apresentadas essas verdades e esses significados por trás das ações sociais de Bolsonaro. A aproximação da imagem de Bolsonaro com relação teoricamente negativa dos seus investimentos sociais e a ineficiência do governo conta com a denominação dos investimentos como “Bomba Fiscal” por parte do jornal carioca.

Imagem 33: Capa de 10 de abril, Bolsonaro mira as classes do povo com grande aporte de R\$ 160 Bilhões (OGlobo,10 de abril, CAPA)

EM MODO CAMPANHA

# Bolsonaro mira renda do eleitor com pacote de R\$ 160 bilhões

Medidas buscam apoio em segmentos nos  
quais o presidente vai pior nas pesquisas

Fonte: Acervo Digital OGlobo

Como apontado, a construção de um discurso oportunista sofreu alterações ao longo do período de campanha, o que se deu pelo andamento dos investimentos feitos por Bolsonaro. Chamados de “Bomba fiscal” durante o início da pré-campanha, os investimentos sociais passam a ser chamados de “Pec Eleitoral” conforme nos processos legais. Destaca-se a atenção dada nas capas do jornal carioca dos dias 12 até o dia 15 julho, sendo a exatos um mês do início da campanha no dia 16 de agosto.

Imagem 34: Sequência Pec Eleitoral do Bolsonaro a 1 mês das eleições (OGlobo,12, 13, 14 e 15 de abril, CAPAS)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Por um lado, a imagem como oportunista e despreparada que se lê por dezenas de matérias publicadas durante a pré-campanha, como apontado pela sequência de capas acima, destacando o tema para os leitores, já seria um estereótipo dado pela sociedade para os políticos em geral, que só esperam do político alguma ajuda próximo das eleições

O Globo retoma o lançamento da candidatura de Bolsonaro, em que se destacou o “discurso reciclado” anticorrupção. Assim como em 2018, Bolsonaro se apresentou agora nesta outra eleição, como o candidato anticorrupção, reativando a lava-jato como uma de suas bandeiras. Porém, como no caso dos investimentos sociais, o jornalismo assume o papel de mostrar em tom de verdade a imagem de Bolsonaro associada à corrupção. Esse discurso de verdade característico da produção jornalística pode ser observado no tom assertivo intrínseco à produção do texto jornalístico.

A construção da representação de Bolsonaro como corrupto tem como evento marcante a prisão do ex-ministro da Educação, Milton Roberto, e começa nos dias 14 e 15 abril quando surgem as suspeitas sobre os encontros do presidente com pastores que passavam a ser investigados. Em matérias de capa em dias seguidos que parecem se completar o jornal repercute os sigilos impostos pelo Planalto aos dados dos encontros de Bolsonaro com pastores e no dia seguinte notícia que um dos pastores acusado de pedir propina esteve na casa do poder Executivo por 35 vezes.

No dia 23 de junho, o jornal carioca assume de forma clara e objetiva para o eleitor o papel de fragilizar o discurso anticorrupção da campanha e construir a posição de um candidato com um governo corrupto. Nesta mesma data, noticiou-se a prisão do ex-ministro da Educação Milton Ribeiro, suspeito de corrupção e tráfico de influência no MEC. “ Prisão de ex-ministro da Educação abala discurso de Bolsonaro contra a corrupção” (OGlobo, 23/06/2022, CAPA)

A matéria publicada na página 04 da editoria de Política da edição de 23 de junho, destaca no lead a influência que esta prisão terá nas eleições que se aproximam a menos de três meses. Seguindo princípios básicos na construção da matéria jornalística de que as principais informações devem vir primeiro, fica claro que o jornal carioca pretende que a relação do caso de corrupção com o discurso anticorrupção do candidato seja mais importante do que o acontecimento em si. Aponta-se também que a construção da reportagem busca relacionar o candidato à reeleição do caso de corrupção lembrando a fala de Bolsonaro que afirmou que colocaria “a mão no fogo” pelo então ministro da Educação. A aproximação de

Bolsonaro é construída também com a foto que ilustra o texto em que o candidato à reeleição aparece no fundo mesmo que de forma desfocada.

Imagem 35: Repercussão da prisão do ex-ministro da educação(OGlobo, 23 de junho, CAPA e p. 04)



Fonte: Acervo Digital O Globo

A relação entre o candidato Bolsonaro e o judiciário brasileiro, em particular o ministro Alexandre de Moraes, tinha sido um assunto recorrente nas eleições. Desde o ano passado, os ataques do candidato às cortes brasileiras ganharam força, culminando em episódios como o cancelamento da reunião entre os Três Poderes em agosto de 2021, por parte do Ministro Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux, em resposta às denúncias feitas pelo candidato à reeleição sobre a postura da Suprema Corte e a segurança das eleições.

As cada vez mais frequentes falas de Bolsonaro contra a segurança das eleições e os ataques aos ministros do STF, dão força ao tom antidemocrático criticado em seu modelo de governo. No dia 22 de abril daquele mesmo ano, o jornal carioca assumia a posição editorial novamente ao colocar para o leitor os atos de Bolsonaro como “Ataques à Democracia” em matéria que repercutiu o decreto de Bolsonaro que perdoava os crimes do seu aliado Daniel Silveira, condenado pelo STF.<sup>8</sup>

O jornal rememora para o leitor os ataques feitos por Bolsonaro durante anos. Essa forma cronológica de noticiar o fato apontando que agora os ataques saíram do papel deixam

<sup>8</sup>O deputado federal Daniel Silveira (PTB-RJ) foi condenado a oito anos e nove meses de reclusão, em regime fechado, por crimes de ameaça ao Estado Democrático de Direito e coação no curso do processo.



uma dúvida para o leitor: O que ele poderá fazer no futuro? Seria Bolsonaro uma ameaça à democracia?

Imagem 36: Bolsonaro como ameaça à democracia (OGlobo, 22 de abril, CAPA)

## ATAQUES À DEMOCRACIA

# Em afronta ao STF, Bolsonaro edita decreto e perdoa Silveira

Ministros da Corte avaliam que medida pode ser derrubada

Após anos de ataques verbais ao Supremo Tribunal Federal e a seus ministros, o presidente Jair Bolsonaro usou ontem uma prerrogativa de seu cargo para afrontar a Corte formalmente e editou um decreto para livrar o deputado aliado Daniel Silveira das penas de prisão, multa, perda do mandato e dos direitos políticos que haviam sido impostas no dia anterior pelo tribunal. O perdão presidencial a um indivíduo, chamado "graça", nunca havia sido usado por um presidente sob a vigência da Constituição de 1988. Ministros da corte avaliam que a medida deve ser derrubada, pois ainda cabe recurso contra o julgamento, e que a graça só pode ser aplicada contra a pena de prisão. **PÁGINAS 4 a 6**



Aceno à base. Bolsonaro divulgou a decisão em live para apoiadores

Fonte: Acervo Digital OGlobo

## Lira recorre para Câmara definir perda do mandato

Pressionado pela ala bolsonarista, o presidente da Câmara entrou com recurso no STF pedindo que o Congresso dê a palavra final sobre decisões judiciais que determinam a perda do mandato. **PÁGINA 6**

A força da narrativa do jornal carioca ao claramente apontar o discurso de Bolsonaro como um ataque à democracia, mesmo que o perdão concedido obedeça a Constituição, mostra a opção do jornal carioca por abarcar o discurso de um candidato que não respeita a democracia. Como vimos anteriormente, com Nelson Traquina (2005), a teoria democrática, uma das explicações para a função do jornalismo na sociedade, o jornal carioca estaria cumprindo seu papel de apontar desvios no discurso de presidente e assim servindo como um mercado de ideias para os leitores. Para o campo do jornalismo esse mercado de ideias, onde o jornalista seleciona os fatos a serem pautados no noticiário agendando o que será discutido pelo leitor pode ser explicado pela teoria do agendamento. Essa relação do jornalismo como mercado de ideias se apresenta na teoria do agendamento no ponto que fica a cargo do jornalista decidir, a partir do que ele acha relevante, que acontecimentos serão pautados. Dessa forma, o jornalismo tem o poder de agendar o que será discutido pela sociedade.

A narrativa de Bolsonaro foi se adaptando com a aproximação das eleições. Durante o governo, o alvo principal foi o STF, em que o presidente acusava os ministros de tomarem decisões contra o Brasil. Com a aproximação das eleições, essas falas passaram a ser

direcionadas ao TSE e à segurança das urnas eletrônicas. O Globo expõe que Bolsonaro não tem apoio no seu discurso na edição de 29 de abril onde repercutiram as falas dos presidentes da Câmara e do Senado que repudiaram as falas contra as eleições.

Imagem 37: Presidentes da Câmara e do Senado saem em defesa das eleições (OGlobo, 29 de abril, CAPA)

---

**RESPOSTA INSTITUCIONAL**

# **Pacheco e Lira saem em defesa do sistema eleitoral**

Senado e Câmara dão apoio ao TSE após ataques de Bolsonaro

Fonte: Acervo Digital OGlobo

Assim como na matéria anterior, publicada em 22 de abril, o jornal carioca enquadra o novo fato com a categoria de “Ataques à democracia”, bem como em outras matérias relacionadas com o tema. Na produção, o jornal carioca destaca a reincidência do presidente nos ataques à democracia, reforçando a narrativa de um candidato que não respeita esse regime. O Globo aponta também o fato das acusações contra as urnas não terem nenhuma base de provas, se tratando, assim, para o autor de trabalho, de ataques sem sentido do presidente.

A narrativa de Bolsonaro de seguir dentro das quatro linhas da Constituição, referência aos princípios básicos da Constituição Federal<sup>9</sup> (CF) é usada pelo presidente como uma das formas de legitimar os ataques que costumava fazer às instituições. Em 19 de maio, na editoria de Política, O Globo repercutia a negativa do ministro Toffoli à notícia-crime enviada

9

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=I%20%2D%20construir%20uma%20sociedade%20livre.quaisquer%20outras%20formas%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o.](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=I%20%2D%20construir%20uma%20sociedade%20livre.quaisquer%20outras%20formas%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o.)

por Bolsonaro contra Alexandre de Moraes por crime de abuso de autoridade. Assim como no caso do Daniel Silveira, Bolsonaro não faz nada que esteja fora da lei, mas como podemos observar, essa se torna mais uma maneira do presidente inflar sua base contra as instituições. O jornal carioca expõe novamente para o leitor que os ataques de Bolsonaro têm se direcionado para o ambiente eleitoral se aproximando de ministros ligados ao tema como Edson Fachin e Alexandre de Moraes.

A batalha de narrativas em torno das eleições e da democracia se constrói na medida em que Jair Bolsonaro usa o discurso de que está fazendo isso para *termos eleições limpas*. Ao mesmo tempo que o jornal carioca expõe de forma clara e explícita que as falas do presidente relacionadas ao tema são falsas, como o fez na edição de 19 de julho em que repercutiu o evento realizado por Bolsonaro no qual ele recebeu diplomatas na Alvorada. “Alegações Falsas” “Teorias Conspiratórias” “Ataques infundados à lisura do sistema eleitoral brasileiro” e etc, encontradas na página 4 da edição de 19 de julho, assim se referiu o jornal carioca às falas do presidente aos mais de 60 embaixadores presentes.

Imagem 38: Desqualifica falas de Bolsonaro a embaixadores (OGlobo, 19 de julho, CAPA)

## ALEGAÇÕES FALSAS

# TSE e candidatos reagem a ataque de Bolsonaro à eleição

A embaixadores, presidente expõe teorias conspiratórias; Fachin rebate



Anfitrião. Bolsonaro recebeu diplomatas no Alvorada, onde discursou 50 minutos ao lado de painel com erro de grafia

**ELEIÇÕES 2022** Em episódio sem precedentes, o presidente Jair Bolsonaro fez ataques infundados à lisura do sistema eleitoral brasileiro diante de 60 embaixadores e outros representantes de países convidados a comparecer ao Palácio da Alvorada. O gesto causou forte reação de ministros do Judiciário, líderes do Congresso e presidentes eleitorais. O presidente do TSE, Edson Fachin, que recusara convite para ir ao evento, afirmou que é hora de dar um basta “à desinformação” e ao “populismo autoritário”. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, e os pré-candidatos Lula (PT), Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB) também criticaram a atitude de Bolsonaro, que pode ser acusado de uso indevido do cargo. **PÁGINA 4**

Fonte: Acervo Digital OGlobo

Seguindo a narrativa de aproximação de Bolsonaro como um personagem antidemocrático, o jornal carioca repercutiu o lançamento oficial da campanha com um foco diferente do pautado em março. Se há meses a atenção se destacara para as possíveis

propostas e linha de pensamento da campanha, desta vez, o jornal carioca optou por reforçar a relação de conflito de Bolsonaro com o STF.

O conteúdo da matéria mostra Bolsonaro contra o judiciário, mas ao lado do Executivo e do Legislativo, destacando um foco da narrativa bolsonarista. Um ponto importante pautado pelo jornal carioca é a fala do presidente ao convocar seus apoiadores para um ato final no dia 7 de setembro “Disse que o exército não admite fraude” (OGlobo, 25/07/2022, pág 04) deixando aberta a possibilidade das forças militares entrarem em ação caso o resultado das urnas não seja o esperado.

Imagem 39: Repercussão lançamento oficial da campanha reforça embate com STF (OGlobo, 19 de julho, CAPA e p. 04)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

## 4.2 Primeiro Turno

O jornal O Globo, em sua edição de 17 de agosto de 2022, marca o início do primeiro turno das eleições. Essa edição também destacava o evento de posse do ministro Alexandre de Moraes como presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), dando início ao período de campanha. Seguindo a linha de destacar o candidato à reeleição Jair Bolsonaro como uma ameaça às instituições democráticas, o jornal carioca enfatiza a presença do presidente e o

embate com o ministro, que tem sido frequentemente alvo de ataques dos grupos bolsonaristas.

Imagem: 40: O Globo divulga posse de Alexandre com recados a Bolsonaro. (O Globo, 17 de agosto, p. 04)



Fonte: Acervo Digital O Globo

Retomando padrões conhecidos da produção jornalística, observa-se que os jornalistas André de Souza, Mariana Muniz, Jussara Suares, Bruno Góes e Jeniffer Gularte destacam as falas de Alexandre de Moraes como um recado, principalmente, para Bolsonaro. A opção dos jornalistas por reforçar a narrativa de embate entre Bolsonaro e o Judiciário corrobora o discurso antidemocrático que recai sobre o presidente.

Essa construção textual noticiosa ocorre em um momento importante para o cenário político, com o início oficial das eleições. A presença de Bolsonaro na posse de Alexandre de Moraes como presidente do TSE poderia simbolizar uma trégua nas relações, mas não é isso que o jornal carioca aponta. A participação do candidato à reeleição não recebe destaque, uma vez que, assim como outras autoridades, o presidente não teve uma participação efetiva no evento com falas e acenos contra o ministro. No entanto, ao interpretarem as falas da posse como um recado, os jornalistas pautam o evento a partir de dois personagens antagonistas: Bolsonaro e Alexandre de Moraes.

Durante a pré-campanha, a narrativa de um candidato agressivo e antidemocrático foi construída com base nas falas de Bolsonaro e no ato de perdoar Daniel Silveira, como um

ponto-chave nessa relação. Durante a campanha efetiva, o tema das fake news começará a aparecer como um ingrediente dessa narrativa de construção de um personagem grosseiro.

Matéria assinada pelos jornalistas Bernardo Mello e Bruno Góes, ressalta que a campanha baseada na desinformação ocorre de ambos os lados. No entanto, a construção das informações coloca a candidatura bolsonarista como protagonista nessas ações. Por exemplo, é mencionado que a campanha de Lula acionou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pedindo a derrubada de publicações em 67 perfis, incluindo o do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) (O Globo, 18/08/2022, pág. 04). Além disso, as imagens utilizadas reforçam a narrativa de um ataque massivo e frequente do grupo bolsonarista, o que instaura na campanha do presidente um tom de fake news e agressividade como pode ser observado na ilustração da imagem 41 a seguir que aponta fatos ruins e mentirosos sobre o candidato do PT em fatos positivos do candidato Bolsonaro.

Imagem 41: Fake news bolsonaristas são destaque (OGlobo, 18 de agosto, p. 04)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

A união do discurso mentiroso e antidemocrático que recai representativamente sobre o presidente também é evidenciada na edição de 23 de agosto, onde OGlobo repercute a sabatina do candidato no Jornal Nacional. Nessa publicação, o jornal carioca utiliza a expressão "Bolsonaro mente" para se referir às falas do presidente sobre as urnas. Além disso, reforça a narrativa antidemocrática do discurso bolsonarista ao destacar a fala de Bolsonaro que condiciona aceitar o resultado das eleições *se elas forem limpas e transparentes*. Dessa forma, sugere-se ao leitor questionamentos como: O que seriam eleições limpas e transparentes para Bolsonaro? Corremos realmente o risco de um golpe em caso de derrota?

Imagem 42: Repercussão sabatina do Jornal Nacional (OGlobo, 23 de agosto, p. 04)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

No primeiro capítulo da matéria, que desta vez não é assinada por jornalista, é feito um resumo da sabatina. Em síntese, o jornal OGlobo aponta que o candidato à reeleição mentiu em todos os pontos abordados e não garantiu que irá aceitar o resultado das eleições. O jornal segue a construção sólida de uma narrativa que vincula Bolsonaro ao discurso antidemocrático e mentiroso, de forma que um alimenta o outro. As mentiras contadas pelo candidato são justificativas usadas por ele para desafiar o Judiciário e questionar a legitimidade das eleições.

A edição de 8 de setembro marca um ponto de destaque na narrativa antidemocrática da campanha bolsonarista. Assim como na pré-campanha, quando Bolsonaro perdoou Daniel Silveira em um movimento contra o STF, o jornal OGlobo repercutira a ação como um ataque às instituições e à democracia. Nesta edição, após os eventos de 7 de setembro, o jornal carioca repercutiu as falas do presidente, com destaque para os ataques ao STF. Em matéria sem assinatura de jornalistas, o jornal carioca destaca uma fala do presidente que é definida como uma ameaça ao Supremo Tribunal Eleitoral: "(Vamos) trazer de volta às quatro linhas quem ousou ficar fora", disse o presidente durante seu discurso a apoiadores presentes nas

manifestações do 7 de setembro. A expressão refere-se ao começo da Constituição de 1988 e seus 4 princípios fundamentais.

A narrativa de Jair Messias Bolsonaro de usar a Carta Magna como justificativa para seus atos é uma relação conflituosa que está sendo explorada pelo jornal O Globo, assim como foi apontada a contradição entre suas falas mentirosas e a segurança das urnas.

Imagem 43: Repercussão evento de independência (O Globo, 8 de setembro, CAPA)



Fonte: Acervo Digital O Globo

Outro fato importante que é repercutido pelo O Globo nesta capa é a fala definida como machista do presidente ao se autodefinir como "imbrotável". Essa construção de um personagem machista sobre Bolsonaro aparece primeiramente na edição de 25 de agosto, que repercutiu o primeiro debate entre os candidatos, realizado pela Rede Bandeirantes (Band). Nessa edição, o jornal O Globo define como um dos temas principais do debate, os ataques do presidente às mulheres, recebendo destaque na manchete. Diferente da divulgação das falas de 7 de setembro, em agosto, a palavra especificamente "machismo" não aparece, mas a construção é feita ao ponto de destacar e abordar o evento a partir dos ataques do presidente contra as candidatas e as jornalistas presentes.



A definição das falas de Bolsonaro é frequentemente acompanhada do termo "ataque". Já vimos anteriormente essa palavra sendo usada para definir posicionamentos do presidente sobre ministros do STF, as eleições e a democracia. Dessa vez, o jornal divulga que "Bolsonaro atacou a jornalista Vera Magalhães". A matéria também menciona que, ao ser questionado pelas candidatas presentes sobre sua fala, Jair Bolsonaro desdenhou e definiu a atitude como "mimimi".

Imagem 44: Primeiro debate (OGlobo, 8 de setembro, CAPA e p. 04)



Fonte: Acervo Digital OGlobo

Aproximando-se da disputa eleitoral, o jornal carioca, durante o período do primeiro turno, trabalhou a narrativa sobre a força eleitoral de Bolsonaro. Em uma eleição marcada pela polarização, na qual candidatos de lados completamente opostos competem, a possibilidade de parecer mais forte é importante para o momento eleitoral, essa é uma interpretação que facilmente pode ser percebida pela tentativa dos candidatos de se mostrarem relevantes e favoritos para a disputa.

Já no início da campanha eleitoral, na edição de 20 de agosto, OGlobo pauta a cobrança do PL pela fidelidade dos candidatos espalhados pelo Brasil à campanha bolsonarista. O jornal aponta a possibilidade de candidatos estarem escondendo a imagem do presidente, desvinculando-se assim da sua imagem. Esse fato divulgado pelo jornal carioca aponta para um enfraquecimento da imagem de Bolsonaro como captador de votos, ao ponto de pessoas

do seu próprio partido não quererem ter sua imagem vinculada. A vontade e necessidade de cabos eleitorais de atrelar sua imagem ao candidato forte seria uma maneira de mostrar o candidato Bolsonaro como forte e cheio de aliados, mas no momento que o contrário acontece e seus supostos aliados não se juntam ele aparenta para o eleitor uma candidatura fraca por não ter tantos apoios.

Como apontado anteriormente, em uma campanha tão polarizada, a briga por espaço e a demonstração de força são fundamentais para o êxito nas urnas. As jornalistas Marlen Couto e Berenice Seara comprovam para o leitor o enfraquecimento de Bolsonaro perante seus aliados com a repercussão de um levantamento feito pelo jornal O Globo. Nesta pesquisa, os jornalistas descobrem que nas principais candidaturas, considerando governo e senado, os perfis desses cinco candidatos no Facebook só mencionam Bolsonaro em apenas 10% das postagens nos últimos três meses.

Imagem 45: O Globo aponta enfraquecimento eleitoral de Bolsonaro (O Globo, 20 agosto, p. 04)



Ao mesmo tempo em que o levantamento feito pelo jornal carioca aponta um baixo número de citações ao presidente, destaca-se também o fato de a divulgação de dados ser extremamente específica, limitando-se a apenas cinco candidatos em uma única rede social, o Facebook, que neste momento vinha perdendo força entre os usuários.

Esse fator de especificidade do levantamento mostra a construção de uma queda que talvez não seja real. Será que Bolsonaro aparece em outras redes? Como é o material físico de campanha desses candidatos? O jornal levanta a narrativa de um personagem fraco para o

leitor sendo explicitamente exposta na edição de 25 de setembro, onde está mancheteado na capa: "Força eleitoral de Bolsonaro diminui em 15 estados e DF" (OGlobo, 25/09/2022, CAPA). A construção da narrativa pelo jornal OGlobo segue um padrão já visto anteriormente, em que se apresenta um fato e, dias depois, o jornal volta ao tema com uma afirmação contundente e clara.

O tom assertivo da produção jornalística é uma característica intrínseca à construção jornalística e à busca pela verdade, como apontado por Celi Pinto (2009). Será que esse posicionamento de verdade absoluta em um momento eleitoral pode influenciar no resultado do pleito?

Novamente, a informação do enfraquecimento de Bolsonaro é baseada em um levantamento feito pelo jornal carioca. Neste momento, a comparação é em relação às eleições de 2018. Mesmo que seja interessante entender a perda de capital político do presidente durante o mandato, a comparação parece um pouco descabida, uma vez que o contexto político era outro, inclusive, em relação ao adversário, que em 2018 tinha menos força de captação do que o atual.

A narrativa se completa entre a capa e a matéria divulgada na página 04 da edição de 25 de setembro: "Bolsonaro chega à reta final menor do que em 2018 em 15 estados e DF" (OGlobo, 25/09/2022, pág. 04). A opção das jornalistas Marlen Couto e Ana Flávia Pilar por ressaltar a "reta final" da campanha cria um sentimento de urgência no leitor, ligando assim a matéria diretamente ao dia da votação que se aproxima.

Durante o primeiro turno, OGlobo tratou de seguir a mesma narrativa construída durante a pré-campanha, porém, focando mais no personagem Jair Bolsonaro e não nos atos de governo, quando destacou os investimentos feitos próximos da campanha. Essa mudança no direcionamento das matérias publicadas pelo jornal carioca pode se dar por um maior interesse do jornal carioca de apontar uma narrativa sobre a campanha bolsonarista, desvinculando sua imagem do governo e reforçando seus atos como candidato e não como presidente que tenta a reeleição. Já no segundo turno, as pautas publicadas pelo jornal carioca sofrem uma nova mudança.

### **4.3 Segundo Turno**

Inicialmente, abordamos o fato de que o discurso do jornal OGlobo na construção de narrativas sobre o candidato à reeleição Jair Bolsonaro diminuiu ao longo da campanha, conforme observado no posicionamento do jornal.

No segundo turno, essa redução se apresenta pelo jornal não dar maior destaque a nenhum dos candidatos, abordando principalmente, pautas que tratam das eleições como um todo e mencionando de forma direta ambos os candidatos na matéria principal da capa em pelo menos metade das edições do mês de outubro.

Dessa forma, se durante o primeiro turno uma das representações que o jornal carioca apresentou sobre Bolsonaro foi a de um candidato enfraquecido, agora no segundo turno a narrativa muda a favor do presidente. Enquanto dias antes do primeiro turno o jornal carioca noticiou o enfraquecimento de Bolsonaro em 15 estados, levantando a possibilidade das eleições terminarem ainda no primeiro turno, o segundo turno começa de forma diferente.

Imagem 46: Eleição acirrada (OGlobo, 3 de outubro, CAPA)



Fonte: Acervo Digital O Globo

Se a narrativa durante o primeiro turno apontou um candidato sem apoio, agora é indicado que o presidente contará com aqueles que antes se afastavam de sua imagem. O jornal opta por se referir ao candidato como presidente, destacando seu êxito surpreendente. No entanto, o uso da palavra "presidente", embora obviamente se refira a Bolsonaro, pode causar ambiguidade, uma vez que uma parcela do eleitorado também se refere a Lula como presidente. Assim, o jornal carioca afasta a notícia positiva da campanha bolsonarista.

A utilização da palavra "presidente" para descrever um candidato que alcança um resultado surpreendente nas eleições permite ao leitor interpretar quem seria esse indivíduo bem-sucedido. Ao ler, eu entendo que o candidato A é o presidente, enquanto outros leitores

podem questionar se o presidente se refere ao resultado inesperado do candidato B. Assim, o jornal carioca não está necessariamente se referindo a um candidato específico.

Divulgada a matéria, sem a assinatura de jornalistas, o jornal fala não apenas do êxito de Bolsonaro em sua campanha, mas também de seus aliados no Senado e no Governo Estadual. A representação de um Bolsonaro fortalecido é noticiada à medida que o segundo turno se desenrola. Em 5 de outubro, O Globo expõe a campanha bolsonarista fortalecida com o apoio dos candidatos ao governo de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Essa relação é comparada com a matéria que divulgava um candidato que não aparecia na campanha de seus próprios aliados, agora recebendo o apoio de Zema (NOVO), reeleito no governo de Minas no primeiro turno, e Rodrigo Garcia (PSDB), atual governador de São Paulo, que não é do mesmo partido.

A manchete divulga uma relação consolidada. Será que o candidato sempre esteve ao lado dessas figuras, mas somente agora esse apoio se torna público? A ideia de algo sólido fortalece a representação da candidatura, um ponto que o jornal agendava com destaque para a distância de Bolsonaro para seus aliados que não atrelaram sua imagem.

Imagem 47: Consolidação de apoios a campanha bolsonarista (OGlobo, 5 de outubro, CAPA)



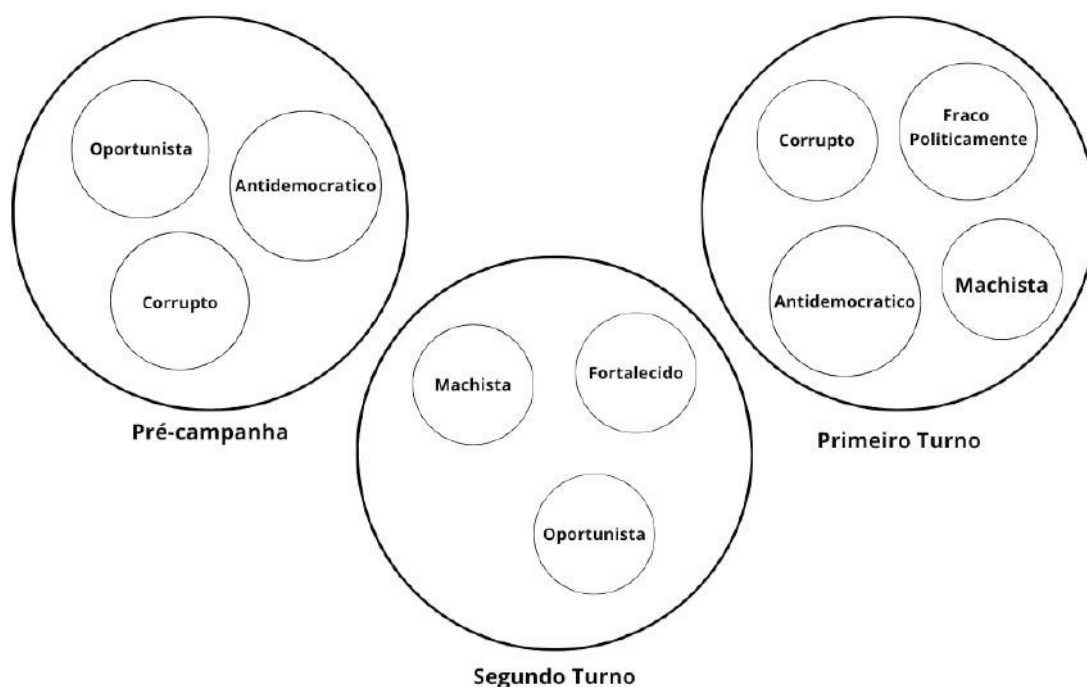
Fonte: Acervo Digital O Globo

A evolução da campanha bolsonarista fica clara nas matérias divulgadas pelo O Globo. As edições contrastam com os períodos anteriores em que se viu uma candidatura

despreparada, incompetente, oportunista, corrupta, antidemocrática e politicamente fraca. Os temas diretamente ligados ao personagem Jair Messias Bolsonaro deixaram de aparecer nas páginas do jornal carioca à medida que as eleições se aproximavam, talvez como uma forma do jornal se distanciar de um candidato específico e se proteger de possíveis punições do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Imagem 48: Gráfico das representações do candidato Jair Bolsonaro durante os três períodos eleitorais.

### Representações do candidato pelo jornal O Globo



Crédito: Guilherme Henriques

No entanto, como mencionado anteriormente, a construção da narrativa pelo O Globo é baseada em fases. Neste momento, o jornal noticia a melhora na força eleitoral de Bolsonaro, mas surge a terceira fase dessa construção na edição de 9 de outubro. Nesse momento, os jornalistas Marlen Couto e Nicolas Iory justificam a melhora da campanha com um fato que já havia sido criticado pelo jornal anteriormente.

Imagem 49: Jornal relaciona avanço de Bolsonaro ao Auxílio Brasil  
(OGlobo, 9 de outubro, p. 04)



Bolsonaro: Presidente tem assente expressão de volta nas cidades mais regadas pelo benefício. Lula: Apoio maior, porém não a maioria 57% em municípios mais dependentes de Auxílio

## **EXPANSÃO ELEITORAL**

Avanço de Bolsonaro é maior em  
cidades mais dependentes do Auxílio

Fonte: Acervo Digital OGlobo

Finalizando as representações, os jornalistas fazem novamente a comparação entre o resultado obtido pelo presidente em 2018, apontando que Bolsonaro teve um avanço maior nas cidades mais beneficiadas pelo Auxílio Brasil. Relacionar um fato positivo a outro que já foi considerado eleitoreiro e, portanto, negativo pelo jornal, resgata uma representação negativa para a campanha bolsonarista no fim das eleições.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso se buscou analisar qual a representação do jornal carioca O Globo realizou do candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro durante os três períodos das eleições presidenciais que ocorreram de março a novembro de 2022. A relevância deste trabalho está relacionada à maneira como percebemos a política e sua relação com a mídia, em especial, o jornal O Globo com grande circulação nacional. O pensamento crítico acerca da relação entre mídia e política é fundamental para a construção de um debate saudável sobre um tema que, mesmo que indiretamente, está presente na vida de todo brasileiro.

O momento histórico-político da última década e um franco interesse pelo tema político construíram o interesse e a relevância deste trabalho. O Brasil passa por um período de intensa polarização ideológica, em que diferentes grupos políticos apresentam visões conflitantes sobre questões fundamentais. Além disso, questões como a corrupção, a desigualdade social e econômica, a sustentabilidade ambiental e a busca por uma governança eficiente têm sido temas amplamente discutidos e debatidos na sociedade. As eleições e os processos de tomada de decisão têm se tornado cada vez mais complexos e influenciados pelo poder das redes sociais e das mídias. Nesse contexto, se faz importante levantar um debate sobre a relação do principal jornal do país com o candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro.

A partir das teorias do jornalismo, da teoria democracia baseadas nos conceitos de Nelson Traquina, em conjunto com análise do discurso das matérias analisadas do jornal O Globo, foi possível perceber que o jornal carioca seguiu um tom crítico relacionado ao candidato à reeleição, de forma que se construiu a representação do candidato durante o período eleitoral baseado na desconstrução de suas bandeiras eleitorais.

Esse tom na representação pode ser notado através da análise feita das matérias e como a representação do candidato coincidia com o discurso eleitoral feito pela campanha bolsonarista. No momento em que o governo lança programas sociais o jornal classifica a ação como uma prática eleitoreira, ao tentar levantar a bandeira anticorrupção O Globo aponta que a prisão do ex-ministro da Educação quebrou esse discurso da campanha. Verificou-se também o afastamento do jornal de temas polêmicos relacionados às campanhas, de forma que não se compromettesse ou corresse risco de sofrer punições do Superior Tribunal Eleitoral (TSE).



Durante a análise, ficou evidente como o jornal carioca se utilizou das bandeiras eleitorais da campanha bolsonarista para construir as matérias a serem publicadas. Ou seja, a repercussão e a relevância dos fatos muitas vezes eram determinadas pela sua relação com os objetivos da campanha, em vez de serem baseadas nos acontecimentos em si.

A metodologia adotada neste estudo revelou a importância de compreender o impacto dos discursos midiáticos em nossa percepção e construção do mundo. Ficou claro como as teorias do jornalismo, a análise do discurso e a ciência política se interseccionam e se complementam, proporcionando uma abordagem abrangente e enriquecedora. Acredita-se que esse trabalho possa estimular novas pesquisas sobre a representação midiática no contexto político-eleitoral, buscando identificar possíveis mudanças de comportamento na produção jornalística.

Do ponto de vista profissional, essa pesquisa assume uma importância crucial em minha vida, pois além de fortalecer minha relação com a pesquisa científica, tem a utópica ideia de conscientizar futuros jornalistas sobre a importância da participação acadêmica e seu papel na construção do jornalismo do futuro. Sabendo que essa profissão influencia a imagem que construímos sobre o mundo, busca-se não apenas a responsabilidade de informar, mas também de apresentar à sociedade um pouco de um mundo que talvez elas nunca conheceriam. É papel do jornalista, seguindo os princípios éticos inerentes à profissão, construir uma realidade no imaginário de cada leitor.

## REFERÊNCIAS

- BENETTI, Marcia (2008.) . **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia (PUCSP) , v. 15, p. 13-28.
- CHARAUDEAU, P. Maingueneau (2004) **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto
- Cook, T. E. (2011). **O jornalismo político**. *Revista Brasileira De Ciência Política*, (6), 203–247. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1884>
- GOMESM. R. (2010). Jornalismo: poder disciplinar. *Revista Kairós-Gerontologia*, 12(Especial6).  
<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12iEspecial6p%0p>
- MENDONÇA, Daniel (2020) **A Ameaça da Egopolítica**. Trabalho apresentado no 12º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política. Paraíba
- MIGUELLuis Felipe.(2002) "**Os meios de comunicação e a prática política.**" Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo: 155-184.
- MOUNK Yascha. (2019) **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Cia das Letras.
- OLEGÁRIO, Micael e PARZIANELLO, Geder.(2023) **Diálogos do Pampa**. Teorias, métodos e objetos. São Paulo: Pimenta Cultural, Disponível em: [https://www.pimentacultural.com/files/ugd/055e5e\\_247fc27ae76e4f659c99cb1ccf26b583.pdf](https://www.pimentacultural.com/files/ugd/055e5e_247fc27ae76e4f659c99cb1ccf26b583.pdf).
- ORLANDI, Eni (1986) **Análise do Discurso: algumas observações**. In: Revista Delta, Vol. 2, no 1, p. 105-126. São Paulo: PUCSP
- ORLANDI, Eni. (2010) **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes Editores.
- PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie (1958). **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PINTOC. R. J. (2009). **ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DE DISCURSO POLÍTICO**. Barbarói, 78-109. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.821>
- TRAQUINA, Nelson. (2005) **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed.